



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

GONÇALO MIGUEL NUNES DOMINGOS

**A Educação Moral e Religiosa Católica
no Ensino Secundário**

**Um debate a partir da Unidade Letiva 2:
“Valores e Ética Cristã”**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Mestre Cristina Maria Ramos Cavalheiro de Sá Carvalho
Professor Doutor Jerónimo dos Santos Trigo**

**Lisboa
2013**

Agradecimentos

Quando nos propomos realizar um projeto fazemo-lo com a consciência de que este, no final, implica um obrigado a todas as pessoas que de algum modo tornaram possível a sua realização.

Agradeço aos meus professores Juan Ambrósio, Cristina de Sá Carvalho e Jerónimo Trigo, pela orientação e disponibilidade.

À colega e amiga Fátima Pereira e à minha madrinha Fátima Nunes, pela total disponibilidade e partilha de reflexões, o meu muito obrigado!

Aos meus amigos e toda a minha família, os meus irmãos e os meus pais, a quem muito devo, pelo apoio, incentivo e oração constante.

À minha esposa! Obrigado Catarina pela tua persistência, incentivo e apoio constante, por acreditares sempre em mim. Por teres escutado as minhas queixas, dúvidas e nos momentos mais difíceis estares sempre ao meu lado. Obrigado pelo teu amor incondicional! Sem ti não teria sido possível!

Introdução

Atualmente, vivemos numa sociedade em que tal se questiona, fazendo crer que tudo é relativo e por isso pode ser mudado sem que acarrete consequências para as pessoas envolvidas. Uma sociedade em que o Eu é o princípio supremo do pensar e do agir. Neste contexto, em que qualquer pensamento poderá comparar-se a uma mercadoria com fim de validade, apresentar propostas aferidas na pessoa de Jesus Cristo é de certeza uma provocação.

O docente de Educação Moral e Religiosa Católica é, no meio escolar, a voz e o agir que a cada momento aponta caminhos novos no contexto de sala de aula e junto dos colegas professores, sejam ou não cristãos. Enviado à escola, o docente é portador de valores supremos para a pessoa humana. Desses refiro-me aos valores éticos, morais e à cultura bíblica. Mas acima de tudo ele há-de apontar para a defesa intransigente da dignidade humana. A esta ousou associar a responsabilidade, a participação, a justiça, a fraternidade, bem como a realização pessoal com e na comunidade humana. Para concretizar estes valores é necessário percorrer algumas etapas com os alunos que lhe estão confiados. É muito importante a formação académica a todos os níveis, mas também a escolha das estratégias para que os alunos desenvolvam as suas aptidões reflexivas de forma livre e responsável.

Ser professor de Educação Moral e Religiosa Católica implica alicerçar em si mesmo o voluntariado de coração. Isto significa estar próximo do próximo para que tenha oportunidade de se integrar e mobilizar na sociedade em que está inserido, concretamente na escola. Urge cultivar com todos e cada aluno a capacidade do diálogo cultural, o conhecimento e o respeito pelas diversas religiões, sem pré-conceitos, mas conscientes e seguros da sua identidade. A semente de uma sociedade fraterna tem aqui o seu passaporte, na sociedade atual, ou seja, o conhecimento do outro, dos seus sonhos, projetos do seu ser e sentir religioso pode ser um caminho para a construção de uma sociedade alicerçada numa paz duradoura.

No areópago atual, ou seja, dos meios de comunicação, o docente de Educação Moral e Religiosa Católica não pode ficar amedrontado, mas terá que acompanhar mais a sala de aula, numa dinâmica de diálogo e de propostas alicerçadas na cultura cristã. Ser criativo e dinâmico na arte de educar é um desafio. O meio escolar compromete o educador cristão na integração de todos os alunos e a cooperar com todos na

comunidade escolar. A escola como descoberta da vida e de humanização é assim enriquecida com a presença e atuação do educador cristão, o docente de Educação Moral e Religiosa Católica.

Numa cultura volátil, torna-se imperioso semear a cultura da esperança para o aluno, que se prepara para ser o ator da cidade. A escola pode e deve ser o lugar onde ele se descobre como pessoa digna e corresponsável. O docente de Educação Moral e Religiosa Católica tem na sua génese a pessoa de Jesus Cristo que chamou e amou os não amados. Gostaria que todo o meu trabalho / reflexão tivesse como horizonte a formação da consciência, ajudar cada aluno a formar-se e a autoformar-se numa dinâmica de contínuo crescimento interior. Finalmente que o contributo de Educação Moral e Religiosa Católica possa ajudar os jovens estudantes a se comprometerem na sociedade prestando os seus serviços com elevado sentido de serviço.

Capítulo I – Prática de Ensino

1. Caraterização da escola

A Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho situa-se atualmente no centro de Lisboa, na Rua Rodrigo da Fonseca (freguesia de São Sebastião da Pedreira), entre a zona do Marquês de Pombal e o Centro Comercial Amoreiras, desde o ano letivo de 1933-1934, denominada na altura por Liceu Feminino de Maria Amália Vaz de Carvalho.

Esta escola foi criada em 1885, ocupando primeiramente um edifício no Largo do Contador-Mor, em Alfama. Em 1906, é instituída como o primeiro liceu feminino em Portugal, instalada num Edifício no Largo do Carmo. O então Liceu Maria Pia, em 1911, acaba por ser transferido para o palácio Valadares.

A Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho começou a receber, gradualmente, a partir do ano letivo de 1975-1976, as suas primeiras turmas mistas. Com a unificação do ensino secundário, o Liceu passa, tal como todos os restantes liceus do país, a designar-se Escola Secundária.

Atualmente é uma escola exclusivamente de ensino secundário, com cursos diurnos e noturnos. Estudaram nesta escola, no ano letivo 2011-2012, mil duzentos e onze alunos e formandos, dos quais mil e oitenta e seis frequentaram cursos científico-humanísticos do ensino secundário regular (quarenta e oito turmas) e quarenta e sete integraram as duas turmas dos cursos profissionais (de Técnico de Marketing e de Técnico de Apoio à Gestão Desportiva). Em regime noturno funcionaram cursos de educação e formação de adultos (trinta e sete formandos) e formações modulares (quarenta e um formandos), todos de nível secundário.

A percentagem de alunos naturais de outros países é de 10,7%, com predomínio para os oriundos do Brasil e países africanos de língua oficial portuguesa.

Relativamente à ação social escolar, 89,9% dos alunos beneficiaram de auxílios económicos. Já no que respeita às tecnologias de informação e comunicação, 90,5% dos alunos possuíam computador e internet em casa.

Os indicadores relativos à formação académica dos pais dos alunos indicam que 63,4% tinham uma formação de nível secundário ou superior. Quanto à ocupação

profissional, 41,9% dos pais exerciam atividades profissionais de nível superior e intermédio.

Trabalhavam na escola cento e dezanove docentes, dos quais 81,5% pertenciam aos quadros, sendo professores efetivos nesta escola há muitos anos, pelo que o corpo docente era estável, com experiência profissional e qualificado. Assim, a experiência profissional era significativa, pois apenas 14,3% lecionavam há menos de dez anos. Pelo contrário, dos vinte e dois trabalhadores não docentes 40,9% tinham menos de dez anos de serviço, sendo o pessoal não docente muito escasso para a quantidade de alunos que frequentavam a escola e para a dimensão do edifício.

No ano letivo de 2010-2011 os valores das variáveis de contexto da Escola eram: 91% dos alunos não beneficiaram da ação social escolar; 42% dos pais exerciam atividades profissionais de nível superior e intermédio e 53% possuíam uma formação de nível secundário ou superior. Situam-se genericamente sempre acima dos valores medianos nacionais ou mais próximos destes, no caso da percentagem de docentes pertencentes aos quadros e da assiduidade dos trabalhadores.

A Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho foi avaliada em 2011-2012 pela Inspeção Geral da Educação, tendo tido a classificação de suficiente no domínio dos resultados e bom nos domínios de prestação do serviço educativo e na liderança e gestão escolar.

Relativamente ao primeiro domínio, “resultados”, a Inspeção Geral da Educação considerou que as taxas de transição, no triénio de 2008-2009 a 2010-2011, do 10º ano e do 11º ano e de conclusão do 12º ano de escolaridade mostram involução e flutuação quanto aos resultados escolares dos alunos da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho. As taxas globais de sucesso, no referido triénio, no ensino secundário revelam involução e são sempre inferiores às médias nacionais.

Dado o contexto sócio económico, em que os valores das respetivas variáveis se situam genericamente acima da mediana nacional, esperar-se-iam resultados também acima dos valores medianos nacionais, o que não veio a acontecer, ou seja, os resultados situam-se abaixo ou ao nível do esperado.

O desenvolvimento cívico e a aprendizagem para a cidadania têm sido promovidos pela escola, incidindo muito na participação e interação social, na solidariedade e na promoção de hábitos de vida saudáveis, para um efetivo desenvolvimento integral dos alunos. Esta é uma área muito valorizada e visível nas ações diversificadas e motivadoras, que permitem a participação e a responsabilização

dos alunos, nomeadamente através da associação de estudantes e das assembleias de delegados, na dinamização de atividades conducentes a uma maior identificação dos alunos com a escola.

De um modo geral, os alunos tinham um comportamento disciplinado, um bom relacionamento com docentes e não docentes e mostravam conhecer as regras de funcionamento. A ocorrência de casos pontuais de comportamentos pouco adequados poderiam, algumas vezes, não favorecer um ambiente calmo e de respeito, propiciador das aprendizagens.

Na Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica estavam inscritos, no início do ano letivo, onze alunos. Com o trabalho desenvolvido nas aulas e no decorrer do primeiro período, mais alguns alunos se inscreveram na Disciplina, totalizando dezasseis alunos, um aumento a rondar os 50% dos alunos que optaram pela participação e inscrição nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica. Um trabalho que se deve também aos onze alunos que até então faziam parte desta turma. A maior parte dos alunos provinham de famílias de nível médio e médio-alto e tinham como primeiro objetivo prosseguir os estudos superiores.

Aberta a alunos, a escola também estava aberta à formação profissional dos seus professores, sendo núcleo de estágios da Universidade de Lisboa, da Universidade Autónoma e da Universidade Católica Portuguesa.

2. Caraterização da turma e escolha das competências a trabalhar

A turma da Prática de Ensino Supervisionada era constituída por catorze alunos, provenientes do 11º ano de escolaridade.

Num total de catorze alunos, oito eram do sexo feminino e seis do sexo masculino.

No início do ano letivo, a idade média dos alunos era de dezasseis anos. O facto de os alunos serem oriundos de turmas diferentes e não se conhecerem evidenciavam poucos hábitos de relação interpessoal. Revelaram desde o primeiro período uma grande maturidade e empatia com os colegas e professor. O comportamento dos alunos era bastante satisfatório. Dentro da sala de aula eram respeitosos, atenciosos e participativos.

A situação familiar destes alunos era estável. Todos os encarregados de educação trabalhavam exceto um que era reformado. Havia um aluno que tinha os pais separados e nenhum dos alunos tinha Necessidades Educativas Especiais.

Arends refere que um dos mais importantes desafios que o professor enfrenta é o de compreender a diversidade dentro do grupo de alunos e perceber como estes aprendem¹. Foi a partir desta pequena reflexão do Arends que optei precisamente por lecionar a Unidade Letiva 2, “Valores e ética cristã”, e a Unidade Letiva 4, “A civilização do amor”, para melhor perceber a realidade, as motivações e objetivos destes alunos. Considerei que para os alunos seria igualmente importante estudarmos estas Unidades Letivas e aprofundar os valores de cada um, pelo facto de eles serem oriundos justamente de diferentes turmas, pois a diferença de capacidade, de ideias e pensamentos, de talentos e estilos de aprendizagem divergiam ainda mais nestes alunos.

Foram escolhidas, propositadamente, poucas competências para trabalhar, ao longo deste ano letivo, para que pudessem ser bem trabalhadas e desenvolvidas. Também as competências de cooperação, autonomia e integração foram incluídas nas planificações e aulas para igualmente serem trabalhadas e desenvolvidas, pelo facto, como já foi referido, de estes alunos serem oriundos de diversas turmas e se confrontarem com as habituais exigências que são visíveis no ensino secundário. Assim, considerei fundamental incluir competências durante a leção das Unidades Letivas e a participação das atividades constantes no Plano Anual de Atividades.

As competências selecionadas para trabalhar, inserem-se, maioritariamente, no domínio da ética, da moral e da cultura bíblica. Estas competências foram escolhidas tendo igualmente em conta a faixa etária dos alunos, o seu desenvolvimento psicológico e o Projeto Educativo da Escola. Porém, as competências não se esgotam nos valores sociais e ético morais que o programa propõe. A prática letiva leva-nos mais longe, isto é, os alunos também são portadores de valores e competências sócio morais valorativos. Os docentes, em geral, lamentam-se da falta de valores, mas não ousam tutelar valores que seriam importantes para o sucesso da sua prática letiva. Assim, os resultados que tanto reclamam continuarão a não corresponder à qualidade que a escola gostaria de obter.

Sendo esta uma escola, exclusivamente, de ensino secundário, onde as preocupações se centram no «educar para o conhecimento e para a cidadania» e,

¹ Cf. ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill Interamericana de España, S.A.U., Espanha, 2008⁷, p. 41.

revelando o Projeto Educativo da Escola que os alunos têm «alguns problemas de adaptação e de interiorização de regras democráticas de convivência e de civismo», considero que a Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, através destas suas competências específicas, pode dar um valioso contributo para que as finalidades a que se propõe o Projeto Educativo da Escola sejam alcançadas.

Neste sentido, as competências selecionadas visam promover uma cultura de respeito pela dignidade humana, de participação e de responsabilidade na construção de uma cidadania que faça os alunos intervir na sociedade, com justiça e fraternidade, preparando-os, assim, para a sua realização pessoal, através de uma proposta de formação cristã.

Estando estes alunos numa fase tão importante das suas vidas, quer ao nível de escolhas profissionais (o Projeto Educativo da Escola diz-nos que os alunos que escolhem esta escola querem prosseguir estudos superiores), quer no plano da construção da sua identidade, as competências escolhidas permitem ajudar os alunos no campo do desenvolvimento intelectual e no seu desenvolvimento pessoal e social. Estas competências ajudam também os alunos na construção das suas atitudes e comportamentos.

Os alunos durante todo o ano letivo foram assíduos, participativos, atentos e interventivos nas aulas, o que demonstrou o seu interesse pelas atividades e dinâmicas propostas em todas as aulas. Só assim foi possível concretizar, da melhor forma, todas as estratégias que estavam previstas. A professora cooperante, Mestre Fátima Lopes, teve um papel importante no auxílio e apoio a todas as iniciativas, dinâmicas de trabalho, atividades e projetos, para que todas as competências fossem sempre bem trabalhadas e desenvolvidas, alcançadas de forma mais evidente pelos alunos.

3. Interesses e gostos dos alunos: a motivação para a aprendizagem

Durante as aulas e conforme o trabalho desenvolvido nas mesmas, os alunos eram convidados a exprimirem-se de formas diversas. Os seus interesses e gostos pessoais foram partilhados com os outros colegas, as suas ideias e intenções, conseguindo assim ajudar alguns colegas a valorizarem determinados aspetos da sua vida pessoal que até então não o tinham conseguido fazer e ao mesmo tempo valorizar outros valores que para eles não faziam tanto sentido. Estes valores muitas vezes

passavam-lhes ao lado e não lhes davam a devida importância. Foi com esta interação e cooperação de ideias que os alunos se foram ajudando mutuamente, encontrando algumas respostas pertinentes e clarificando outras.

Os alunos têm como preferência nos seus tempos livres praticar desporto, ouvir música, ler e passear. A maior parte deles têm como programas favoritos televisivos as séries dos canais por cabo. Quanto às suas profissões de sonho elas passam por gestores, economistas, advogados, juízes, veterinários, médicos e professores. Destacaria esta última, pois já não é com tanta frequência, que se encontram alunos adolescentes e jovens a preferirem ou desejarem seguir a sua vida profissional no ensino, dada a instabilidade profissional que se vive constantemente. A área da docência não fica nada atrás destas estatísticas e notícias preocupantes. Na minha adolescência muitos gostariam de o ser ou pensavam em sê-lo. Aprender a ser professor é uma viagem longa e complexa, repleta de desafios e entusiasmo. Começa muitas vezes com brincadeiras na nossa infância, continua enquanto observamos professor após professor, ao longo de duas décadas de escolaridade, e termina formalmente com a formação profissional, continuando no entanto ao longo de uma vida inteira de experiências e vivências de ensino.

Querendo aproximar cada vez mais alunos e professores nesta longa experiência de ensino, Arends descreve a “interação real e face a face entre os professores e os seus alunos”², abordando por um lado os modelos centrados no professor e por outro, os modelos centrados no aluno. Os modelos básicos de instrução centrados no professor, considerados os mais tradicionais, são a exposição, a instrução direta e o ensino de conceitos. Os modelos que se centram especificamente nas abordagens contemporâneas centradas no aluno, assim como nas formas de utilizar diferentes abordagens em conjunto para satisfazer a variedade de objetivos de instrução são: aprendizagem cooperativa, aprendizagem baseada em problemas e discussão em sala de aula³.

Os três primeiros modelos referidos, os modelos centrados no professor, “têm origem, sobretudo, na teoria da aprendizagem social e nas teorias de aprendizagem comportamental e de processamento de informação. São mais ou menos centradas no professor e apresentam várias semelhanças, o seu intuito é ajudar os alunos a alcançar

² ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, p. 251.

³ Cf. *Ibidem*, p. 25.

objetivos predefinidos de conhecimento, aquisição de capacidades e aprendizagem de conceitos”⁴.

Os outros modelos de ensino, centrados no aluno, defendem que “o conhecimento, em vez de ser objetivo é fixo, é de certa forma pessoal, social e cultural. O significado é construído pelo aprendente através da experiência”⁵. Muitas das características dos três modelos são as mesmas, “todos eles encorajam a interação dos alunos com o professor e entre os alunos, todos eles encorajam a inquirição pelo aluno e a exploração de ideias. Todos eles requerem um ambiente de aprendizagem livre de ameaças e caracterizado pela autonomia e pelo apoio”⁶.

Cada um destes modelos, como é natural, possuem vantagens e desvantagens. Assim, depende muito a quem nos dirigimos, a idade dos alunos, a sua natureza, raça, cultura, classe social e também o tipo de objetivos que o professor pretende alcançar. É fundamental que o professor conheça bem os seus alunos, para perceber qual a estratégia, método ou tática mais adequada que deverá aplicar.

Tendo estes pontos em consideração, e sabendo que em qualquer um dos casos ou modelos a sabedoria acumulada pelos professores experientes ao longo dos anos também é um fator importante, podem e devem orientar os professores em início de carreira na sua procura para compreender e executar todos os modelos de ensino.

Vou debruçar-me sobre a aprendizagem cooperativa, um dos modelos centrados no aluno, pois entendo que, mais do que nunca, e apercebendo-me da situação do ensino, a vontade de aprender ou simplesmente de andar na escola por parte dos alunos é cada vez mais remota. Por outro lado, no caso concreto em que os alunos não são obrigados a escolher ou a inscreverem-se nesta Disciplina, os docentes de Educação Moral e Religiosa Católica devem ir ao encontro dos alunos, fazendo aquilo que eles mais gostam ou apreciam, para os tentar cativar e entusiasmar na sua própria aprendizagem. Podemos ensinar, ou eles podem aprender, de diversos modos ou formas. Assim, privilegiei este modelo centrado no aluno, também pela interação que existe não só entre os alunos mas também com o professor. Por último, este é um modelo também “dedicado” ou aconselhado aos professores que lecionam nos seus primeiros anos como docentes, que é o meu caso.

⁴ ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, p. 252.

⁵ *Ibidem*, p. 339.

⁶ *Ibidem*, p. 340.

A aprendizagem cooperativa, como os outros modelos, também se caracteriza em três estruturas, ou seja, a tarefa, os objetivos e a recompensa⁷. Neste modelo da aprendizagem cooperativa “as estruturas de tarefas compreendem a forma como as aulas são organizadas e o tipo de trabalho que é pedido aos alunos”⁸. Esta estrutura exige que os alunos trabalhem juntos em tarefas escolares e em pequenos grupos.

“A estrutura de objetivos de uma aula define o nível de interdependência exigida aos alunos enquanto realizam o seu trabalho”⁹. Desta forma, são identificados três tipos de estruturas de objetivos: as estruturas de objetivos são individualistas se a realização do objetivo educacional não requer interação com os outros e se não estiver relacionada com o desempenho dos outros. Existem estruturas de objetivos competitivas quando os alunos percebem que conseguem alcançar os seus objetivos se os outros alunos não conseguirem alcançar os seus; e existem estruturas de objetivos cooperativas quando os alunos só conseguem alcançar o seu objetivo quando os outros alunos, com quem estão a trabalhar, conseguirem alcançar os seus¹⁰.

“A estrutura de recompensa também pode variar nos diferentes modelos educacionais, tal como as estruturas de objetivos podem ser individualistas, competitivas ou cooperativas, também as estruturas de recompensa o podem ser”¹¹. Esta estrutura requer o reconhecimento dos grupos, bem como o esforço individual de cada um.

Os alunos em situações de aprendizagem cooperativa são encorajados e / ou obrigados a trabalhar em conjunto numa tarefa comum e têm de coordenar os seus esforços para concluírem a tarefa. “As aulas de aprendizagem cooperativa podem ser caracterizadas pelos seguintes aspetos: os alunos trabalham em equipas para atingirem os objetivos de aprendizagem; as equipas são constituídas por alunos com um rendimento elevado, médio e fraco, sempre que possível, as equipas incluem uma mistura de raças, de culturas e de género; os sistemas de recompensa são orientados para o grupo assim como para o indivíduo”¹².

“O modelo de aprendizagem cooperativo foi desenvolvido para satisfazer, pelo menos, três importantes objetivos educacionais: realização escolar, tolerância e

⁷ Cf. ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, p. 344.

⁸ *L. Cit.*

⁹ *L. Cit.*

¹⁰ *L. Cit.*

¹¹ *L. Cit.*

¹² *Ibidem*, p. 345.

aceitação da diversidade e desenvolvimento de competências sociais”¹³. A aprendizagem cooperativa pode ajudar os bons e os maus alunos que trabalham juntos em tarefas escolares. Os alunos com mais capacidades orientam os alunos com pior desempenho dando assim uma atenção especial aos pares com quem partilham os interesses e a linguagem dos jovens. Neste processo, os bons alunos retiram dividendos escolares já que ser orientador requer um pensamento mais profundo e sério acerca das relações entre as ideias de um conteúdo particular¹⁴.

“A aprendizagem cooperativa é muito mais que a ajuda aos alunos na aprendizagem de conteúdos e competências escolares contemplando importantes metas e objetivos sociais e de relações humanas”¹⁵. Durante as aulas de aprendizagem cooperativa os professores devem ajudar os alunos a fazerem as transições para os seus pequenos grupos, ajudá-los a gerir os seus trabalhos de grupo, e ensinar importantes habilidades sociais e de grupo.

Os professores que lecionam pela primeira vez devem utilizar nas salas de aula a aprendizagem cooperativa, valorizando o esforço em grupo e individual. O cuidadoso trabalho de desenvolvimento e investigação empírica produziu um modelo que ajuda a promover uma maior tolerância pelas diferenças, a ensinar importantes competências sociais e de grupo e a melhorar a realização escolar. No entanto, os professores inexperientes devem estar atentos e saber quais as dificuldades envolvidas na implementação da aprendizagem cooperativa em alguns ambientes¹⁶.

Felizmente, nos dias de hoje, o professor já dispõe do auxílio de teorias novas e provocadoras, sobre o modo como os alunos aprendem, e uma base de conhecimento crescente sobre diversidade e a forma como os professores podem criar turmas culturalmente recetivas, onde todos sejam respeitados e onde todos aprendam¹⁷.

“Os valores, as perspetivas filosóficas e a política influenciam as práticas de ensino em salas de aula diversificadas, e estes são assuntos que devem preocupar os professores em início de carreira. Os professores devem esforçar-se por obter uma boa base de conhecimentos, assim como os melhores métodos para trabalhar com essas

¹³ ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, p. 345.

¹⁴ Cf. *L. Cit.*

¹⁵ *Ibidem*, p. 344.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, p. 372.

¹⁷ Cf. *Ibidem*, p. 41.

mesmas crianças, adolescentes e jovens. A equidade e a diferenciação das crianças funcionaram como o motor de muitas das investigações sobre diversidade”¹⁸.

“As escolas que dão um tratamento imparcial, justo e equitativo, assim como condições iguais para todos os alunos, demonstram uma política de equidade”¹⁹. A diferenciação tem lugar, em parte, porque os professores em geral, consciente ou inconscientemente, têm expectativas diferentes para alunos diferentes. Uma outra perspectiva teórica sobre a diversidade que deve ser tida em conta pelos professores é a diferença existente nas capacidades dos alunos, os seus talentos e os seus estilos de aprendizagem²⁰.

“Outra área que se reveste de especial importância para os professores é a que diz respeito às variações entre estilos cognitivos e de aprendizagem, sobretudo na forma como os alunos percebem o seu mundo, processam e refletem sobre a informação”²¹. Também os alunos têm preferência por determinados ambientes e modalidades de ensino, alguns são mais orientados para as demonstrações visuais, outros preferem obter a informação através do modo auditivo. Como é natural, é importante que os professores reconheçam que os alunos têm diferentes formas de processar a informação e métodos de aprendizagem preferidos ou mais eficazes, distintos uns dos outros. Os professores devem estar constantemente atentos e fazer um esforço para adaptar o seu ensino a estilos e preferências de aprendizagem, assim como ao modo de funcionamento do cérebro²².

Os casos excepcionais encontrados dentro do conjunto de alunos explicam, em grande parte, a grande diversidade que pode ser encontrada em cada sala de aula de hoje e os professores vão deparar-se com maior frequência com alunos com sérias dificuldades de aprendizagem ou necessidades especiais, assim como com alunos sobredotados e possuidores de talentos especiais²³.

As crianças devem ser educadas num ambiente o menos restritivo possível. Isto significa alargar as oportunidades educacionais de turmas regulares aos alunos com necessidades especiais²⁴. “As responsabilidades dos professores no trabalho com estes alunos incluem a prestação de auxílio durante o processo do Plano de Educação

¹⁸ ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, p. 43.

¹⁹ *Ibidem*, p. 44.

²⁰ Cf. *Ibidem*, p. 47.

²¹ *Ibidem*, p. 50.

²² Cf. *Ibidem*, p. 51.

²³ Cf. L. Cit.

²⁴ Cf. *Ibidem*, p. 53.

Individual e a adaptação de instrução e de outros aspetos de ensino, para que todos os alunos possam aprender”²⁵.

Os professores terão também nas suas salas de aula alunos com capacidades excepcionais, estes alunos sobredotados e talentosos demonstram uma aptidão acima da média em várias áreas. “Eles podem apresentar uma grande variedade de características, especialmente se aceitarmos o conceito de inteligências múltiplas”²⁶. As estratégias que devem ser trabalhadas com os alunos sobredotados devem incluir uma instrução diferenciada, a criação de ambientes de aprendizagem ricos, a utilização de agrupamentos flexíveis, a condensação do currículo e da instrução, a utilização de estudo interdependente e o apoio aos alunos sobredotados para que estabeleçam padrões exigentes para si próprios²⁷.

Os professores que lecionam pela primeira vez preocupam-se essencialmente com o que podem fazer dentro de uma sala de aula, de forma a poder trabalhar eficazmente, com um grupo de estudantes culturalmente diversificado. Os docentes são encorajados a analisar primeiro o seu próprio conhecimento e atitude, a combater os preconceitos, estereótipos e mitos que possam ter. Também é fundamental que os professores se certifiquem de que o seu programa é justo e culturalmente relevante, e que estão a utilizar estratégias de ensino eficazes e culturalmente recetivas²⁸. “Os modelos e estratégias de ensino especificamente destinados a cumprir objetivos de aprendizagem multicultural incluem a instrução direta, a aprendizagem cooperativa, o ensino recíproco e a resolução de problemas comunitários”²⁹.

Existe um outro e grande desafio e ao mesmo tempo complicado, como assegurar que cada criança atinja o seu potencial máximo, independentemente das capacidades e experiências que traz consigo para a escola. Ao contrário do que acontecia anteriormente em que as crianças não eram obrigadas a ir à escola e muitas não terminavam ou prosseguiram os estudos, hoje todas as crianças têm o direito de aprender e de andar na escola, e os professores têm agora diferentes tipos de alunos na mesma sala de aula. É um grande desafio para os professores de hoje, acolher e tratar de igual forma todas as crianças, tanto as que têm mais dificuldades de aprendizagem como

²⁵ ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, p. 84.

²⁶ *Ibidem*, p. 58.

²⁷ Cf. *Ibidem*, p. 85.

²⁸ Cf. *Ibidem*, p. 63.

²⁹ *Ibidem*, p. 85.

os que são mais dotados, as que são de uma ou de outra raça, etnia, cultura, religião, idioma ou género.

Considero que apesar de ser complicado, em certas circunstâncias, gerir todas estas diferenças entre alunos não deixa de ser mais um desafio, um grande desafio para todos os professores, que terão que arranjar e encontrar vários métodos e sugestões para ensinar e trabalhar com grupos heterogéneos de alunos dentro da mesma sala de aula. Este poderá então ser um obstáculo à aprendizagem se o professor não conseguir controlar ou desenvolver os novos métodos de ensino a um grupo com todas estas características.

Com os desafios que encontrei pela frente, compreender os alunos com quem trabalhei, os seus objetivos e motivações, o que os motiva e os fazem sonhar num futuro diferente e perspetivas confortadoras, com verdadeiros valores apreendidos, foi um grande e bom desafio para mim em particular.

Ao longo das aulas com os alunos, e como mostram as planificações (anexos 1 a 17), utilizei várias formas e apresentações de trabalhos, dinâmicas de trabalhos individuais, pares e de grupos diversificados e preocupei-me em preparar as aulas tendo em conta as Unidades Letivas, as competências e os conteúdos a trabalhar. Tendo em conta as pretensões, desejos e aspirações dos alunos, tentei escolher e selecionar as melhores estratégias e utilizar os melhores recursos, diversificando-os sempre que possível.

A Prática de Ensino Supervisionada foi uma mais-valia na minha prática docente. Durante o ano letivo 2011-2012 foram várias as mudanças de conceções e de práticas pedagógicas que efetivei.

Gostaria de sublinhar que aprendi a saber integrar, mobilizar e transferir os recursos em contextos diferenciados. Quando seleccionei as competências, tive em conta os recursos a utilizar bem como o nível etário e sócio económico dos alunos.

4. A Educação e o Ensino – uma perspetiva sobre os valores subjacentes ao comportamento dos alunos

Os alunos evidenciaram alguns valores, nos trabalhos individuais e nas dinâmicas de grupo que fomos desenvolvendo nas aulas, como a sinceridade, a

honestidade, a solidariedade, a verdade, a humildade, o respeito, a justiça, a família e o amor. A turma também referiu outros três valores que consideraram pertinentes debater, aprofundar e explorar ao longo de todo o ano letivo. Foram eles: a cooperação, a autonomia e a integração, como referi anteriormente.

A troca de experiências e vivências dos alunos e a vontade de refletirem sobre o papel do professor no ensino, levou-os a descobrir, a conhecer e a viver a educação e o ensino de uma outra forma, sempre com o intuito de olhar para os três valores discutidos.

A Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho é vista pela comunidade local, e população em geral, como um caminho importante e necessário a percorrer, para se chegar ao ensino superior. Para estes alunos a educação e o ensino ainda são fundamentais para o sucesso dos adolescentes e jovens que procuram um futuro melhor, promissor e sorridente, mesmo que seja necessário percorrer um longo caminho e penoso. Assim, espera-se que o ensino seja visto como imprescindível para os cidadãos e que as escolas sejam o verdadeiro caminho da educação e do ensino.

Os principais objetivos da educação do século XIX eram ler, escrever e contar, os professores eram recrutados nas suas comunidades locais e a sua formação profissional não era considerada importante e o ensino também não era visto como uma carreira.

No início do século XX a responsabilidade de ajudar os jovens na transição entre a família e o mundo do trabalho recaiu sobre as escolas. Foram criadas escolas para treinar os professores nas matérias das disciplinas e o ensino começou a ser visto como uma carreira. Foram também feitos progressos no desenvolvimento dos programas de todas as disciplinas³⁰.

Alguns aspetos da educação deverão manter-se nos desafios do ensino para o século XXI. Com a Internet os alunos começaram a aceder a um largo conjunto de recursos, isto fará com que os professores redefinam as suas aulas e tarefas. A organização e a burocracia da educação irão alterar-se gradualmente e as escolas permanecerão integradas nas comunidades³¹. O “desafio que se propõe aos professores do século XXI é que transformem as escolas e as abordagens ao ensino, de modo a satisfazerem as necessidades de uma população estudantil muito mais diversificada”³².

³⁰ Cf. ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, p. 5.

³¹ Cf. *Ibidem*, p. 6.

³² *Ibidem*, p. 8.

“O nosso sistema educacional tem origem no final do século XIX, início do século XX, e baseia-se num modelo educacional fabril e numa perspetiva objetivista do conhecimento e da aprendizagem”³³. Os professores tinham o papel de transmitir conhecimentos aos alunos sob a forma de factos, conceitos e princípios e o sucesso escolar era demonstrado pelo domínio que o aluno tinha do currículo, o qual era medido através de testes de desempenho. Uma das alternativas à perspetiva objetivista é o construtivismo. A perspetiva construtivista defende que o conhecimento é algo pessoal e o significado é construído pelo aluno através da experiência. A partir desta perspetiva, o currículo de uma escola deixa de ser considerado um documento com informações importantes, mas transforma-se num conjunto de acontecimentos e atividades de aprendizagem onde os alunos e os professores negociam significados em conjunto³⁴.

Os professores em início de carreira devem demonstrar os seus conhecimentos em pedagogia e na matéria das disciplinas, serão sempre responsáveis pela utilização das melhores práticas ao longo das suas carreiras. Os professores de hoje terão de dominar várias bases de conhecimentos (académicos, pedagógicos, sociais e culturais) e serem profissionais reflexivos, capazes de resolverem quaisquer problemas que lhes venham a surgir³⁵.

Numa perspetiva geral, o principal intuito do ensino é ajudar os alunos a tornarem-se independentes e autorregulados. Esta grande finalidade deriva de duas premissas subjacentes: a primeira, é a perspetiva contemporânea de que o conhecimento não é completamente fixo e transmissível, mas é algo que todos os indivíduos, alunos e adultos, devem construir ativamente através de experiências sociais e pessoais; a segunda é a ideia de que a coisa mais importante que todos os alunos devem aprender é como aprender³⁶.

Assim como os alunos devem saber como aprender, também os professores devem saber como ensinar e perceber quais são os seus melhores atributos. Os de um professor eficaz são: as suas qualidades pessoais, que lhe permite desenvolver relações humanas genuínas com os seus alunos, os pais e os colegas, e criar salas de aula democráticas e socialmente justas para as crianças e adolescentes; as bases de conhecimento relacionadas com a matéria da disciplina, o desenvolvimento e a aprendizagem humana e a pedagogia; ter um repertório de práticas de ensino que

³³ ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, p. 11.

³⁴ Cf. *Ibidem*, p. 12.

³⁵ Cf. *Ibidem*, p. 15.

³⁶ Cf. *Ibidem*, p. 17.

estimulem a motivação dos alunos, melhorem os seus resultados na aprendizagem de competências básicas e contribuam para produzir um nível de compreensão mais elevado e alunos autorregulados. O docente deverá refletir as melhores soluções para a resolução de problemas, considerando a aprendizagem do ensino um processo ao longo da vida, conseguindo diagnosticar situações e adaptar e utilizar o seu conhecimento profissional de forma apropriada, para favorecer a aprendizagem dos alunos e melhorar as escolas³⁷.

Tornar-se um professor realmente competente é necessário muito voluntarismo alimentado pelo desejo de perfeição; é necessário compreender que aprender a ensinar é um processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo de toda a vida, durante o qual se vai gradualmente descobrindo um estilo próprio, mediante reflexão e juízos críticos. Aprender a ensinar é um processo de desenvolvimento para toda a vida, não se limitando ao período de tempo que decorre entre a primeira aula de métodos e a obtenção da habilitação profissional.

Ao mesmo tempo que adquirimos novas experiências, crescemos e progredimos para uma fase mais complexa, no entanto, o crescimento não é automático e apenas ocorre quando existem experiências apropriadas que estimulem o crescimento cognitivo e emocional das pessoas. À medida que as pessoas que estão a aprender a ensinar se tornam elas próprias mais complexas, os seus ambientes também se devem tornar mais complexos, para que a aprendizagem decorra a um ritmo ótimo.

Considero fundamental que o professor, como deve acontecer com qualquer outra profissão, acompanhe o desenvolvimento da humanidade e os desafios que nos esperam. No entanto os principais objetivos de um professor vão sendo alterados mediante as situações e as necessidades dos alunos.

Como professores e educadores temos que utilizar as melhores práticas para ajudar os alunos a aprender competências e atitudes essenciais, que muito lhes servirá para o futuro das suas vidas. Assim, como a aprendizagem é um processo de atribuição de significados às experiências, os professores serão constantemente chamados e obrigados ao longo da vida a procederem a alterações drásticas nos seus comportamentos de ensino. Com todas estas disposições e situações, o professor está constantemente a aprender a ensinar, ou seja, a formar e a formar-se.

³⁷ Cf. ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, p. 19.

5. A Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica e os desafios de integração no Ensino Secundário

No que diz respeito às práticas religiosas destes alunos, apenas três frequentam um grupo eclesial nas suas paróquias, grupos de adolescentes e jovens. Na escola estão inscritos em Educação Moral e Religiosa Católica porque os pais insistiram, os colegas falaram da Disciplina e convidaram-nos a inscrever-se. Tendo uma outra visão da religião e do mundo, gostaram da experiência e dos temas abordados nos anos transatos. Em Educação Moral e Religiosa Católica os alunos também esperam conhecer alunos de outras turmas e áreas, conviver, refletir e partilhar experiências. Os alunos esperam que as aulas sejam diferentes, giras, com interação, entreajuda, boas atividades e iniciativas e que se aprendam coisas novas.

A Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem uma identidade própria. A Disciplina promove, no espaço escolar, a abertura a valores importantes para o crescimento integral do ser humano, ou seja, que cada aluno cresça integrando-se, aprenda a dialogar com os saberes e a fé, contribuindo para o discernimento dos valores que respeitam a dignidade humana.

De acordo com a Congregação para o Clero, Educação Moral e Religiosa Católica utiliza também os seus métodos singulares e tem uma especificidade própria: “O que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes”³⁸, disciplinas e áreas curriculares. A Educação Moral e Religiosa Católica tem em vista a formação integral do aluno, que permite o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura, dos saberes adquiridos nas outras disciplinas e com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa.

A Catequese e a Educação Moral e Religiosa Católica não são atividades em alternativa. Tal como nos diz o Diretório Geral da Catequese: “A relação entre o ensino religioso escolar e a Catequese é uma relação de distinção e complementaridade”³⁹, cada uma delas tem a intencionalidade própria do seu espaço de intervenção. Por isso, a Catequese não deve transformar-se numa aula e vice-versa. Certa confusão entre

³⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, n.º 73, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1998.

³⁹ *L. Cit.*

Catequese e Educação Moral e Religiosa Católica conduz, frequentemente, a uma maior sensibilidade de muitos pais por aquela em detrimento desta, com consequências negativas para a matrícula em Educação Moral e Religiosa Católica.

A Catequese “tem em vista transmitir a Palavra de Deus que revela o Seu desígnio de salvação realizado em Jesus Cristo de modo a despertar a fé e a conversão ao Senhor e a viver em comunhão com Ele”⁴⁰. Pretende formar e educar discípulos de Cristo pelo amadurecer da fé inicial, de modo a que vivam numa comunhão íntima com Ele. Isso supõe o ensino orgânico e sistemático da doutrina cristã e “o testemunho vivo de uma comunidade cristã”⁴¹, na qual o catequizando se insere progressivamente. A Educação Moral e Religiosa Católica tem uma natureza diferente da Catequese quanto às finalidades, aos destinatários e aos conteúdos. Além disso, exerce-se num ambiente também diferente.

O contributo da Educação Moral e Religiosa Católica para o desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens, parte do reconhecimento da “componente religiosa como fator insubstituível para o crescimento em humanidade e em liberdade”⁴². Nessa perspetiva, a Educação Moral e Religiosa Católica ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida e mostra que “o Evangelho de Cristo oferece uma verdadeira e plena resposta, cuja fecundidade inexaurível se manifesta nos valores de fé e de humanidade, expressos pela comunidade crente e arraigados no tecido histórico e cultural das populações da Europa”⁴³. A dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana. Por isso, não haverá educação integral, se a mesma não for tomada em consideração; nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais. A Educação Moral e Religiosa Católica tem, pois, um alcance cultural e “um claro valor educativo”. Orienta-se para “formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade”⁴⁴.

A Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é oferecida a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas. Esta

⁴⁰ JOÃO PAULO II, *Catechesi Tradendae*, 5 e 6, Editorial A.O., Braga, 1982⁴.

⁴¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Para que acreditem e tenham a vida – Orientações para a catequese atual*, 2, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2005.

⁴² JOÃO PAULO II (15/04/1991), *Conhecer o Património do Cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica. Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública*, in L'Osservatore Romano, Ed. Semanal em Português, nº 16, 21/04/1991.

⁴³ L. Cit.

⁴⁴ L. Cit.

diversidade corresponde à situação das famílias que solicitam o apoio da Educação Moral e Religiosa Católica: se umas desejam que a componente religiosa integre a formação dos seus filhos, outras interessam-se unicamente pela sua informação e formação moral e cultural⁴⁵. À confiança e expectativa das famílias e dos alunos há-de corresponder, por parte dos professores, dos responsáveis das escolas, do Ministério da Educação e da Igreja, a integral fidelidade à especificidade da Educação Moral e Religiosa Católica.

A Educação Moral e Religiosa Católica desenvolve um trabalho importante e está fixada em todos os tipos de escolas: estatais, particulares e cooperativas, e claro, a católica. Regista-se um elevado número de escolas estatais onde esta Disciplina se impõe com uma boa percentagem de alunos inscritos⁴⁶. Os fatores que têm contribuído são: “a competência, o empenho e a dedicação dos respetivos professores; o pedido e apoio das famílias, conscientes dos seus direitos; a abertura e o reconhecimento da parte de Conselhos Executivos e de outros órgãos responsáveis das escolas; e o cuidado pastoral dos Bispos e das instâncias diocesanas responsáveis por este setor”⁴⁷. Em muitíssimos casos o que mais leva os alunos a quererem frequentar e aderir a esta Disciplina é o carisma e o profissionalismo do professor, fator que, na prática, prevalece sobre o reconhecimento do valor da Disciplina para a formação dos alunos⁴⁸.

A escola tem uma função educativa, transmitindo e valorizando o património científico, cultural, ético, estético e artístico, com vista à assimilação sistemática e crítica da cultura e à aquisição de competências para o prosseguimento dos estudos ou para a inserção no mundo do trabalho. A própria convivência humana que a escola proporciona é um forte potencial de conhecimento pessoal e de integração social. A Educação Moral e Religiosa Católica interessa à escola e, designadamente, à escola estatal. É lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e da abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir. Ao mesmo tempo, a Educação Moral e Religiosa Católica é um alerta para a referência a estas dimensões que as outras disciplinas, as atividades da escola e o próprio projeto educativo são chamados também a contemplar.

⁴⁵ Cf. <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/print.pl?id=31822>, 3 Novembro 2012, 22h.

⁴⁶ Cf. *L. Cit.*

⁴⁷ *L. Cit.*

⁴⁸ Cf. *L. Cit.*

“Na escola católica, a Educação Moral e Religiosa Católica reveste-se de uma importância acrescida, dada a íntima relação com as suas finalidades e o contributo indispensável que presta à concretização do seu projeto educativo, uma vez que este se inspira no Evangelho e se orienta num duplo sentido: (1) de fornecer aos jovens os instrumentos cognoscitivos, indispensáveis na sociedade atual, que privilegia quase exclusivamente os conhecimentos técnicos e científicos; (2) e, especialmente, de lhes proporcionar uma sólida formação cristã”⁴⁹. Orientando-se pelos mesmos programas e prescrições metodológicas, poderá, no entanto, aprofundar esse estudo e, ainda, articulá-lo com um programa de pastoral escolar.

A Igreja Católica está presente nas múltiplas instâncias promotoras da Educação, onde, na fidelidade à sua missão específica, procura “proporcionar à pessoa a visão cristã do mundo, do homem e de Deus, e não se demitirá de continuar a oferecer, com total liberdade, propostas educativas”⁵⁰. A sua ação educativa reveste-se de múltiplas formas e realiza-se, em primeiro lugar junto da família, comunidade educativa por excelência. Além disso, realiza-se também através das suas próprias instituições educativas, particularmente as escolas católicas, mas também, no empenhamento em instituições estatais e privadas.

As finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica propostas, e que devem ser alcançadas pelos alunos, são: “a) apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular; b) conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; c) estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; d) adquirir uma visão cristã da vida; e) entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso; f) adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social; g) apreender o fundamento religioso da moral cristã; h) conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã; i) formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; j) estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade; l) aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência”⁵¹.

⁴⁹ Cf. CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Escola Católica no limiar do terceiro milénio*, 8 e 10, Lisboa, 1998.

⁵⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação, Direito e dever – Missão nobre ao serviço de todos*, 28, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2002.

⁵¹ Cf. NUNES, Tomaz Silva, *Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica*, in Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação, Ano 2, Maio-Agosto 2006, 5, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2006, p. 79.

Para atingir estas finalidades “é, pois, necessário que o ensino religioso escolar apareça como uma disciplina escolar, com a mesma exigência de sistematização e rigor que têm as demais disciplinas. Deve apresentar a mensagem e o acontecimento cristão com a mesma seriedade e profundidade com que as outras disciplinas apresentam os seus saberes”⁵². A Educação Moral e Religiosa Católica tem usado um método que proporciona uma pedagogia cooperativa de participação e pesquisa e se desenvolve em três fases: (1) reflexão e partilha sobre a experiência humana; (2) aprofundamento teórico, com base na Sagrada Escritura, na tradição cristã e nos dados das ciências; (3) síntese e prática de vida⁵³.

O empenho no desenvolvimento e na implantação da Educação Moral e Religiosa Católica requer o esforço insubstituível dos professores, mas é tarefa de toda a comunidade cristã, com especial destaque para o papel dos pais e dos párocos. Os pais são os primeiros educadores. “A primeira responsabilidade educativa dos pais é irrenunciável e inalienável”⁵⁴. Por isso, têm “o direito e o dever de escolher o projeto educativo para os seus filhos, na medida do possível e dentro de uma pluralidade de ofertas”⁵⁵. Devem, pois, estar conscientes da importância da dimensão religiosa para a educação integral dos filhos, responsabilizar-se pela sua inscrição em Educação Moral e Religiosa Católica ou sensibilizar os filhos para o fazerem e empenhar-se, individualmente ou em associação, para que a escola a ofereça em condições normais de acessibilidade.

Os pais, com a colaboração dos párocos, como pastores das comunidades, têm uma missão formativa, que inclui o esclarecimento e a sensibilização das comunidades cristãs para o lugar e a importância da Educação Moral e Religiosa Católica. Incentivar à inscrição na Disciplina, deve ser também articulada e com a colaboração dos professores de Educação Moral e Religiosa Católica das escolas da sua área pastoral⁵⁶. Dos professores espera-se, também, o estabelecimento do diálogo e da colaboração com os pais e com os responsáveis das comunidades cristãs, tendo em vista o esclarecimento, a responsabilização e a colaboração mútua. No plano institucional, urge intensificar o diálogo e a cooperação entre a Igreja e o Estado, a fim de clarificar orientações e assegurar a legislação correspondente.

⁵² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, n.º 73.

⁵³ Cf. <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=31822>, 3 Novembro 2012, 22h.

⁵⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação, Direito e Dever – Missão nobre ao serviço de todos*, 16.

⁵⁵ L. Cit.

⁵⁶ Cf. <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=31822>, 3 Novembro 2012, 22h.

A Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem como primeira finalidade concorrer para a felicidade dos seus alunos, para que estes se sintam motivados a trabalhar e a desenvolverem as competências propostas, possibilitando um olhar próprio e sempre renovado da Vida e do Mundo que os rodeiam.

Educação Moral e Religiosa Católica tem que despertar, em cada aluno, a procura do sentido profundo da vida e trabalhar a dimensão religiosa como grande objetivo da Disciplina. Deste modo, ela torna-se um acontecimento significativo e um espaço marcante em cada comunidade escolar. Na diversidade de ofertas que o Mundo tem para dar, podemos e devemos deixar um contributo específico, uma marca única, que gere caminhos de felicidade. A Disciplina com o seu professor tem ainda o desafio de construir uma maior proximidade entre os alunos e Educação Moral e Religiosa Católica, tornando-se numa presença atenta e fecunda para toda a comunidade educativa.

Fundamental, nos tempos que decorrem, é a aposta equilibrada e sensata nas novas tecnologias, de modo a que estas possam funcionar como polo dinamizador de uma motivação crescente e cativante dos nossos alunos em relação à Disciplina.

Do professor de Educação Moral e Religiosa Católica espera-se dinamismo, interação, diálogo, acolhimento, humildade, uma alegria contagiante, mas sobretudo, amor que cria laços – ser um bom profissional; dar a conhecer aos alunos a consciência dos elementos fundamentais do cristianismo, da Igreja e do Evangelho, de forma a que eles possam ser referência para as grandes decisões da vida daqueles que hoje são adolescentes, mas que amanhã serão intervenientes na sociedade.

Capítulo II – Conhecimento, cidadania, integração e corresponsabilidade

O testemunho do educador cristão, começando pelo professor de Educação Moral e Religiosa Católica, é crucial nos nossos tempos. “O mundo precisa de testemunhas”, diz Paulo VI. Os alunos são o mais fiável certificado desse testemunho em qualquer lugar onde se encontrem, mais concretamente no espaço escolar. Professores e alunos são convidados a dar testemunho dos valores que criam laços. O Educador, enxertado em Cristo, tem como fundamento do seu ato educativo a caridade, o espírito apostólico, o testemunho do único Mestre, Jesus Cristo. Por isso, os professores “unidos entre si e com os alunos pela caridade, e imbuídos de espírito apostólico, dêem testemunho de Cristo, Mestre único, quer com a vida quer com a doutrina”⁵⁷. “O nosso amor aos nossos irmãos é a encarnação do amor com que Deus nos ama”⁵⁸.

Amar os irmãos, sem reservas de cor, ideologia, cultura, credo ou condição sócio económica, torna-se premente em todos os tempos, também no século XXI. “A verdade vem sempre ao de cima”, diz o povo. Educar com o mesmo amor “com que Deus nos ama” é a utopia possível, a aproximação sempre inacabada do amor cristão. Amor libertador, integrador, cooperante e autónomo. Estas premissas só no Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo têm os seus alicerces. A arte de educar requer preparação a vários níveis e “harmonia com o progresso dos nossos dias”⁵⁹.

1. Escola, formadora para a cidadania

O Projeto Educativo da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho⁶⁰ definiu, dentro da sua dinâmica interna, como impulsionador do seu ato educativo que

⁵⁷ CONCÍLIO VATICANO II, *Gravissimum Educationis*, 8, Editorial A.O., Braga, 1979⁸.

⁵⁸ POLICARPO, José da Cruz, “*A Peregrinação da Fé*”, *Carta Pastoral do Cardeal-Patriarca à Igreja de Lisboa por Ocasão da Abertura Diocesana do Ano da Fé*, 8, Lisboa, 2012.

⁵⁹ CONCÍLIO VATICANO II, *op. cit.*, 8, Editorial A.O., Braga, 1979⁸.

⁶⁰ Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) nasceu e faleceu em Lisboa. Casada com o poeta Gonçalves Crespo, a sua residência tornou-se no primeiro salão literário de Lisboa, tendo-o frequentado Camilo, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro e muitos outros. Além de poetisa consagrada pelos intelectuais da época, escreveu crónicas jornalistas em vários jornais, entre eles o *Diário Popular*, assinando-as com o pseudónimo Valentina de Sucena. Dedicou-se a questões como a educação e o papel da mulher na sociedade da época. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia de Ciências de Lisboa. Obras poéticas: *Uma Primavera de Mulher* (1867, poema em quatro cantos), *Vozes do Ermo* (1876). Ficção: *Arabesco*, *Cartas a uma Noiva* (1911), *Crónicas de Valentina*, *Contos para os Nossos*

esta escola é para o conhecimento e para a cidadania. Poder-se-á perguntar que conhecimento se defende neste título. A história desta escola, desde o princípio, tem como “objetivo principal (...) a emancipação da mulher pela instrução”⁶¹. No final do séc. XIX falar da emancipação da mulher era um marco importante no acesso do ensino à mulher, embora saibamos que só uma minoria usufruía da instrução. Em relação à emancipação da mulher parece prematuro, contudo, tendo em conta as mudanças e andanças políticas dessa época, em que a monarquia estava em convulsão e se ia afirmando o republicanismo, e os ventos da Revolução Industrial já se faziam sentir em alguns setores, como podemos verificar pelos cursos ministrados na escola em 1885-1886. Por outro lado, esta escola começou a sua atividade letiva com “uma feição eminentemente prática”, isto é, para “iniciar no país o ensino de carreiras produtivas que podem e devem pôr a mulher (...) ao abrigo das necessidades, habituando-as a ganhar honestamente os meios de subsistência”⁶². O acesso à instrução tem, como lemos, uma finalidade bem concreta, proteger a mulher e garantir a sua subsistência⁶³.

Hoje, a escola universalizou-se quanto aos seus intervenientes e conteúdos. As suas finalidades apontam para uma “formação académica sólida”⁶⁴, atualizada e diversificada; aspetos fundamentais para o prosseguimento de estudos e inserção no mundo do trabalho, esta última remontando às suas origens. A formação da mulher foi, como constatámos, uma das suas primeiras preocupações.

Filhos. Crítica e história: Vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein (1898-1903), A Arte de Viver em Sociedade (1895), Serões no Campo, Figuras de Hoje e de Ontem (1902), Cérebros e Corações (1903), Ao Correr do Tempo (1906), Impressões da História (1909), etc. In <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/amalia1.htm>, 3 Novembro 2012, 22h.

⁶¹ Projeto Educativo da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, p. 1, In http://moodle.esmavc.org/file.php/1/Documentos/Projeto_Educativo.pdf, 8 Junho 2012, 21h.

⁶² L. Cit.

⁶³ O Liceu Maria Amália – o primeiro liceu feminino português, criado em 1906 – assume o protagonismo de centro nacional dinamizador da educação liceal feminina segundo a política do Estado Novo. Atrevemo-nos a afirmar que foi por este liceu que passaram as mais diversas iniciativas modelares e aqui ocorreram os mais diversos atos e sessões que corroboraram essa política: acolheu um núcleo da Associação Escolar Vanguarda (1934), foi local de lançamento e de acolhimento de muitas iniciativas e organizações (ALMAC, OMEN, JUC, União Noelista, escutismo católico, etc.), aí se realizaram os mais diversos encontros e cerimónias e foi o eixo principal da Mocidade Portuguesa Feminina (MPF). In FERREIRA, António Matos, ALMEIDA, João Miguel (Coordenação), *Religião e Cidadania – Protagonistas, Motivações e Dinâmicas Sociais no Contexto Ibérico*, Ed. Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2011, p. 293.

⁶⁴ Projeto Educativo da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, p. 10.

1.1. A escola lugar de integração

Integrar parece ser a palavra de ordem no atual contexto educativo. Poderíamos perguntar: integrar quem ou integrar o quê? Começaremos pela integração dos alunos concretos que frequentam a sala de aula. Constatamos que cada um provém de uma família específica com uma cultura própria, com valores a ela inerentes, em que a escola desempenha ou não um papel muito importante na sua vida atual com vista a um futuro melhor. Concretamente na Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho a expectativa é elevada. Importa conseguir níveis elevados que dêem acesso a lugares cimeiros na sociedade. Esta postura, sendo louvável, pode também levar o aluno a trabalhar para si mesmo como se no mundo só ele fosse importante. É urgente pôr o aluno a caminho, menos voltado para si, mas tendo em vista um projeto, que seja livre e responsável, dando atenção àqueles valores que ecoam no seu coração e que ultrapassam qualquer propósito particular⁶⁵.

Ensinar para a integração parece ser fulcral em qualquer estabelecimento de ensino. À escola chegam todos, mas cada um vê-a de maneira diferente, supondo um olhar singular da comunidade escolar sobre cada um. Que o ato educativo vá culminar em fatores de integração, exige de cada docente uma adaptação constante e consistente, capaz de trazer o aluno do seu meio e a ele voltar, de modo a tornar a comunidade envolvente mais ativa e mais consciente do seu lugar na educação integral de cada aluno. À escola é exigida uma atuação que integre cada aluno, o qual é portador de valores culturais que nem sempre se conciliam com aqueles que a escola oferece. O agir ético da comunidade escolar deverá contribuir para a formação de pessoas criativas, responsáveis, dando “grande atenção às emoções, à afetividade e a todo o reino da sensibilidade em face dos valores, a qual repousa nas profundezas do ser homem e é particularmente expressiva do anseio humano pela totalidade interior, pela integridade e pela integração”⁶⁶.

Os denominados bons alunos e aqueles que são conhecidos por todos, mas dos quais todos fogem, provêm de contextos sociais e económicos muito diversos. Que lugar têm estes alunos na atualidade da escola que frequentam? Como integrar o conhecimento pessoal, o seu significado construído pelo aluno através da experiência e

⁶⁵ Cf. HAERING, Bernhard, *Livres e Fiéis em Cristo, Teologia moral para sacerdotes e leigos*, Vol. I: *Teologia Moral Geral*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1984³, p. 92.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 91.

da aprendizagem, como atividade social e cultural na qual os alunos constroem significados e são influenciados pela interação entre o conhecimento previamente adquirido e as novas experiências de aprendizagem? Atualmente a escola pôs um maior ênfase no bem como utilidade pessoal e a educação organizou-se de modo a cumprir essa função social. Ora a função de integração social da escola deve ser redefinida, dado que, a par da utilidade pessoal, é urgente repensar a formação integral da personalidade, como tarefa da escola. Este trabalho apresenta sérios riscos e problemas que exige uma formação cuidada dos docentes⁶⁷.

1.2. A comunidade escolar, lugar de cooperação

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Segundo este provérbio africano, numa aldeia, grande ou pequena, todos são precisos para elevar uma criança, ou seja, para que o crescimento seja equilibrado, exigente e integral. Esta cooperação exige um conhecimento cada vez mais aprofundado do outro, neste caso da criança, com a qual é necessário uma fluida comunicação e uma boa relação afetiva⁶⁸. A sabedoria popular sabe bem que a criança de hoje é o adulto de amanhã, que a boa semente está sempre disposta a dar bom fruto desde que lhe proporcionem um ambiente propício à sua missão⁶⁹. A comunidade escolar é um lugar de descoberta da vida, onde se encontra, se expõe e se repõe na medida em que se insere nesta teia comunitária de alfofres formativos. Todos são precisos, porque todos compõem a pequena aldeia que vai fazendo crescer cada criança, cada adolescente e cada jovem. A educação tem que ser obra de todos e não apenas de alguns. Na comunidade escolar onde todos contam e são tidos em conta, aí vale o nome como meio identitário e único, aí a natureza profunda do ser humano clama e apela a um envolvimento cada vez mais implicado no seu crescimento. “Andar na escola” implica poder dar, mas também receber dos “nossos profetas, leis e políticas que respeitem a natureza profunda do ser humano”⁷⁰. Neste dinamismo escolar, os cristãos aí presentes têm o dever e a missão de educar. Como homens e mulheres atentos à sociedade onde estão inseridos, exercem aí a sua missão

⁶⁷ Cf. TEDESCO, Juan Carlos, *O Novo Pacto Educativo, Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*, Ed. Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 1999, pp. 115-116.

⁶⁸ Cf. SACRISTÁN, J. Gimeno, *Educar e Conviver na Cultura Global*, Ed. ASA, Porto, 2003, p. 168.

⁶⁹ Cf. Mt 13, 3-8.

⁷⁰ POLICARPO, José da Cruz, *Obras Escolhidas*, Vol. 11, Edição UCP, Lisboa, 2008, p. 122.

como fermento na massa, porventura vivendo dificuldades sempre novas. Estas prendem-se com mudanças constantes e contínuas, que levantam questões que precisam de respostas consistentes e não epidérmicas. A mutação cultural dos nossos dias remete-nos para a história do Homem e para os critérios que o mesmo foi e vai delineando, qual fio condutor desta mudança⁷¹.

A mudança cultural é contínua, desconcertada e desconcertante; cada um age como sendo o centro do universo; a técnica parece tudo dominar; o facilitismo, o relativismo, a indiferença e o laicismo, levam o ser humano atual a perder o sentido da história. E “logo que se perde o sentido da história, perde-se também o sentido do compromisso, e todas as novas criações da auto-afirmação afundam no abismo do nada”⁷². A escola, na sua inquietação burocrática, concentrada, fixada em conceitos ideológicos pouco claros, fragilizada nos seus objetivos primeiros, deixa pouco espaço ao ser mais, ao ser com os outros nas mais diversas manifestações. É urgente que a escola prepare os educandos para viverem a sua vida adulta no meio do mundo, numa sociedade concreta, conscientes e competentes; que saibam contribuir para a edificação de uma sociedade onde a justiça não seja uma miragem na edificação da cidade terrestre. O educando deve confrontar-se com a realidade, com espírito crítico, em que o discernimento seja uma arte que o vai suportar na vida adulta.

A cooperação entre os docentes e a restante comunidade escolar é imprescindível neste exercício. Neste dinamismo cooperante, o professor de Educação Moral e Religiosa Católica pode ter um papel importantíssimo. É ele o rosto da Igreja, razão de ser da sua presença na escola. Nos tempos escolares, tempos letivos, ou outras atividades, o professor de Educação Moral e Religiosa Católica é portador de uma visão de vida, que persiste em propor um projeto de vida que tenha em conta a génese do ser humano, ou seja, a sua imagem e semelhança com Deus⁷³. “É urgente consolidar a esperança!”⁷⁴. É esta esperança que dá sentido à vida dos nossos educandos. Torná-los atores da sua própria história, torna-os responsáveis pelos destinos da humanidade, onde, de mãos dadas, serão capazes de expressões concretas de justiça, de solidariedade, de generosidade, de acolhimento e da construção da paz⁷⁵. A escola é cada vez mais a reprodução da sociedade onde está inserida e donde provém. Aqui chegam todos, e

⁷¹ Cf. POLICARPO, José da Cruz, *Obras Escolhidas*, Vol. 12, Edição UCP, Lisboa, 2009, p. 192.

⁷² HAERING, Bernhard, *Livres e Fiéis em Cristo*, p. 76.

⁷³ Cf. POLICARPO, José da Cruz, *Obras Escolhidas*, Vol. 10, Edição UCP, Lisboa, 2007, p. 235.

⁷⁴ POLICARPO, José da Cruz, *Obras Escolhidas*, Vol. 7, Edição UCP, Lisboa, 2004, p. 267.

⁷⁵ Cf. *L. Cit.*

entre eles estão os que a escola vai tolerando durante vários anos, até que, finalmente, respira de alívio, porque determinado aluno desapareceu do interior da escola.

Estes são privados de instrução, mas sobretudo de razões de viver. Cada aluno que abandona o direito que lhe assiste de frequentar a escola, de fazer comunidade, de interagir com os educadores, isto é, de cooperar com os mesmos na aquisição de conhecimentos desenvolvendo competências nos mais diversos domínios, é mais um pobre que a sociedade há-de sustentar sem que este retribua com a sua cota parte. A cooperação semeia a esperança individual que se partilha na comunidade. Ela, “a esperança não é apenas algo com que se espera e acredita alcançar determinados objetivos de maneira individualizada, mas é também algo que se partilha e que se procura contagiar os nossos semelhantes na busca de outras significações”⁷⁶.

1.3. A escola, lugar de autonomia

A minha casa é para todos os povos⁷⁷. Esta passagem bíblica leva-nos a pensar numa estrutura, numa casa e a refletir nas finalidades dessa mesma casa. Esta é para todos sem exceção. As nossas casas atuais têm algumas divisões, tendo cada uma a sua especificidade. A escola como lugar, espaço de autonomia, tem também espaços concretos onde todos e cada aluno ocupa o seu próprio espaço na sua formação, o mais integral possível, e crescimento académico ao longo de vários anos. Desde tenra infância que cada criança vai alicerçando o seu ser e saber, tendo como finalidade a obtenção de certificado que o torne credível no seio da sociedade que lhe criou condições de formação e informação ao longo dos anos.

É chegado então o tempo de o Eu reconhecer o Tu na sua alteridade, abrindo caminho ao Nós que chama e envia simultaneamente, dando sentido ao que é individual, mas submergindo o individualismo. O Tu como reconhecimento do outro, como alguém que não me é desconhecido porque comunga da mesma dignidade. Este movimento interior tem na sua base e como envolvimento uma comunidade. Esta é a expressão de pessoas individuais na sua “co-humanidade, a qual se acha profundamente enraizada na

⁷⁶ LEANDRO, Maria Eugénia, *A Esperança no mundo de hoje*, in Brotéria, Cristianismo e Cultura, Vol. 161, Julho 2005, p. 32.

⁷⁷ Cf. Mc 11, 17.

natureza humana. Os nossos mais ativos são os que seguem o modelo Tu-Eu-Nós, cuja principal característica é a fidelidade mútua”⁷⁸.

A autonomia de cada ser humano implica um retorno constante entre o que é o Eu para o Tu, culminando no Nós. A construção de pontes na direção e em relação com os outros, agarrando-se ao valor único de cada um como pessoa com os seus multiformes valores incarnados, apelando constantemente para a concretização nova e renovada dos mesmos na vida de cada um. Este movimento que é antes de tudo interior, exige uma reconstrução constante e sempre inacabada do projeto que cada um é na construção de um novo céu e de uma nova terra⁷⁹, na esperança cristã que brota da fé e da ressurreição da morte. A autonomia assenta no centro de gravidade de um bem maior, personificado pelo coração; “onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração”⁸⁰.

A escolha do Reino como o bem essencial tem implicações em toda e para toda a vida. Escolher o bem será então como uma espécie de instinto do coração⁸¹. Neste sentido, o percurso educacional do educador cristão terá como finalidade atingir a vitalidade de cada aluno como pessoa em construção. Atrair o aluno para o Tu para assim construir o Nós, a comunidade, exige uma reta compreensão e encarnação da liberdade, da fidelidade e de cada ação criativa⁸². Para a compreensão cristã toda a autonomia tem o seu fundamento em Jesus Cristo. Só a partir d’Ele é possível apreender o respeito incondicional da dignidade de todos e da liberdade que Deus é em Jesus Cristo. Só Ele pode conduzir com sucesso o processo singular de educar, no qual “a recíproca comunhão das pessoas aparece impregnada de grande significado”⁸³.

Nutrir, gerar para a autonomia, é tarefa da escola, mas é sobretudo da família. Os progenitores levam consigo uma oferta de humanidade, participando pela educação na pedagogia de Deus que os criou livres⁸⁴. São os pais, ou aqueles que ocupam o seu lugar, os primeiros e principais educadores dos próprios filhos, e têm neste campo uma competência fundamental⁸⁵. A escola por si só dificilmente atingirá o que de mais profundo tem o ser humano. A educação, aí, será mais efetiva. Atualmente pretende-se que os alunos desenvolvam e trabalhem as competências e as aprofundem de maneira

⁷⁸ HAERING, Bernhard, *Livres e Fiéis em Cristo*, pp. 80-81.

⁷⁹ Cf. Rm 12, 2.

⁸⁰ Mt 6, 21.

⁸¹ Cf. HAERING, Bernhard, *Livres e Fiéis em Cristo*, p. 179.

⁸² Cf. *Ibidem*, p. 153.

⁸³ JOÃO PAULO II, *Carta às Famílias*, 16, Secretariado Geral do Episcopado, Ed. Rei dos Livros, 1994.

⁸⁴ Cf. *L. Cit.*

⁸⁵ Cf. *L. Cit.*

que as possam debitar quando isso lhes for solicitado e exigido. A família, por seu lado, ao mesmo tempo que exige, tem entre si laços afetivos indispensáveis para o crescimento equilibrado e harmonioso de cada um dos seus membros. “O triângulo escola-família-comunidade deve ser aprofundado e cultivado em nome da coesão social, justiça, aprendizagem e desenvolvimento integral da pessoa humana”⁸⁶. À família compete valorizar e preservar o ser humano, a pessoa na sua integridade, levando-a a uma responsabilidade sempre crescente dos seus atos e ao comprometimento na comunidade onde está inserida. Pôr os alunos e cada aluno a caminho, isto é, a tomar decisões pessoais, sociais e comunitárias, implica a priori que os respetivos professores, mas principalmente o professor cristão, sejam os primeiros a dar testemunho do que é mais importante e essencial na vivência quotidiana.

As palavras vão ser esquecidas, mas o testemunho será fundamental. O educador cristão é por inerência um educador para a autonomia enraizada em Cristo e para Cristo. Há-de ser com os alunos, aprendendo com eles, defendendo sempre a dignidade da pessoa humana, preocupando-se com o progresso de cada um dos seus alunos, sendo humilde, pois “só a humildade faz os grandes educadores”⁸⁷.

2. Jesus Cristo: modelo de integração, chama e integra na missão

Situar Jesus Cristo como lugar de integração é a certeza explícita de que só Ele pode ser lugar de tudo o que diz respeito ao ser humano. Na verdade, percorrendo a Sagrada Escritura, mas sobretudo o Novo Testamento, encontramos-LO nas mais variadas situações com diversas pessoas, chamando, ensinando e enviando para a vida concreta de cada uma delas. A ninguém tira do mundo, ou seja, da sua vida ordinária, mas a todos e a cada um envia em Seu nome. Ao longo desta breve reflexão, Jesus Cristo será o centro da praxis daqueles que com eles se encontram; melhor, com os que Jesus encontra pelo caminho. E estes que Jesus encontra pelo caminho, em pleno século XXI, não são muito diferentes daqueles que habitavam a Palestina no tempo de Jesus.

⁸⁶ GABINETE DE ESTUDOS PASTORAIS DA CEP, *A Visita do Papa Bento XVI a Portugal, a Encíclica Caritas in Veritate e a Sociedade Portuguesa*, in Brotéria, *Cristianismo e Cultura*, Vol. 171, Agosto-Setembro 2010, p. 350.

⁸⁷ LOPES, José Manuel, *A Educação na Companhia de Jesus-II*, in Brotéria, *Cristianismo e Cultura*, Vol. 162, Agosto-Setembro, 2005, p. 162.

O ser humano sofredor, ansioso de esperança, sedento de justiça, esmagado por uns tantos que não olham a meios para atingir os seus fins, seres humanos a quem não são reconhecidos os mais elementares direitos, a quem a dignidade foi esquecida. Nesta senda está o professor de Educação Moral e Religiosa Católica que, no seu local de trabalho, tem a tarefa, o ministério de ser a voz e o testemunho que contraria a desumanidade que se vai espalhando, tornando o ser humano cada vez mais frágil.

2.1. Jesus Cristo chama

João Batista não se cansa de gritar ao povo que se converta, “porque está próximo o Reino do Céu”⁸⁸. Enquanto João chama o povo para ser batizado e lhe explica o que vai acontecer, isto é, o seu batismo vai ser substituído por um outro ministrado por alguém que há-de vir depois dele e a quem “não é digno de descalçar as sandálias”, esse, diz João, “há-de batizar-vos no Espírito Santo e no Fogo”⁸⁹. Da sua mão sairão gestos e atitudes pouco convencionais. Terá na sua mão a pá de joeirar, com que separará o trigo do joio, fará a recolha do trigo na sua eira, mas a palha, essa, será queimada num fogo inextinguível⁹⁰. Esta apresentação do Reino dos Céus é assustadora. Este Reino não é de amor, melhor, não é o amor do Pai que vem acampar na vida do ser humano? João batiza com água para mover à conversão, mas Jesus batizará no Espírito Santo e no fogo. O batismo que Jesus propõe abrange toda a vida do crente. Marcado pelo batismo no Espírito Santo, o cristão é chamado à vida de Deus e com Deus. Por isso, tudo o que se passa à sua volta lhe diz respeito.

Todos os projetos encetados e concretizados quotidianamente não são só obra da sua inteligência, mas são o fruto concreto daquilo que o Espírito Santo vai operando nele. Ao caminhar com os mais novos num local de trabalho, como a escola, o docente é chamado a anunciar o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, assumindo os critérios de vida de Jesus de Nazaré. O escândalo que João anuncia não pode ser entendido em abstrato, mas na realidade concreta, na vida concreta de cada um presente na escola. Ser cristão, levar o fogo do batismo de Jesus, é tarefa delicada e dedicada. Sem compartimentos, a Educação Moral e Religiosa Católica é chamada à fidelidade

⁸⁸ Mt 3, 2.

⁸⁹ Mt 3, 11.

⁹⁰ Cf. Mt 3, 12.

constante daquilo que Jesus diz de si próprio. Ser referência de mudança, implica fugir das conveniências, do que é mais agradável mas, à maneira de João, retirar-se do que é lógico para que o Cristo libertador ilumine.

João batiza Jesus nas mesmas águas com que tinha batizado o povo que acorreu ao seu batismo. Vindo da Galileia, terra pouco recomendável, “de Nazaré pode vir alguma coisa boa?”⁹¹, Jesus aproxima-se de João e pede para ser batizado. O Espírito Santo acontece no concreto da vida de Jesus que é confirmado pelo Pai “este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado”⁹².

No decorrer da missão do professor de Educação Moral e Religiosa Católica, ele é chamado a fazer presente a Pessoa e a vida de Jesus Cristo. Não lhe é pedido que seja convincente, mas que seja uma presença simples como uma pomba. Que na singeleza dos seus atos transpareça a razão pela qual está na escola, Jesus Cristo. A solidariedade que Jesus manifesta para com a humanidade no batismo de João terá o seu ponto alto no calvário pregado na cruz. Mas este Jesus está de passagem⁹³. Jesus retira-se para o deserto, onde residem as grandes dificuldades, onde a vida quase se extingue, onde o essencial à sobrevivência não existe, mas onde os oportunistas querem que as pedras se transformem em pão⁹⁴, que se demonstre, como numa equação matemática, e que se dissipem as dúvidas. Estamos neste momento numa sociedade que procura a facilidade e mais concretamente o facilitismo. O ser humano peregrino procura-se e procura razões para a vida. A liberdade de Jesus impele-nos, ensina-nos a ser livres mesmo na adversidade. Ser oficialmente cristão na escola, implica estar disposto a ser enviado para o deserto onde a vida em abundância parece nula, sem esperança, sem vigor, mas onde se pode manifestar a pessoa de Jesus nos seus contornos mais ocultos, pelo testemunho vivo e corajoso.

Ao contactarmos com os textos bíblicos, deparamos com Jesus que chama com “autoridade carismática”, ou seja, seguro do chamamento que faz e das razões do mesmo. Verificamos que Jesus procura as pessoas no dia a dia das suas preocupações. A vida quotidiana é o seu lugar por excelência. Não vai ao Templo escolher os mais sábios, os mais entendidos na Lei. Ele, agora, é a perfeição da Lei, a visibilidade que a torna presente. Abeirando-se do mar, encontra homens de mãos calejadas, que procuram o próprio sustento e dos seus, ou seja, da sua família. É ao longo do caminho, como

⁹¹ Jo 1, 46.

⁹² Mt 3, 17.

⁹³ Cf. Jo 18, 36.

⁹⁴ Cf. Mt 4, 3.

havia de fazer de Jerusalém a Emaús, que Jesus vai encontrando os seus futuros discípulos. “Caminhando ao longo do mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores”⁹⁵. Jesus chama pelo nome, o seu chamamento dirige-se a cada pessoa concreta, com uma identidade própria.

Jesus escolhe gente simples que, trabalhando na imensidão e profundidade das águas do mar, são os mais ágeis, e também aos olhos dos entendidos os mais frágeis. São estes com quem Jesus vai andar e partilhar a sua missão. São pescadores, a profissão da esperança, mas também da contínua incerteza. Jesus faz-lhes um convite estranho, ser pescador de homens, ora as redes são para os peixes. Ao chamamento convicto de Jesus, “eles deixaram as redes imediatamente e seguiram-no”⁹⁶. A partir daquele momento tinha chegado o desassossego às suas vidas e à vida pacata de cada um.

Andando mais um pouco, Jesus chamou Tiago e João que juntamente com seu pai concertavam as redes dentro do barco. Deixando tudo, e o seu pai, seguiram-no⁹⁷. Jesus chama de uma maneira radical. Aqueles que o seguissem “tinham de abandonar tudo o que tinham entre mãos”⁹⁸. As suas vidas seriam mudadas para sempre. A segurança do lar, os projetos familiares seriam alterados para sempre. Doravante, impunha-se o serviço do Reino de Deus personificado em Jesus Cristo⁹⁹.

A missão que Jesus confiou aos primeiros discípulos é a de sempre. Hoje, Cristo continua a chamar e a enviar para uma missão, concretamente a de ser professor de Educação Moral e Religiosa Católica. Na fragilidade da palavra, mas alimentado pela Palavra, na avalanche de propostas culturais alicerçadas numa vida veloz, é aí que o professor de Educação Moral e Religiosa Católica está. No mar da vida, onde ele é ator, mas nunca figurante. A sua rede é a sua doação constante aos alunos a si confiados, e à restante comunidade que esperam encontrar alguma referência segura face às suas inseguranças. É a sua determinação na defesa constante dos mais frágeis, o diálogo com os saberes instituídos, é estar ao serviço a horas e fora de horas, é despender do seu tempo, do seu bem estar e da sua família.

⁹⁵ Mt 4, 18.

⁹⁶ Mt 4, 20.

⁹⁷ Cf. Mt 4, 21-22.

⁹⁸ PAGOLA, José António, *Jesus uma abordagem histórica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2008, p. 291.

⁹⁹ Cf. L. Cit.

Ser discípulo de Jesus em Educação Moral e Religiosa Católica é ter um relógio sem ponteiros, olhar para lá do tempo, mas estando sempre atento aos tempos e aos modos de o viver, isto é, às alegrias, às esperanças, às angústias, às tristezas dos nossos alunos¹⁰⁰. Trabalhar no meio escolar é também concertar as redes onde elas estão “dentro do barco”¹⁰¹, isto é, onde estão os que esperam a nossa presença comprometida com as suas frágeis vidas. Concertar as redes é adivinhar estômagos vazios, saúde mal cuidada, material escolar inexistente, alunos que já não contam, gente que a todo o momento desiste de sonhar, famílias desnutridas... O docente de Educação Moral e Religiosa Católica tem forçosamente de olhar à maneira de Jesus e também ele chamar. Servir é a sua missão num mar que algema os mais fracos. A disponibilidade total para servir é o selo da missão daquele que se dispõe a lecionar esta Disciplina.

Ser fiel à sua missão implica um coração acolhedor, universal. Em Jesus Cristo, todos têm lugar à mesa, não há lugares reservados, a única reserva é a partilha da Paixão de Jesus Cristo. Jesus chama os discípulos, o seu Reino não pode ficar confinado à sua pessoa, Ele tem de partilhar a alegria e a responsabilidade do mesmo, com quem estiver disponível para O acolher. S. Paulo recomenda que se fale deste Rei em qualquer momento a propósito ou a despropósito¹⁰². A proposta levada ao meio escolar tem que ser marcada pelo acolhimento, pela alegre notícia, porque esta fundamenta-se no encontro com um precioso tesouro¹⁰³, com a pérola¹⁰⁴ encontrada, e que tem que ser levada, embora em vasos de barro¹⁰⁵. “Pescador de homens”¹⁰⁶ que semeiem no mundo sinais da misericórdia de Deus, edificando uma sociedade nova, mais fraterna, num caminho constante para a plenitude do Reino de Deus, comprometendo-se totalmente com a humanidade.

2.2. Jesus Cristo integra

Jesus inicia a sua vida pública com um “programa” de ação bem claro e explícito. A sua missão é anunciar a todos o Reino, trazê-los a Si, sobretudo os que

¹⁰⁰ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 1, Editorial A.O., Braga, 1979⁸.

¹⁰¹ Mt 4, 21.

¹⁰² Cf. 2 Tm 4, 2.

¹⁰³ Cf. Lc 15, 9.

¹⁰⁴ Cf. Mt 13, 46.

¹⁰⁵ Cf. 2 Cor 4, 7.

¹⁰⁶ Lc 5, 10.

vivem oprimidos, os pobres, os cativos, os cegos, os surdos “e a proclamar um ano favorável da parte do Senhor”¹⁰⁷; isto é, recomeçar de novo esquecendo tudo o que possa prejudicar a convivência humana. Neste sentido o poder de Deus não pode ter entraves que impeçam a Sua manifestação. Ele é a oportunidade única oferecida a cada um segundo a sua situação concreta¹⁰⁸. O cumprimento das Escrituras é Jesus Cristo que se apresenta e anuncia o que vem fazer, ou seja, a missão para a qual o Pai O enviou¹⁰⁹. Não traz riquezas. Ele é a riqueza, o tesouro mais precioso, o Seu Filho bem amado¹¹⁰ que todos podem adquirir livremente. Ao longo da sua vida pública, Jesus vai encontrando as mais variadas situações de sofrimento humano. A todos “apresenta a lei performativa da nova humanidade em que todos entram no banquete do Reino”¹¹¹. Ao possesço cego e mudo, Jesus cura da nudez, da cegueira e expulsa Belzebu perante o espanto da multidão e má fé dos fariseus¹¹². Em Betsaida, Jesus cura um cego que suplica que Jesus o toque. A este desejo, Jesus toma-o pela mão e leva-o para fora da aldeia onde vai recuperar a vista¹¹³. Jesus age junto de quem o procura na discrição. Não há lugar ao espetáculo, ao assombro, mas o recolhimento fora da aldeia, lugar simples, conduzindo o cego pela mão. Depois de curado é imperioso que o mesmo regresse ao seu meio, à sua casa, aos seus. Jesus introduz um modo novo de estar e de agir, uma nova ordem. A proximidade de Jesus é a certeza da eliminação das barreiras na comunidade humana. Ele é a resposta de Deus ao sofrimento humano¹¹⁴.

A aproximação aos abandonados pela sociedade é uma constante da vida pública de Jesus. Estar onde o ser humano está, em sofrimento, é a preocupação de Jesus. Sabendo da novidade, o povo acorre ao seu encontro, mas são os mais pobres e indefesos que Jesus atende; de modo especial, os que se sentiam abandonados por Deus.

A cura do cego Bartimeu é exemplo desses que se sentem abandonados. Numa sociedade, vazia da misericórdia de Deus, em que a importância recai na eficácia, ser cego implicava e implica ser mendigo, sobreviver com os restos, as migalhas que ninguém quer¹¹⁵. Pôr-se à beira do caminho esperando que algum caminhante se compadeça da sua sorte e lhe dê alguma coisa, lhe mate a fome e lhe cubra a nudez. Este

¹⁰⁷ Lc 4, 19.

¹⁰⁸ Cf. Lv 25, 1ss.

¹⁰⁹ Cf. Jo 8, 18.

¹¹⁰ Cf. Mt 3, 17.

¹¹¹ NEVES, Joaquim, *Jesus Cristo – História e Mistério*, Editorial Franciscana, Braga, 2000, p. 201.

¹¹² Cf. Mt 12, 22-24.

¹¹³ Cf. Mc 8, 22-24.

¹¹⁴ Cf. PAGOLA, José António, *Jesus uma abordagem histórica*, p. 178.

¹¹⁵ Cf. Lc 16, 20.

cego é especial. Ele ouviu dizer que se tratava de Jesus de Nazaré. Grita¹¹⁶, sabendo inclusive alguma coisa sobre a genealogia de Jesus. Ele, “Filho de David”¹¹⁷, como tal não pode ficar indiferente ao seu sofrimento. O cego como que confirma o projeto que Jesus lê na Sinagoga a seu respeito. Ele vem precisamente para dar a vista aos cegos. Ao seu grito, cada vez mais insistente, Jesus pára e manda-o chamar. O cego, ao aproximar-se provoca a ação de Jesus. O cego não tem dúvidas, quer ver: “Mestre, que eu veja”. À resposta de Jesus, “a tua fê te salvou”¹¹⁸, aquele que antes era cego segue Jesus pelo caminho. O texto não nos diz para onde vai, simplesmente vai com o Mestre, o qual com as suas ações e palavras quer uma sociedade nova, liberta da cegueira que, hoje, tem muitos nomes. Ela pode chamar-se individualismo, consumismo, relativismo e tantos outros, mas que são um entrave para uma visão mais nítida dos desprevenidos e indefesos. Urge uma sociedade mais saudável e mais fraterna a caminho da eternidade, que começa no caminho com Jesus.

A plenitude do Reino que Jesus anuncia não pode ficar no silêncio, como pretendia a multidão que rodeava este cego. A sua ação e linguagem provoca a ordem instituída. Ele é a misericórdia de Deus, para isso é que Ele veio¹¹⁹. Jesus impõe-se com a Sua Palavra e a Sua ação em função da defesa da dignidade dos últimos¹²⁰.

Jesus não pede que o cego acredite n’Ele, embora este já O tenha identificado, mas dá-lhe o melhor que tem, a sua compaixão. “Os irmãos mais pequeninos” são a sua predileção, aqueles a quem tudo é tirado. Dar sem esperar nada em troca, é uma exigência intrínseca do ser cristão. Estar à beira do caminho e a caminho com Jesus, tem um preço muito alto. Jesus propõe um “código de compaixão”, uma sociedade do acolhimento, do abraço e da hospitalidade.

Na escola dos nossos dias, abundam os cegos. São os pedintes da superabundância, da satisfação imediata, do não sonho, do imediatismo, mas que clamam à beira dos caminhos atuais por um abraço, por um beijo, por uma palavra de apreço, pela cura das feridas profundas que abrem chagas invisíveis à nossa vista. Pelo caminho, o professor de Educação Moral e Religiosa Católica encontra os pedintes do séc. XXI aos quais deve apresentar Jesus, origem de toda a dignidade humana¹²¹.

¹¹⁶ Cf. Mc 10, 47-48.

¹¹⁷ Mc 10, 47.

¹¹⁸ Mc 10, 46-52.

¹¹⁹ Cf. Lc 6, 36.

¹²⁰ Cf. PAGOLA, José António, *Jesus uma abordagem histórica*, p. 192.

¹²¹ Cf. *Ibidem*, p. 210.

A educação integral do ser humano exige que o professor de Educação Moral e Religiosa Católica se configure com Jesus Cristo numa atualização constante, num motor de busca que não se desatualiza, mas que exige cada vez mais software atualizado, capaz de responder aos desafios que hoje se impõem. Estar configurado com Cristo¹²², com a Sua Palavra, seguindo o Seu caminho, ou seja, indo onde estão os preferidos de Jesus, significa dar razões de vida aos que o docente vai encontrando no seu caminho. Fazer viver é acolher os mais fracos, os mais pequenos, os julgados, os sem rumo nem esperança. Pois todos são amados por Deus, criados à Sua imagem e semelhança¹²³, plenos de dignidade, a quem Jesus Cristo oferece o reino com força transformadora, porque “o Reino de Deus é amar o irmão em qualquer circunstância”¹²⁴. Os mais pequeninos da sociedade são os prediletos de Jesus, têm também de ser os que ocupam e preocupam o docente de Educação Moral e Religiosa Católica, rejeitando toda a espécie de exclusão, amando sem medida, porque a medida é o amor com que somos amados por Ele.

3. Os discípulos corresponsáveis na missão de Jesus Cristo

Na história da salvação, Deus precisa do ser humano para levar por diante a obra por Ele começada. O ser humano criado à Sua imagem e semelhança, é, desde então, o seu “embaixador”, aquele que cuida do criado e aquele que lhe dá contas da criação, isto é, o que lhe devolve os seres criados segundo a ordem recebida, “para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra”¹²⁵. Segundo o primeiro relato da criação¹²⁶, de toda a criação, o Homem é o Senhor, tudo está disposto para que exerça o seu domínio e cuide da propriedade que lhe está confiada pelo Senhor. Deus “insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida”¹²⁷, diz o segundo relato da criação. A manifestação de Deus na vida do ser criado dispõe-no em dinâmica de criação com Deus, numa cooperação contínua e constante no meio do jardim¹²⁸, “para o cultivar e também para o guardar”¹²⁹.

¹²² Cf. Gal 2, 20.

¹²³ Cf. Gn 1, 26.

¹²⁴ PAGOLA, José António, *Jesus uma abordagem histórica*, p. 270.

¹²⁵ Gn 1, 26.

¹²⁶ Cf. Gn 1, 1-31.

¹²⁷ Gn 2, 7.

¹²⁸ Cf. Gn 2, 9.

Para fazer o seu Povo sair do Egito, Deus precisou de Moisés. Deus viu e ouviu os gemidos do povo e mandou-lhe Moisés como mediador entre Deus e o Faraó¹³⁰. Precisou de Juízes, de Reis e de Profetas que acompanhassem o seu povo eleito nos caminhos atribulados que vai trilhando. Por fim, “estes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o mundo”¹³¹. Deus envia o Verbo que estava junto do Pai¹³² para apascentar as ovelhas tresmalhadas de Israel¹³³ e as levar novamente para o meio do jardim¹³⁴.

3.1. Jesus caminha com os discípulos

Ser discípulo de Jesus significa estar sempre a caminho, estar desinstalado, correr toda a espécie de contratempos. Jesus caminha lado a lado com os seus discípulos na fragilidade e na insegurança das coisas terrenas. Ele tem que ensinar aos seus discípulos, por palavras e ações; tem que dizer quem é e o que está ali a fazer com tanta autoridade¹³⁵. São palavras novas, plenas de novidade e, por vezes, de assombro. O Reino de Deus estava ali, era Ele mesmo, era visível. Para Jesus era claro que se impunha partilhar este Reino, explicitá-lo, levá-lo às ovelhas desgarradas de Israel, mas sobretudo aos desafortunados da vida. Caminhar com Jesus de terra em terra “era uma grande aventura”. Dali em diante, a identidade dos discípulos consistia num pôr-se “a caminho do Reino de Deus e da sua justiça”¹³⁶.

Doravante, quem quiser ser importante, faça-se servo, isto é, sirva sobretudo os mais pequenos¹³⁷, os humildes, pois só nesta condição seria possível a chegada do Reino de Deus¹³⁸.

No caminho de Emaús¹³⁹, Jesus põe-se mais uma vez a caminho numa atitude de escuta. O desalento tinha tomado conta dos seus discípulos. Afinal, a sua esperança

¹²⁹ Gn 2, 15.

¹³⁰ Cf. Ex 3, 7.

¹³¹ Heb 1, 2.

¹³² Cf. Jo 1, 1.

¹³³ Cf. Mt 18, 22.

¹³⁴ Cf. Gn 2, 9.

¹³⁵ Cf. Mt 7, 29.

¹³⁶ PAGOLA, José António, *Jesus uma abordagem histórica*, p. 305.

¹³⁷ Cf. Mc 9, 35.

¹³⁸ Cf. PAGOLA, José António, *Jesus uma abordagem histórica*, p. 235.

¹³⁹ Cf. Lc 24, 13-35.

tinha chegado ao fim. Aquele em quem acreditaram, durante alguns anos, tinha-os abandonado. O Mestre deixou-se apanhar e crucificar entre ladrões. Mas Jesus não admite tal desalento, mete-se na conversa, interroga-os e elucida-os acerca dos acontecimentos dos últimos dias em Jerusalém. E como o dia está no ocaso, convidam-no a ficar, sem saberem quem é, pois pode ser perigoso continuar o caminho sozinho. É então à mesa que os discípulos O reconhecem, mas também é aí que Ele desaparece. E chegou o tempo de os seus discípulos correrem e darem a notícia para contar o que lhes tinha acontecido a caminho de Emaús, e que era Aquele que se tinha aproximado deles. As lágrimas deram lugar à alegria¹⁴⁰, e já é possível acreditar em tudo o que os profetas anunciaram.

A conversa desanimada dos discípulos dá lugar à escuta de Jesus. Era necessário recontar toda a história da salvação com olhos novos, ou seja, com o olhar do Ressuscitado¹⁴¹. Ser discípulo de Jesus supõe a escuta, o discernimento, a proposta da esperança. Em contexto escolar urge semear a esperança, ser portador do ressuscitado, pôr-se a caminho com os que se sentem desanimados, sem saída possível nas suas vidas, sentar-se à mesa e partilhar o seu tempo, a sua vida, a certeza do Cristo ressuscitado. Transformar a fé em gestos gratuitos com aqueles que têm o mesmo desejo, educar, provocando cada aluno para ir mais além, descobrir a beleza da vida no ressuscitado alicerçando os seus sonhos na pessoa de Jesus Cristo. O docente de Educação Moral e Religiosa Católica é um discípulo a caminho com Jesus Cristo. Só assim terá autoridade para propor caminhos novos e um mundo novo no qual todos têm lugar privilegiado. Fazer parte da família de Jesus supõe e impõe a partilha de vida em comunhão com a Igreja alicerçada em Cristo Jesus, testemunhando a verdade e a universalidade do serviço¹⁴².

3.2. Jesus Cristo envia em missão

Ia Jesus a caminho de Jerusalém e teve que passar por uma população de samaritanos. Como tivessem sido mal recebidos, Jesus e os seus discípulos “foram para

¹⁴⁰ Cf. Sl 126, 5.

¹⁴¹ Cf. Lc 24, 13-35.

¹⁴² Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 3.

outra população”¹⁴³. Pelo caminho, alguém se ofereceu para O seguir, mas a outro e mais outro Jesus mandou-os segui-IO. Contudo, cada um tinha condições prévias para O seguir, ou seja, todos tinham tarefas familiares importantes a cumprir. Jesus, reage de forma pouco simpática, respondendo-lhes que “que molha para trás, depois de deitar a mão ao arado, não é apto para o Reino de Deus”¹⁴⁴. Na sequência do diálogo entre o que O quer seguir e aqueles que Jesus chama, são enviados em missão setenta e dois discípulos. “O chamamento de Jesus era radical”¹⁴⁵. Jesus ia imprimir nas suas vidas uma nova orientação. Arrancava-os da segurança para os lançar numa existência imprevisível. O Reino de Deus estava a irromper, nada os podia distrair. Dali em diante, viveriam ao serviço do Reino de Deus, intimamente incorporados na vida e no trabalho profético do próprio Jesus”¹⁴⁶. Jesus envia os setenta e dois¹⁴⁷, em grupos de dois, a todas as cidades e lugares onde Ele havia de ir posteriormente. São enviados aos grandes centros, mas também aos lugares humildes. Era preciso preparar as pessoas para um grande acontecimento: a chegada do Reino de Deus. É urgente que todos saibam que o Messias tinha chegado e os discípulos são testemunhas desse acontecimento. Antes, porém, lembra-lhes que todos são poucos para O anunciar. É preciso rogar para que o dono da messe mande trabalhadores para a mesma¹⁴⁸.

“Ide! Envio-vos como cordeiros para o meio de lobos”¹⁴⁹. Os discípulos partem na fragilidade total. O cordeiro inocente, manso e humilde, corre o risco de ser difamado pelos lobos que o espreitam a cada momento. A acrescentar à insegurança, Jesus impõe regras que todos devem cumprir sob pena de não levarem a bom termo a missão para a qual são enviados. Os seus discípulos não devem levar bolsa, nem alforje, nem sandálias, nem cumprimentar quem quer que fosse pelo caminho¹⁵⁰.

Estas condições são importantes, pois deste modo não teriam a mesma reputação dos vagabundos cínicos que carregavam as provisões e as esmolas que iam recolhendo. Aos discípulos era exigido que vivessem “da providência de Deus e da boa vontade de

¹⁴³ Lc 9, 56.

¹⁴⁴ Lc 9, 62.

¹⁴⁵ PAGOLA, José António, *Jesus uma abordagem histórica*, p. 294.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 291.

¹⁴⁷ Cf. Lc 10, 1.

¹⁴⁸ Cf. Lc 10, 2.

¹⁴⁹ Lc 10, 3.

¹⁵⁰ Cf. Lc 10, 4.

toda a gente”¹⁵¹. Deviam aparecer nas aldeias e lugares como homens de paz, a exemplo do Mestre¹⁵² que não tinha onde reclinar a cabeça¹⁵³.

Os discípulos tinham duas tarefas essenciais: curar os doentes e anunciar a todos que o Reino de Deus tinha chegado¹⁵⁴. A Jesus interessa a pessoa na sua situação concreta, restituir-lhe a saúde do corpo e do espírito. A cada um é restituída a dignidade. Assim, “Jesus estava a criar uma rede de “curadores” para anunciarem a irrupção de Deus”¹⁵⁵.

Deus, o amigo da vida, tem que ser anunciado em gestos e palavras perceptíveis e entendíveis por todos, sobretudo pelos desprezados da sociedade, pois para isso é que Jesus veio. Os simples dispensam discursos, esperam proximidade e compromisso junto daqueles a que lhes são enviados. Jesus percorre caminhos e manda percorrer. Onde quer que haja um ser humano é aí que o Reino deve ser anunciado. Semear sinais de misericórdia em nome de Jesus Cristo, partilhar a tarefa de O anunciar possibilita que muitos tenham acesso à semente do Reino de Deus.

A semente nem sempre vai germinar, mas este Reino é para todos. A universalidade do mesmo não pode ficar limitado a uma sala de aula ou outro lugar qualquer. O pescador sabe que, mesmo com as mais modernas tecnologias, só arriba ao porto se o mar o permitir. O “pescador de homens” tem a certeza de que nem todos o vão escutar, mas dia após dia não pode perder a esperança, pois não trabalha por conta própria. O seu Senhor confia-lhe um precioso tesouro, chama-o, envia-o, compromete-o, sabendo que esse tesouro é levado em vasos de barro, sabendo que, como Pedro, O pode negar a todo o momento¹⁵⁶.

O docente de Educação Moral e Religiosa Católica é enviado para uma missão concreta, tal como os setenta e dois discípulos. A comunidade escolar e extra escolar é o lugar do seu testemunho. Deste modo, “no contexto escolar, espera-se que o professor de Educação Moral e Religiosa Católica (...) tenha a capacidade de tornar o cristianismo atuante enquanto humanização da caminhada, tantas vezes esgotada no desempenho de funções e esvaziada na aridez da burocracia”¹⁵⁷.

¹⁵¹ PAGOLA, José António, *Jesus uma abordagem histórica*, p. 310.

¹⁵² Cf. Jo 21, 19.

¹⁵³ Cf. Lc 9, 58.

¹⁵⁴ Cf. Lc 10, 9.

¹⁵⁵ PAGOLA, José António, *Jesus uma abordagem histórica*, p. 308.

¹⁵⁶ Cf. Lc 22, 62.

¹⁵⁷ SANTOS, António, *O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional*, in Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação, Ano VII-VIII, Setembro 2011- Abril 2012, 21/22, p. 16.

Na globalidade do ser humano e na globalização por este criada, os meios de comunicação postos à sua disposição são também um dos areópagos onde se semeia e se recolhe. Também aqui o docente é chamado a proclamar como Pedro, em Jerusalém, o Cristo ressuscitado¹⁵⁸. Garantir que o ser humano seja verdadeiramente humano, eis a missão do docente que aceita o desafio de lecionar esta Disciplina, no mundo atual¹⁵⁹.

¹⁵⁸ Cf. Act 2, 32.

¹⁵⁹ Cf. SANTOS, António, *O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional*, p. 16.

Capítulo III – Motivar para aprender

1. Motivar para a aprendizagem em Educação Moral e Religiosa Católica

Registando-se a nível nacional um grande decréscimo nas inscrições dos alunos em Educação Moral e Religiosa Católica no ensino secundário, comparativamente aos outros ciclos de ensino, é pertinente perceber o que leva estes alunos, que se inscreveram e participaram nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica até ao terceiro ciclo, a não escolherem a Disciplina no ensino secundário. A Disciplina é desconhecida na Escola Secundária? É assunto de crianças? É perda de tempo? Não contribui para a eficácia do ensino, isto é, não participa do conjunto de ferramentas que promove o sucesso escolar? Quais são os seus verdadeiros interesses na escola e da escola, os valores que os alunos consideram fundamentais para o seu crescimento como cidadãos livres, autónomos e por conseguinte intervenientes na vida da cidade? Por que razão a Educação Moral e Religiosa Católica não continua a fazer parte do seu crescimento e formação, rumo ao seu projeto de vida?

É certo que os alunos ao chegarem ao ensino secundário com interesses diferentes ditaram o seu afastamento dos amigos de infância. O crivo social é agora visível e é um fator importante de separação. A nova etapa no ensino secundário vai abrir horizontes e concretizar alguns sonhos. É agora o tempo de projetar o futuro, fazer escolhas, ainda que bastante inconscientes, devido à sua imaturidade. Contudo, socialmente são pressionados a tomar decisões por razões pouco razoáveis. O grupo dos afetos transformou-se, abruptamente, em grupos de interesse.

Como pode Educação Moral e Religiosa Católica fazer parte integrante destes jovens alunos, e consequentemente, dos seus jovens projetos? No seu percurso humano e escolar qual ou quais os referenciais que orientam a sua vida? A proposta cristã não é compatível com os seus projetos? A menoridade a que é votada a Educação Moral e Religiosa Católica deverá ter razões profundas que merecem uma reflexão demorada. Se a Igreja quer estar presente no meio escolar com uma proposta concreta, tem à sua frente desafios que exigem dedicação exigente à maneira de Jesus Cristo.

A Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho é atualmente uma escola exclusivamente de ensino secundário, com cursos diurnos e noturnos. Recebe alunos para os cursos científico-humanísticos, cursos profissionais, cursos de educação e

formação de adultos e formações modulares, todos de nível secundário. Nesta escola existe uma variada escolha e soluções para os alunos optarem. Ao conhecer a história e prestígio que teve e tem a Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho e a sua boa localização, bem no centro da capital, foi estranho e desolador saber que os alunos matriculados na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no início do ano letivo eram residuais.

A minha preocupação, desde o princípio, foi perceber qual a razão desta percentagem. Milagres não iria fazer, mas conseguir perceber as razões deste insucesso da Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica nesta escola era importante. Apurar e conseguir, se possível, que mais alguns alunos se interessassem e se inscrevessem na Disciplina começou a ser um dos objetivos a prosseguir com os alunos nela matriculados.

Rapidamente me apercebi que a divulgação da Disciplina na escola era escassa ou quase nula e as informações necessárias a transmitir aos alunos sobre Educação Moral e Religiosa Católica não existiam, desde os serviços administrativos até à própria Direção da escola. Esta constatação retrata bem o pouco interesse da escola na Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Os Encarregados de Educação e os alunos estavam assim, desde o início, impedidos de fazer uma possível escolha e matrícula na Disciplina. A maioria desconhece o direito que tem em poder optar por Educação Moral e Religiosa Católica visto que é uma oferta obrigatória da escola.

Com uma percentagem baixíssima de alunos inscritos em Educação Moral e Religiosa Católica, comecei a trabalhar com os alunos, apresentando propostas de reflexão de acordo com os seus interesses, mas tendo por base os conteúdos veiculados pelas Unidades Letivas do ensino secundário. Para alcançar os objetivos a que me propus, recorri a alguns modelos de ensino que na situação concreta de sala de aula fossem os mais adequados.

Dei início ao meu trabalho, aplicando os modelos que se centram nas abordagens contemporâneas centradas no aluno, assim como as formas de utilizar diferentes abordagens em conjunto para satisfazer a variedade de objetivos de instrução, como a aprendizagem cooperativa, aprendizagem baseada em problemas e discussão em sala de aula.

Os três modelos de ensino centrados no aluno – aprendizagem cooperativa, aprendizagem baseada em problemas e discussão em sala de aula – encorajam a interação dos alunos com o professor e entre os alunos, requerendo um ambiente de

aprendizagem livre e caracterizado pela autonomia e pelo apoio dos colegas e docente. Assim, e de acordo com as características dos alunos – turma, incidi diversas vezes sobre a aprendizagem cooperativa.

Segui o programa e projetei cada aula, de acordo também com as preferências e gostos dos alunos, para os tentar cativar e entusiasmar na aprendizagem. Estes foram bastante receptivos às estratégias que fui propondo e, num primeiro momento, conseguimos ir ao encontro de outros colegas, cativando-os e chamando-os para a inscrição e participação nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica.

Preparei aulas com estruturas de objetivos cooperativos, entusiasmando os alunos a trabalharem em grupo. Deste modo foi possível alcançar os objetivos promovendo a cooperação entre todos os alunos. A aprendizagem cooperativa vai para além da ajuda aos alunos na aprendizagem de conteúdos e competências escolares, contemplando importantes metas e objetivos sociais e de relações humanas.

Um dos mais importantes desafios que o professor enfrenta é o de compreender a diversidade dentro do grupo de alunos e perceber como estes aprendem. Neste sentido, ao longo das aulas, desenvolvi o trabalho de forma a conseguir que os alunos se integrassem na turma, conhecendo-se e trabalhando juntos. A cooperação entre os alunos foi bem visível ao longo das semanas. Começaram a ter as suas ideias, opiniões, pensamentos, reflexões e a serem autónomos. É importante que os alunos não enveredem pelo seguidismo no que respeita às convicções e utopias da opinião pública.

Com a colaboração dos alunos inscritos em Educação Moral e Religiosa Católica, foi possível fazer uma abordagem junto dos alunos da comunidade educativa através de um inquérito por questionário, para se perceber quais as razões que são impedimento da sua não matrícula em Educação Moral e Religiosa Católica. Conhecendo os seus interesses, gostos, objetivos e desafios, conseguimos responder às suas expectativas, trabalhando e desenvolvendo as competências previstas para cada aula.

2. Aprender com os alunos: como vêm a Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica

No inquérito realizado (anexo 18) a cinquenta e sete alunos deste estabelecimento sobre a Disciplina e os professores de Educação Moral e Religiosa

Católica, estes referem numa primeira questão sobre o que poderia a Disciplina oferecer aos alunos. A Disciplina deveria propor visitas de estudo ao estrangeiro (vinte e sete respostas). Vinte e cinco alunos dizem que a Disciplina deveria oferecer aulas mais interessantes e também propor intercâmbios com outros jovens (dezoito alunos). De salientar os vinte e cinco alunos inquiridos que, com a segunda resposta mais votada, responderam que as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica deveriam ser mais interessantes, atraentes, com novas dinâmicas de trabalho.

Na segunda pergunta colocada aos alunos, pretendia-se saber qual a razão pela qual os alunos da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho não se inscrevem na Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Vinte e três alunos responderam que não se inscrevem na Disciplina por esta não contar para a média, como acontece nas outras Disciplinas. Dezanove alunos referem que o tempo é importante para poderem estudar para as outras Disciplinas, enquanto que dezassete dos inquiridos dizem que o horário não permite que eles se matriculem na Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

O facto de a nota final de Educação Moral e Religiosa Católica não entrar na média com todas as outras Disciplinas é o motivo principal pelo qual não se inscrevem em Educação Moral e Religiosa Católica. De realçar também os dezassete alunos que referem que o horário não lhes permite que se matriculem. Mostram que tentaram informar-se sobre as aulas desta Disciplina e o seu horário. Na verdade neste estabelecimento de ensino as aulas e o horário de Educação Moral e Religiosa Católica são durante as horas de almoço, às 13h15, ou seja, quem se quiser inscrever nesta Disciplina almoça mais tarde, quase às 15h ou fica sem tempo para almoçar.

Numa terceira questão, pretendia-se perceber se os alunos se inscreviam ou não na Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica mediante o seu professor e quais as razões pelas quais não se matriculavam. Trinta e três dos inquiridos dizem que não se inscrevem em Educação Moral e Religiosa Católica porque o professor só fala de Igreja. Vinte e cinco responderam que as propostas que o professor apresentava não interessavam. Catorze referiram que o professor é antiquado.

Mais de cinquenta por cento dos alunos referem que os docentes falam maioritariamente de matéria relacionada com a Igreja. Os alunos salientam ainda que o que a Disciplina e o professor de Educação Moral e Religiosa Católica apresentam não lhes interessam, não lhes agrada ou não os cativa. É necessário e urgente que a Disciplina reformule os conteúdos a trabalhar e a desenvolver com os alunos e o próprio

professor os adequa, percebendo a realidade dos alunos, da escola e de todo o meio envolvente.

A última questão apresentada aos alunos pretendia que estes dessem a sua opinião de como gostavam que fosse o seu professor de Educação Moral e Religiosa Católica. Trinta e oito alunos referiram que o docente desta Disciplina tinha de ser alguém em quem os alunos pudessem confiar. Trinta e quatro dos inquiridos responderam que o professor tem que usar a linguagem dos alunos, enquanto vinte e seis dos alunos consideram que o docente tem que conhecer os alunos pelo seu nome.

É perceptível que os alunos preferem e elegem o professor de Educação Moral e Religiosa Católica como alguém em quem eles podem confiar verdadeiramente. Que o docente seja mais do que um professor para eles, que seja um amigo. Que seja alguém em que eles possam confiar e partilhar muitos dos seus problemas ou inquietações. Que esteja disponível para dialogar, escutar, aconselhar e apoiar nesta fase da sua vida em que têm de fazer muitas escolhas que irão marcar a sua vida no futuro.

3. Aprender com o testemunho do professor de Educação Moral e Religiosa Católica

O professor de Educação Moral e Religiosa Católica, como já referi, tem que ser um educador cristão, e por conseguinte ser testemunha de Cristo, razão pela qual está na escola. Conhecendo bem a realidade da escola, a sua cultura e a pessoa de cada aluno que frequenta a Disciplina é possível interagir com os mesmos e construir um projeto em comum numa dinâmica de cooperação e integração.

É fundamental que os alunos sejam integrados na escola, na turma com os colegas e com o pessoal docente e não docente. Com a integração feita numa nova escola (10º ano de escolaridade), com novos colegas e professores, ou seja, com uma nova realidade escolar, torna-se imperioso que sejam cooperantes uns com os outros. Mais do que colegas da mesma escola ou da mesma turma, é importante que sejam verdadeiros amigos, que se ajudem mutuamente em todos os momentos da sua vida e a todos os níveis: na escola, nos seus deveres e aprendizagens e fora desta, como homens e mulheres à procura de uma vida com futuro, um futuro de esperança, de alegrias e

conquistas, também de tristezas e derrotas, mas sempre com muito amor e trabalho à procura da verdadeira felicidade e da sua realização pessoal e comunitária.

Capazes de decidirem por si, mais autónomos, mais conscientes do que é a vida e a luta constante, os alunos hão-de ter presente os valores no coração, sabendo que Deus deu a cada um de nós diversos dons¹⁶⁰. Cabe-nos a nós descobri-los e pô-los em prática. O aluno de Educação Moral e Religiosa Católica, no seu percurso escolar, tornar-se-á mais consciente dos seus direitos e da sua dignidade. A sua cosmovisão alarga-se para lá do tamanho do mundo, desenvolvendo um espírito crítico e construtor de uma cidade nova.

O testemunho é um grande valor a transmitir aos alunos. É a partir do exemplo que o professor de Educação Moral e Religiosa Católica dá no seu dia a dia, na comunidade escolar, que os alunos olham de forma diferente para o docente, ganhando empatia e confiança necessárias para uma boa relação entre professor-aluno, independentemente da raça, ideologia, cultura ou condição sócio económica.

São os valores de Jesus Cristo que têm de ser anunciados e transmitidos uns aos outros. O testemunho do Homem das “margens do lago”¹⁶¹, que chama os discípulos, aproxima e integra os homens em sofrimento, coopera e responsabiliza enviando os seus seguidores, dois a dois, em missão¹⁶².

É verdade que cada vez mais o docente está ocupado com papéis e mais papéis que aqui ou ali nos vão pedindo e exigindo, cumprindo prazos, muitas vezes com dificuldade, trabalhando muito mais do que as horas que nos estão atribuídas. Passamos mais tempo preocupados com coisas que certamente não são fundamentais e ficamos sem tempo para o básico, o essencial, que são as pessoas! Preocupamo-nos ou fazemos preocupar com coisas materiais em desfavor dos alunos! Estes passaram há muito para segundo plano, quando deveriam ser a nossa maior preocupação, merecendo a nossa especial atenção, os nossos primeiros esforços e, assim, estarmos mais disponíveis para os acompanhar.

O professor deve ser um referencial como facilitador da integração social do aluno, desenvolvendo vínculos muito estreitos de amizade e o respeito mútuo,

¹⁶⁰ Cf. 1 Cor 12, 27-31.

¹⁶¹ Lc 8, 22.

¹⁶² Cf. Lc 10, 1.

preocupando-se com o processo de construção da cidadania do aluno estabelecendo com cada um uma relação pessoal¹⁶³.

O professor tem que se fazer presente, estar próximo dos alunos, não se pode fechar sempre na sala de aula ou na sala de professores. Tem que se fazer ao caminho e ir ao encontro dos alunos, à descoberta das suas ideias e expectativas, falar a mesma linguagem que eles e conhecê-los pelos seus nomes. O docente de Educação Moral e Religiosa Católica tem também que se integrar na comunidade educativa, dando este testemunho vivo de Fé e Amor de Jesus Cristo. Este testemunho tem que ser dado também aos alunos já conhecedores deste Amor e vida em Jesus Cristo. Assim, como referi, as aulas não se podem limitar ao espaço de uma sala, a porta tem que estar constantemente aberta, tal como o nosso coração tem que estar permanentemente disponível para receber os nossos irmãos, os nossos colegas de escola.

Na sala de aula, e perante o que é pedido atualmente ao docente para trabalhar e desenvolver com os alunos, as competências de cada Unidade Letiva, o professor tem que fazer um esforço acrescido moldando o que é pretendido em cada aula, aplicando a sua imaginação; preparar as aulas utilizando diversos materiais e dinâmicas que possam ir também ao encontro dos discentes e às suas expectativas. Assim, o professor consegue lecionar e cumprir a sua programação, satisfazendo simultaneamente os alunos, incentivando-os igualmente para uma aprendizagem eficaz e gosto pelas aulas.

Todos os alunos têm que “ser iguais”, não podem existir líderes fixos na turma ou nos trabalhos que vão sendo desenvolvidos ao longo do ano. Em cada trabalho que seja pedido e realizado em grupo o porta-voz não pode ser sempre o mesmo. As oportunidades de desenvolver a capacidade de decisão têm que passar por todos os alunos, responsabilizando-os de acordo com as suas capacidades.

Conhecendo os dons e o valor de cada um, o professor pode, estrategicamente, preparar as aulas de forma a permitir que cada um dos alunos possa vivenciar uma situação de sucesso, que se possa “mostrar” aos colegas e ao professor, “provando” assim que também é capaz de fazer coisas boas e belas e que tem muito valor naquilo que faz.

Este tipo de trabalho é precioso, principalmente para os alunos com mais dificuldades, com menos empatia ou relação com os colegas, para aqueles que estão

¹⁶³ Cf. LOPES, Fátima, *Evangelizar na Escola: comentário*, in Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação, Ano IX, Maio-Agosto 2013, 26, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2013, p. 35.

muitas vezes desligados da comunidade escolar e dos outros colegas de turma. Estes alunos, normalmente, têm os seus dons bem escondidos e não conseguem colocá-los à “vista” e ao serviço dos outros. O que temos de bom é para ser “visto”, apreciado e partilhado. Os dons de Deus são bens preciosos que não podem ficar escondidos no coração dos próprios alunos, têm que ser testemunhados de forma a contagiar e conquistar os outros corações. É importante que os alunos façam esta experiência de vida!

É urgente incluir os excluídos, os perdidos no labirinto dos corredores, os esfomeados de alimentos, mas mais de afetos. Aqueles que não são capazes de verbalizar a sua dor, a sua tristeza ou os seus sonhos. Na escola, qual armazém de corações à procura de médico, urge o olhar misericordioso do docente de Educação Moral e Religiosa Católica.

4. A Prática de Ensino Supervisionada

O início da Prática de Ensino Supervisionada, deixava-me, há muito, com um nervosismo miudinho, normal para mim, quando algo de novo ou fora do habitual acontece na minha vida ou no meu percurso, seja pessoal, académico ou profissional. No entanto, o à vontade que a professora cooperante, Mestre Fátima Lopes, me proporcionou, bem como o contacto inicial com todos os alunos, foi importante para o meu desempenho durante as aulas, ultrapassando rapidamente o nervosismo inicial.

Na primeira aula (anexo 1) comecei por acolher e solicitar a cada aluno que preenchesse uma ficha individual de aluno (anexo 19), elaborada por mim, para poder ter alguns dados referentes a cada aluno, nomeadamente perguntas e respostas que quisessem partilhar comigo, a nível pessoal e escolar, bem como poder registar alguns elementos avaliativos.

Como os alunos eram provenientes de várias turmas e nem todos se conheciam, preparei um jogo dinâmico de apresentação (anexo 20), para que também eu os pudesse conhecer melhor. Assim, comecei por fazer uma pequena abordagem à Unidade Letiva 2, “Valores e Ética Cristã”, que lecionei durante o primeiro período, tendo colocado em cima das mesas (que tinham sido preparadas previamente para esta dinâmica) umas gravuras, fotografias, imagens, com o objetivo de cada um escolher aquela com que mais se identificasse. Através da imagem cada um fez a sua apresentação pessoal,

partilhando também o seu percurso realizado a nível pessoal, cristão e escolar, tendo em conta os seus maiores valores.

Em cima da mesa estava também um novelo de lã, que cada aluno, depois da sua apresentação, “atirava” para outro colega, para que este pudesse usar da palavra. Com o novelo de lã a “saltitar” de um lado para o outro, entre os alunos, foi-se construindo uma “teia”, representando e simbolizando a união, a cooperação, a amizade, a alegria, a solidariedade e os valores patentes em todos os alunos. Por fim, também eu escolhi uma gravura e partilhei o meu percurso pessoal, cristão, académico e profissional, fazendo parte desta “teia”.

Para estreitar os laços de união e amizade, optei por me sentar ao lado dos alunos, durante o tempo de aula. Foi sem dúvida uma dinâmica bem trabalhada e conseguida, pois os alunos, através de uma simples imagem, conseguiram partilhar com os seus colegas coisas belas e importantes da sua vida. Começaram a perceber que para trabalhar em equipa é fundamental conhecer bem os outros, os seus dons, defeitos e qualidades.

Os critérios de cooperação, integração e autonomia foram introduzidos por mim e pelos alunos, durante a dinâmica de grupo, a partir da mobilização dos conhecimentos dos próprios alunos. A sua capacidade de interagir também foi muito importante para uma primeira aula. Estes conceitos trabalhados ao longo do ano foram sendo definidos também a partir das experiências e expectativas dos alunos.

Tentei ser objetivo e preciso relativamente ao que pretendíamos construir ao longo do ano letivo, sublinhando a importância da história de vida de cada um como ponto de partida para esta experiência que é o ensino secundário. Procurei que o percurso escolhido fosse exequível de se concretizar, conseguindo que este se complementasse com as aulas e com as atividades programadas pela escola.

Com o objetivo de os alunos conhecerem outra história de vida e de como podemos, de uma forma simples, ajudar e cooperar com os outros, que muitas vezes nos são próximos, apresentei um excerto do filme “Favores em Cadeia” (anexo 21). Este desencadeou uma série de questões pertinentes e proporcionaram, durante o plenário, o confronto entre os alunos, evidenciando o sentido crítico dos mesmos. Procurei responder às solicitações dos alunos o que constituiu um desafio para mim, como professor.

Nesta primeira aula, considero que de uma forma metódica explicitarei as regras e os procedimentos técnicos que iria utilizar na Unidade Letiva. Os alunos mostraram-se

atentos, curiosos, interessados e participativos durante todo o tempo da aula criando empatias entre eles e comigo. Os alunos mencionaram explicitamente o que pretendiam concretizar nas suas histórias de vida presente e futura, o que também me agradou bastante, considerando que os objetivos propostos foram alcançados.

A professora cooperante, Mestre Fátima Lopes, ao dialogar comigo, salientou a empatia com que recebi os alunos, a perceptibilidade na clarificação de tarefas, a forma apelativa como dei a conhecer os conteúdos da Unidade Letiva e as estratégias escolhidas, articulando-se muito bem com as situações dos alunos. Estes mostraram um especial interesse e uma atenção redobrada na apresentação da minha história de vida e do meu percurso académico enquanto aluno. A forma como me expressei oralmente, captando a atenção dos alunos e a espontaneidade, perspetivou a minha história pessoal com diferentes vertentes, sublinhando os meus ideais e convicções.

No final desta aula, percebi que seria importante que o Moodle fizesse parte da mesma como instrumento de cooperação e integração dos alunos, uma vez que a escola operacionaliza muitos dos conhecimentos através desta plataforma. Posso dizer que foi uma “ferramenta” com que tive que trabalhar e lidar, mas inquietava-me constantemente, pois nunca tinha trabalhado com o Moodle e tive que, por diversas vezes, recorrer aos colegas para me auxiliarem no modo de funcionamento deste “serviço”. No entanto considerei desde logo que seria uma forma de nos aproximarmos dos alunos e estes da Disciplina e dos professores.

No início da segunda aula (anexo 2), como em todas as aulas, recebia os alunos na sala de aula e começava por apresentar o sumário. De seguida fazia uma ligação da aula anterior com a aula de cada dia, focando alguns pontos fundamentais como a cooperação, integração e autonomia.

Fiz uma introdução à Unidade Letiva 2, “Valores e Ética Cristã”, com a visualização de um pequeno PowerPoint sobre a ética e a moral (anexo 22).

Questionei os alunos sobre os seus valores, que de forma espontânea foram pronunciando as suas ideias sobre a questão. Apresentei-lhes um documentário de um programa televisivo (anexo 23), evidenciando estas questões da cooperação, integração e autonomia, bem como os valores fundamentais perceptíveis na história de vida da adolescente em foco no documentário visionado.

Como referi no primeiro capítulo, Arends destaca a importância do trabalho e da aprendizagem cooperativa. Deste modo, os alunos foram divididos em grupos, e, fora da sala de aula, questionaram as pessoas da comunidade escolar sobre os valores que

consideravam de maior importância na sua vida. Depois, em plenário, os alunos compartilharam as ideias ou os valores “recolhidos” dos entrevistados. Apresentei e expliquei as várias tipologias de valores, o que permitiu fazer a ligação destes com as respostas recolhidas no trabalho fora da sala de aula e apresentar uma breve reflexão.

Os alunos foram muito participativos durante a aula e observaram com atenção o visionamento das projeções, escutando o que eu ia dizendo. Neste sentido considerei que os objetivos apontados para esta dinâmica foram conseguidos. Os alunos aprenderam os diversos tipos de valores, compreenderam o sentido das palavras “ética” e “moral” e a sua relevância para a relação do indivíduo consigo próprio e com os outros.

No fim de cada aula elaborámos em conjunto uma síntese, registando o mais importante, onde era possível distinguir produções e reproduções que se prendem com os conceitos culturais e circunstanciais da nossa vida.

Em diálogo com a professora cooperante referi que as estratégias que utilizei concentraram-se nos conteúdos e a forma como expus e explicitar mostrou a minha capacidade de transmitir e de relacionar os vários aspetos que os alunos apontaram no plenário. O diálogo em plenário foi muito eficaz e caracterizado no interesse dos alunos.

No início da terceira aula (anexo 3), um aluno, que estava inscrito e que apareceu pela primeira vez, levantou algumas questões, perante os colegas, sobre a importância de estar ou não inscrito na Disciplina. Durante a dinâmica de grupo e no decorrer da aula este aluno manteve sempre uma atitude passiva, não se mostrando disponível para qualquer tipo de participação, o que suscitou algum incómodo. Contudo, o seu alheamento foi abafado pela boa participação e objeções dos colegas.

Ainda no decorrer da terceira aula, entraram dois alunos que pediram para participar e assistir à aula. Perante o incómodo de um aluno inscrito que não queria frequentar a Disciplina e estes dois, que de forma voluntária e disponível compareceram, senti que foi para mim um novo desafio. Percebi por momentos a importância de me dar na totalidade, para que eles se sentissem motivados a dar continuidade à frequência das aulas de Educação Moral e Religiosa Católica.

Levei para a aula um conjunto de objetos (anexo 24), que coloquei em cima da mesa, e expliquei aos alunos a dinâmica do trabalho, o qual tinha como principal objetivo organizarem um universo de valores fundado numa visão humanista e cristã da vida. Os alunos teriam que escolher um dos objetos apresentados, que achassem ser fundamental levar para uma ilha, da qual não tinham qualquer conhecimento. O que

poderiam eles fazer com o objeto escolhido, na ilha? Que importância teria o objeto escolhido, nas suas vidas? Que valores associavam ao objeto selecionado? Estas foram algumas questões colocadas aos alunos depois do objeto escolhido.

Mediante esta dinâmica apresentada, e depois de uma breve reflexão sobre as suas escolhas e a hierarquia de valores, os alunos construíram a sua própria hierarquia de valores, qual a importância que dão a cada valor e em que grau o colocam numa determinada escala. Foi minha intenção provocá-los, no sentido de perceberem que o valorativo fundamenta-se numa seleção que se identifica com os estados de ânimo e das emoções que muitas vezes implicam dualidades entre a realidade.

Os alunos ficaram um pouco apáticos perante a apresentação da dinâmica proposta e dos próprios objetos expostos. Foi sem dúvida um exercício de enorme entusiasmo e inspiração por parte dos alunos, que conseguiram “arrancar” boas conclusões com novas perspectivas sobre os valores que realmente consideram ser fulcrais nas suas vidas.

Voluntariamente, os alunos leram um texto, “O dilema” (anexo 25), que lhes apresentei, de modo a que depois da hierarquia constituída por cada um, através da dinâmica anterior, eles pudessem questionar-se perante uma situação concreta, vivenciada por eles. No plenário foram colocadas algumas questões pelos alunos, tais como: como agir e que atitude ter perante um mendigo que nos pede esmola no meio da rua? Qual a nossa reação? Ajudamos ou não ajudamos o mendigo? Que valores encontramos em nós perante a resposta que damos a esta situação?

Em resposta a estas mesmas interrogações, e em jeito de partilha, os alunos contaram situações com que já foram confrontados e deram algumas soluções, sugestões, de forma a poderem cooperar com os pobres e se possível erradicar. Mais uma vez, esta situação do mendigo permitiu formular a existência de um fenómeno social que é a pobreza. Os alunos deram os seus contributos em desacordo uns com os outros e mesmo com as minhas apreciações, o que foi muito benéfico como diversidade de opiniões e partilha de experiências.

Os alunos foram muito participativos nos dois momentos da aula, mostrando já uma boa cooperação e integração na turma e revelando interesse e entusiasmo na aula e no tema apresentado. Com a elaboração da síntese em conjunto, percebi que os objetivos da aula foram alcançados.

Em reflexão, a professora cooperante referiu que eu desenvolvi o trabalho de grupo a partir de uma estratégia interessante, qual acentuou nas contribuições

individuais dos alunos, explicando a dinâmica de trabalho com muita clareza. Foi interessante verificar o progresso dos alunos na relação de uns com os outros, em que a interação e contribuição permitiram um salto qualitativo de confiança e aquisição dos conteúdos. Também o texto “O dilema” foi bem conseguido em termos do grau de avaliação na cooperação, onde consegui com sucesso atingir os objetivos e desenvolver as competências.

Foi possível trabalhar características importantes de organização, partindo do particular, de experiências próprias, para uma sistematização das ideias. Respeitei as formulações que os alunos foram elaborando, joguei entre o verificável no âmbito da vida diária, as contingências humanas e as implicações sociais das decisões que tomamos a partir de valores.

Na quarta aula (anexo 4), comecei por acolher mais um novo aluno, que veio a convite de outros colegas, colocando-o à vontade e integrando-o na turma.

Nesta aula pretendi mobilizar os valores da cooperação e da solidariedade, na construção de bons relacionamentos e de enriquecimento mútuo e valorizar a relação entre indivíduos, fundada nos valores: verdade, sinceridade, amizade, felicidade, egoísmo, justiça, solidariedade e liberdade. Salientei ainda a importância da mensagem cristã, na vida e no dia a dia da pessoa. Assim, introduzi o tema da aula e mostrei um PowerPoint sobre os valores humanos (anexo 26). Os alunos observaram-no com atenção e partilharam os valores apresentados.

De seguida, estruturei com os alunos as tarefas do jogo de pista, que se baseavam em três grandes pistas / valores. Acompanhei os alunos durante o jogo de pista e encontrámo-nos no átrio da escola, depois deles terem descoberto o primeiro valor. No mesmo local conferenciámos sobre como descobriram o primeiro valor e como iriam descobrir o segundo, dando-lhes nova pista. O encontro neste local estratégico foi muito bem sucedido por sermos observados e confrontados com outros alunos e elementos da comunidade escolar. Depois de descobrirem o segundo valor, encontrámo-nos na capela da escola, onde voltaram a partilhar o valor descoberto e o encontro com o Outro, Jesus Cristo. Na capela, chegaram rapidamente ao terceiro valor: Deus. Os alunos foram convidados a escolher um azulejo com determinada cor e um pequeno postal com uma oração ou reflexão (anexo 27) que se encontrava no local.

Fui interpelado pelo novo aluno sobre a necessidade ou interesse das aulas de Educação Moral e Religiosa Católica. O aluno foi esclarecido e ficou conhecedor da importância destas aulas.

Já na sala de aula, no diálogo que os alunos experienciaram percebi que este foi importante para a compreensão de si próprios e da relação que têm com os outros. Os alunos avaliaram-se entre eles, explicitando que um ou dois colegas já tinham um grau mais elevado de maturidade sobre si e os seus valores. O jogo fomentou a cooperação no interior do grupo. Também verifiquei que havia um maior compromisso quanto às exigências desta Unidade Letiva. No início parecia tudo muito fácil, mas a determinado momento atingimos uma fase em que eles começaram a definir as suas ideias com autonomia.

Em diálogo com a professora cooperante esta referiu que eu desenvolvi com os alunos uma aprendizagem cooperativa através das estratégias que utilizei. O jogo de pista na escola, mais uma vez, deu a conhecer a Disciplina, pois também foram bem estruturadas as metas deste jogo e foi importante o acompanhamento que fiz com os alunos, o que realçou o meu envolvimento.

No decurso das aulas existe uma lógica e esforço em fazer opções, através das estratégias e do aprofundamento dos conteúdos, por este ou por aquele procedimento, tendo em conta a situação que os alunos querem explicitar à volta da discussão ou do diálogo.

Na quinta aula (anexo 5) comecei por apresentar a plataforma Moodle da Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (anexo 28), construída e elaborada por mim. Foi um grande desafio uma vez que nunca tinha trabalhado com este programa e tive que receber formação específica. O objetivo era proporcionar aos alunos motivações diferentes em relação à Educação Moral e Religiosa Católica. Esta plataforma está acessível a todos os alunos e professores e podem consultar diariamente informações importantes relativas à Disciplina. Os alunos podem consultar neste local os materiais utilizados na sala de aula, bem como a planificação anual, o programa anual de atividades da Disciplina e podem ainda participar em fóruns destinados aos alunos.

Lembrei os alunos da atividade que estava programada e inserida no Plano Anual de Atividades (anexo 29) – “apresentação do livro e conversa com a escritora Isabel da Motta” (anexo 30). Esta foi realizada na biblioteca da escola, com o objetivo de nos questionarmos sobre a necessidade e interesses de leituras, equacionando respostas a partir de valores éticos humanistas e cristãos. De seguida, como trabalho de casa, entreguei a cada aluno uma ficha de leitura (anexo 31) sobre o filme “O grande peixe” (anexo 32), que visionaram de imediato. Este teve como intenção perceber e

descobrir os valores escondidos em nós, bem como os medos e receios da nossa vida. Considero este tipo de ficha fundamental no ensino secundário, como modo de avaliação, em que os alunos criam hábitos de avaliar, seleccionar e refletir sobre as aprendizagens, favorecendo a sua autonomia.

Ao longo das aulas fui percebendo que no ensino secundário existem outras exigências metodológicas, inexistentes no ensino básico, continuando a adaptar-me aos diversos tipos de instrumentos utilizados.

A professora cooperante realçou positivamente a forma de como decorreu a aula, manifestando grande satisfação e alegria pelo facto de, finalmente, a Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica estar no Moodle. Este é mais um meio de informar a escola de todas as atividades, planificações e trabalhos realizados com os alunos.

Na sexta aula (anexo 6), em conjunto com os alunos, começámos por avaliar a atividade realizada na semana anterior – “apresentação do livro e conversa com a escritora Isabel da Motta” –, onde, de uma forma geral, os alunos salientaram a importância da vinda de escritores à escola e o diálogo conseguido entre a escritora e os alunos, percebendo a história de vida da escritora, ao escrever um livro.

Recolhi as fichas elaboradas em casa pelos alunos sobre o visionamento do filme “O grande peixe”, na aula anterior. De imediato os alunos partilharam com os colegas os comentários, críticas e as conclusões do filme, bem como as suas respostas do trabalho realizado em casa.

Nesta aula era pretendido questionar-se sobre a relação do indivíduo consigo próprio e com os outros; equacionar respostas adequadas aos valores cristãos; interpretar criticamente episódios reais e factos sociais, que evidenciassem vários valores; construir uma visão cristã da vida; transmitir e divulgar notícias, com uma mensagem e visão cristã.

Em plenário, os alunos foram questionados sobre as atitudes e os valores que se apresentam no seu dia a dia, em várias situações e contextos. Foram colocadas algumas perguntas para os ajudar no debate, como por exemplo: reages ou ages da mesma forma, como cristão, perante qualquer situação, em casa, com a família, na escola, com os amigos, na rua, com desconhecidos?

Foram registadas diversas respostas interessantes, por parte dos alunos, e, se houvesse tempo, muitas delas nos levariam a refletir e a dialogar mais profundamente sobre temas importantes que são vividos diariamente na nossa vida de cristãos.

Posteriormente, os alunos foram divididos em pequenos grupos, com o objetivo de analisarem diversos artigos, de jornais e revistas (anexo 33), que evidenciassem valores. Os alunos estruturaram o artigo escolhido, transmitindo uma perspectiva cristã com os valores que consideraram mais importantes. De seguida, apresentaram e partilharam com os outros grupos as alterações efetuadas nos vários artigos, explicando o porquê das mesmas. Procurei trabalhar o conceito de integração, o que facilitou uma maior uniformidade e rapidez na análise dos artigos. Neste sentido, é notório que os alunos se sentem cada vez mais unidos e identificados.

Por último, apresentei a conferência “Solidariedade e Voluntariado” (anexo 34), prevista no Plano Anual de Atividades, realizada na semana seguinte, no Salão Nobre da escola. Teve como objetivo organizar um universo de valores, fundados na cooperação, na solidariedade e no amor, conhecendo a realidade e o trabalho desenvolvido pela EDP, no continente africano, e o da “Pastoral da Fraternidade”, no Concelho de Peniche.

Na sétima aula (anexo 7), feita a introdução do tema, pedi a um aluno que lê-se um excerto da Encíclica “O Evangelho da Vida” (anexo 35), de João Paulo II, que previamente tinha preparado, com o objetivo de mobilizar o princípio da dignidade da pessoa humana para a defesa de condições mais justas e fraternas, interpretando mensagens cristãs.

Aberto o diálogo todos os alunos participaram com muito interesse e expressaram as suas opiniões sobre o tema da aula: A dignidade da pessoa humana, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e o texto da Encíclica “O Evangelho da Vida”. Este foi um momento de partilha de opiniões, pontos de vista diferentes, convicções, ideias... e um grande incentivo e impulso para poder partir para a dinâmica de grupo, que estava prevista de imediato – uma audiência em tribunal. Assim, a turma foi dividida em três grupos: a defesa, a acusação e os jurados. Foi escolhido ainda um juiz. O assunto levado a julgamento foi a aplicação da pena de morte, com o seguinte problema: é legítimo o recurso à pena de morte? No final da discussão, os jurados – que ouviram os outros dois grupos –, sugeriram ao juiz um veredito, ou seja, uma decisão sobre quem tinha recorrido aos melhores argumentos, vencendo em tribunal. O juiz, depois de ter ouvido os argumentos defendidos durante o julgamento, de que tinha sido o principal moderador, e de ter recebido a proposta de veredito, formulada pelos jurados, pronunciou a sentença final.

Desta forma e com esta dinâmica, proporcionei aos alunos uma primeira reflexão sobre o assunto, escutando uma mensagem cristã. Posteriormente, expressaram e defenderam as suas ideias e valores sobre o tema apresentado, desenvolvendo um sentido crítico e reunindo argumentos convictos para a defesa do seu “papel”. Esta reflexão tornou-se importante para a tomada de consciência dos valores e crescimento pessoal, no questionamento ou defesa da dignidade humana até ao limite e ao renunciarem-se sobre os direitos e deveres da pessoa.

Sugeri, por último, como trabalho de casa e divididos em três grupos, um trabalho em PowerPoint, a apresentarem na aula seguinte, com o objetivo de o colocarem na plataforma Moodle. O trabalho foi distribuído pelos três grupos, com a seguinte temática: um grupo ficou em trabalhar o EU – indivíduos no encontro consigo próprio; o TU – como integração e cooperação do grupo / comunidade; o OUTRO – como procura da transcendência que nos transforma. Foi ainda pedido aos alunos que fizessem um pequeno inquérito por questionário, sobre cada um dos temas, a algumas turmas da escola, e que este fosse apresentado num gráfico, juntamente com o PowerPoint elaborado pelo grupo.

Nesta Unidade Letiva, desde a primeira aula que procurei fazer inter-relações entre a experiência das histórias de vida e as grandes generalizações da realidade. Em determinado momento comecei a delimitar os conteúdos enquadrando-os na Igreja.

A observação que efetuei nesta aula levou-me a perceber que os alunos tinham um fraco conhecimento dos documentos e doutrina da Igreja, e que, mesmo andando na Catequese e em Colégios Católicos, fica muito pouco da palavra da Igreja para o mundo em momentos decisivos da história.

Na oitava aula (anexo 8), e já com a integração dos alunos bem trabalhada, foi-lhes pedido que apresentassem em grupo o trabalho previamente elaborado fora da sala de aula, em casa ou na escola, que manifestasse os valores no EU, no TU e no OUTRO. Os três grupos de trabalho apresentaram igualmente um questionário por inquérito que realizaram aos seus colegas de turma sobre os mesmos valores. Trabalharam de diversas formas o conceito de cooperação, quer entre os colegas da turma de Educação Moral e Religiosa Católica, quer com os outros colegas de turma de cada um dos alunos, evidenciando ainda no primeiro período um bom entrosamento.

Depois da apresentação por parte dos alunos, onde pude constatar um grande empenho na elaboração dos trabalhos e questionários por inquéritos, dialogámos e tirámos algumas conclusões interessantes, nomeadamente no que respeitava aos

resultados dos inquéritos e aos valores considerados mais importantes para cada um dos alunos e das pessoas entrevistadas.

O objetivo deste trabalho era reconhecer no OUTRO um TU no qual habita um EU plenamente digno, que interpela à relação fraterna e solidária.

Ainda sobre os valores e a Unidade Letiva 2, fiz o rescaldo da conferência da semana anterior, preparada e organizada por mim, intitulada “Solidariedade e Voluntariado”, uma atividade prevista no Plano Anual de Atividades para toda a comunidade escolar. Alguns alunos de Educação Moral e Religiosa Católica tiveram oportunidade de presenciar e, inclusivamente, pedi-lhes que dessem também o seu testemunho sobre a realização da conferência.

Fiz o lançamento da Campanha de Natal (anexo 36), aberta a toda a comunidade escolar, atividade também prevista no Plano Anual de Atividades. Apresentei dois pequenos vídeos sobre a Solidariedade e o Voluntariado (anexo 37), de forma a sensibilizar os alunos para uma forte participação. A Campanha de Natal teve como principal objetivo a mobilização dos alunos para o valor do amor, da colaboração e da solidariedade para com os membros da família humana em situações de precariedade, tendo presente e aceitando as diferenças existente.

Os comentários e as impressões dos alunos à mensagem transmitida pelos dois vídeos foram muito positivos. Percebeu-se a importância que os alunos vão dando, e cada vez mais, aos valores essenciais na vida quotidiana. Estes parecem estar, cada vez mais, diluídos numa sociedade que procura um porto de abrigo. A âncora dos valores que segura o barco, ou seja, que norteia a vida dos cidadãos, são desconsoladores e frágeis, deixando cada um numa procura solitária.

Por último, anunciei e expliquei o trabalho de casa (anexo 38), como forma de trabalho conclusivo desta Unidade Letiva. Em todas as aulas e nas várias atividades utilizei uma ficha que, em forma de entrevista, questionário ou autoavaliação, me serviu de indicador de avaliação. Os temas dos trabalhos apresentados nesta aula, por parte dos alunos, foram bem delineados e realizados com muito interesse, com uma boa estratégia na pesquisa dos temas. Também os conceitos de autonomia, integração e cooperação como estratégia de trabalho e funcionamento para desenvolver durante o ano letivo com os alunos foram bem conseguidos.

Na nona aula (anexo 9), comecei por pedir aos alunos que apresentassem individualmente o trabalho de casa, respondendo às questões propostas e contando as suas histórias de vida. Ainda no seguimento da aula anterior, os alunos juntaram-se por

grupos para elaborarem um PowerPoint, com o objetivo de eles próprios o apresentarem a todas as turmas, ao longo da semana, a fim de fazerem uma sensibilização e divulgação da Campanha de Natal. Pretendeu-se que esta atividade e respetiva participação não ficasse limitada aos alunos de Educação Moral e Religiosa Católica, mas sim a toda a comunidade educativa.

Depois dos trabalhos concluídos, e prontos a serem apresentados e divulgados, anunciei a conferência “Solidariedade em ação, viagens por África” (anexo 39), que se realizou, como previsto, na última semana de aulas do primeiro período, no Salão Nobre da escola, com o objetivo de organizar um universo de valores, fundados na cooperação, na solidariedade e no amor.

Recordei ainda aos alunos a visita de estudo à Mesquita de Lisboa (anexo 40), também prevista no Plano Anual de Atividades, que se realizou na semana seguinte. Esta atividade teve como objetivo identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Islamismo, agindo no respeito pelos valores da tolerância e da liberdade, por forma a organizar uma visão coerente do mundo.

Por último, realizei uma ficha de avaliação sumativa (anexo 41), com o objetivo de avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo do período, cumprindo assim os critérios de avaliação de escola aprovados em Conselho Pedagógico. Esta ficha teve a duração de apenas 45 minutos, uma vez que já possuía vários instrumentos de avaliação.

Na décima aula (anexo 10), comecei por fazer referência à última questão do trabalho de casa, que os alunos já tinham entregue e apresentado na aula passada e a qual fazia menção à construção do projeto de vida. Logo após introduzi o tema da aula: o valor da vida.

Esta aula teve como objetivos: mobilizar valores éticos e estratégias de atuação, com vista à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos; relacionar a fé em Deus como eixo central da vida pessoal com o agir feliz, otimista e empenhado na construção de relações humanizadoras e de sociedades mais justas.

Alusivo à temática desta aula e do projeto de vida, mostrei um pequeno filme sobre a vida ou o exemplo de vida de Tony Melendez (anexo 42). De seguida, e em conjunto com os alunos, partilhámos entre todos esta história de vida, assim como os valores que regem o projeto de vida deste indivíduo.

Posteriormente, tentei perceber junto dos alunos o conhecimento que detinham sobre S. Paulo. Após um breve diálogo, visualizámos um excerto do filme “Paulo de

todos os povos”: episódio do caminho de Damasco (anexo 43). Novamente em conjunto com os alunos, fizemos a conclusão do filme visualizado.

Apresentei a última atividade do Plano Anual de Atividades, do primeiro período, Eucaristia de Natal (anexo 44), que se realizou no penúltimo dia de aulas, para toda a comunidade escolar, no Salão Nobre da escola, e com a presença de um sacerdote da Associação Mãos Unidas – Pe. Damião. Esta celebração de Natal teve como principal objetivo congregar toda a comunidade educativa na festa do nascimento do Menino Jesus e reconhecer as implicações desta mensagem bíblica nas suas práticas de vida quotidiana, mobilizando o valor do acolhimento. O guião da Missa (anexo 45), que elaborei antecipadamente, foi apresentado aos alunos, assim como distribuídas algumas “tarefas” / serviços para a celebração (leituras, oração dos fiéis, cortejo das oferendas). Preparei ainda com os alunos os últimos pormenores da celebração.

Ao dialogar com a professora cooperante referiu a importância que dei na abordagem do filme, destacando a intencionalidade de dar a conhecer o grande “apóstolo” S. Paulo e a sua universalidade.

Todos os conteúdos planificados foram abordados e trabalhados. As atividades constantes no Plano Anual de Atividades foram concretizadas com êxito. Os objetivos quer das aulas quer das atividades foram igualmente alcançados.

5. As aulas de Educação Moral e Religiosa Católica e o futuro dos alunos

Na Prática de Ensino Supervisionada, os alunos foram assíduos, participativos, atentos e interventivos durante todo o ano escolar, o que demonstrou o seu interesse pelas atividades e dinâmicas propostas em todas as aulas. Só assim, foi possível concretizar da melhor forma todas as estratégias que estavam previstas. A professora cooperante, Mestre Fátima Lopes, teve um papel importante no auxílio e apoio em todas as iniciativas, dinâmicas de trabalho, atividades e projetos, para que todos os objetivos pudessem ser alcançados de uma forma mais evidente.

Uma das minhas primeiras preocupações e meta pessoal a atingir, desde que tive o primeiro contacto com os alunos, foi criar uma relação agradável e de bom relacionamento, não só entre mim e os alunos, mas também entre os próprios alunos, uma vez que a maior parte deles não se conheciam, por virem de escolas diferentes e apenas se encontrarem uma vez por semana, em alguns casos. Apesar de, em certas

circunstâncias, ser complicado gerir todas as diferenças entre alunos, não deixou de ser mais um desafio. Um grande desafio!

A Educação Moral e Religiosa Católica é fundamental para a vida dos alunos, para o seu futuro. Torna-se necessário que eles experienciem e interiorizem esta realidade. Haverá tempo, depois, para estudar! Os alunos têm que descobrir quais os valores fulcrais para as suas vidas, aquilo que eles querem, no que acreditam, as suas ideias e capacidades, e simultaneamente estabelecer uma escala de prioridades.

As Unidades Letivas têm que ser acessíveis, adaptadas à realidade e interesse dos alunos, de forma a que eles sintam necessidade de frequentar a Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no ensino secundário; prepará-los para as suas vidas futuras, ajudando-os e aumentando a sua capacidade de responsabilização escolar e pessoal, nas suas tarefas cooperativas e individuais. Os alunos têm que gostar, ser recetivos à Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, ter um coração solícito e disponível! A Disciplina tem que estar de braços abertos, acolhendo os alunos, colocando sempre a pessoa em primeiro lugar.

Conclusão

Ao terminar esta breve reflexão posso dizer que foi uma boa experiência, tanto ao nível dos conteúdos como, e isso foi o mais marcante, no que diz respeito aos alunos que fui encontrando na escola onde lecionei. Tomei consciência de que, como afirma Terêncio, “sou humano. Nada do que é humano me é estranho”. Neste sentido, o “professor de Educação Moral e Religiosa Católica é alguém apaixonado pelo que de melhor o humano tem por nele se refletir o divino”¹⁶⁴, como afirma D. António Santos. Acrescentando que o “papel do docente de EMRC não poderá ser senão o de garantir que o humano seja verdadeiramente humano”¹⁶⁵.

Este tempo permitiu-me tomar consciência de alguns fatores que não me tinha apercebido. A Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, sendo a mesma ao nível do país e sendo oferecida a todas as escolas, não é valorizada numa sociedade que procura viver a superficialidade das coisas e do pensamento, está muito conotada com uma Igreja de moral e bons costumes, uma Igreja rica e uma corrente de pensamento que defende a não intromissão da Igreja em assuntos que não lhe dizem respeito, concretamente na escola pública. Sendo mesmo ostracizada ou tratada com uma acentuada indiferença diplomática.

Num contexto nem sempre favorável empreendi a minha prática letiva com vontade de envolver os meus alunos num projeto que considerei e considero importante para a vida de cada um. Por isso, foi meu propósito estar sempre a caminho ao encontro de cada aluno e consequentemente dos membros da comunidade. Tenho consciência que remei contra a corrente, mas ao educador cristão outra coisa não lhe é pedido. Sendo o principal objetivo da educação suscitar e favorecer a autonomia pessoal a construção volitiva, emocional, moral e espiritual, como refere D. António Santos, é imperioso que em todo o percurso realizado tenha sido despertado a consciência de cada aluno para a sua dignidade, do rumo da vida, numa busca comprometida de sentido para a existência, para a cultura e para o próprio saber.

Porém, não posso deixar de assinalar o constrangimento de ter encontrado uma escola, do ensino secundário, com uma longa história e tradição em que o desejo de

¹⁶⁴ SANTOS, António, *O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional*, in Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação, Ano VII-VIII, Setembro 2011-Abril 2012, 21/22, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2012, p. 17.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 19.

sucesso escolar e coesão social são uma preocupação, mas com um tão pequeno número de alunos a frequentarem Educação Moral e Religiosa Católica. Esta realidade alterou completamente a forma como lecionei e trabalhei na Prática de Ensino Supervisionada. Importava, pois, motivar os alunos para a Disciplina. Para essa motivação dos alunos inscritos, e por vezes dos não inscritos, convidei-os a participarem nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica criando algumas estratégias que me pareceram importantes para um trabalho motivador. Das estratégias aplicadas saliento o convite a saírem da sala de aula, às vezes individualmente, outras em pares em grupo, a trabalharem no meio da comunidade educativa, refletindo pessoalmente, questionando os colegas de escola, procurando pistas e respostas sobre os seus valores e os dos outros colegas de escola. No decorrer da lecionação foi importante perceber o que os alunos pensavam de Educação Moral e Religiosa Católica. A partir desse entendimento tornou-se mais fácil propor a Disciplina nesta escola aos alunos que estavam matriculados. “Motivar para Aprender”, foi a minha preocupação na segunda parte, a partir do modelo educativo de Cristo. Finalmente na terceira parte, a partir da lecionação tentei ser o professor que segue Cristo.

Assim, com os alunos já inscritos e outros que entretanto se inscreveram levei a cabo os conteúdos que o programa nos apresenta. Procurei que todo o trabalho realizado para e com os alunos tocasse em pontos muito concretos. Pontos esses que tinham como objetivo a apresentação de uma ética cristã e por conseguinte também a uma moral que tivesse como referência uma cultura bíblica comprometida. Levar os alunos à exigência de uma conduta de participação ativa e responsável, à construção da justiça, à fraternidade universal, mas que tem a sua concretização naquele que está mais próximo. Inserir-los na comunidade e experimentando a diferença, mas a mesma dignidade.

Verifiquei a urgência do diálogo e até o esclarecimento dos poderes constituídos acerca da proposta e mais valia que a Disciplina pode oferecer aos seus alunos, o mesmo é dizer à escola. Nesta experiência de ensino supervisionado verifiquei o quanto é importante o uso dos meios de comunicação na comunicação entre os alunos e também com os professores. Qualquer notícia que é anunciada na TV é por si só verdadeira e não é objeto de análise crítica.

Contudo, também experienciei que o professor é o meio de comunicação por excelência. O seu contacto com cada aluno, uma palavra num momento oportuno, um sorriso, um gesto, são momentos que são valorizados por aqueles que se sentem agraciados pelos famintos do nosso tempo.

Como docente de Educação Moral e Religiosa Católica acredito que, para lá dos conteúdos bem formulados, tenho que acrescentar as ações e os sentimentos que advêm do meu acreditar em Jesus Cristo. Só a partir d'Ele é possível ir contra a corrente, fazer a diferença respeitando e amando sem exceção. O professor cristão, mas em particular o de Educação Moral e Religiosa Católica tem uma missão de extrema importância e urgente, ser humanizador da caminhada dos nossos alunos. É junto desses alunos que o docente de Educação Moral e Religiosa Católica exprime o seu testemunho de uma vida verdadeiramente cristã. É, como refere Elisa Urbano, “o primeiro meio de evangelização”¹⁶⁶. Para empurrar um aluno é pertinente que o docente se deixe empurrar por Jesus Cristo, mesmo daqueles que na escola não escolheram a matrícula na Disciplina. A misericórdia de Cristo tem que marcar a docência de Educação Moral e Religiosa Católica.

No final do meu trabalho, na escola onde fiquei colocado, não fiz tudo o que era preciso, mas esforcei-me em semear a boa semente do Evangelho. Desta semente hão-de brotar frutos de paz, de justiça, de liberdade, de fraternidade de doação, de acolhimento e de gestos gratuitos libertadores. Esta vocação tem que ser marcada pela generosidade, doação, porque a sua tarefa é sobretudo dar, na reflexão de Fernando Moita, acrescentando que o professor de Educação Moral e Religiosa Católica deve ser ousado, empreendedor, amante da verdade, sinal de comunhão, trabalhar em equipa, presença transformadora, abertos à novidade, simples, corajosos e fortes, profetas¹⁶⁷ e finalmente “testemunhas de Deus que nos ama e todos irmana, na certeza de que quem não vive para servir, não serve para viver”¹⁶⁸.

Parece-me que pelo alcance que a presença do professor de Educação Moral e Religiosa Católica pode e deve ter na escola, seria oportuno lançar a nível nacional um debate acerca das razões da Disciplina na escola e o porquê do seu abandono sobretudo no ensino secundário. Urge dar a conhecer esta proposta aos alunos do ensino secundário e não ficarmos à espera pacientemente que as estatísticas sejam mais favoráveis. Se queremos ser ativos em relação à proposta que a Igreja quer levar à escola temos que a anunciar e propor com os meios que hoje dispomos.

¹⁶⁶ URBANO, Elisa, *A Evangelização em meio escolar*, in Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação, Ano IX, Maio-Agosto 2013, 26, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2013, p. 26.

¹⁶⁷ MOITA, Fernando, *A Missão do Professor de EMRC no contexto da escola atual*, in Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação, Ano IX, Maio-Agosto 2013, 26, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2013, pp. 72-73.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 73.

BIBLIOGRAFIA

MAGISTÉRIO

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação, Direito e Dever – Missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2002

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Para que acreditem e tenham a vida – Orientações para a catequese atual*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2005

CONCÍLIO VATICANO II, *Gravissimum Educationis*, Editorial A.O., Braga, 1979⁸

CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, Editorial A.O., Braga, 1979⁸

GABINETE DE ESTUDOS PASTORAIS DA CEP, *A Visita do Papa Bento XVI a Portugal, a Encíclica Caritas*, in *Veritate e a Sociedade Portuguesa*, in *Brotéria, Cristianismo e Cultura*, Vol. 171, Agosto-Setembro 2010

JOÃO PAULO II, *Carta às Famílias*, Secretariado Geral do Episcopado, Ed. Rei dos Livros, 1994

JOÃO PAULO II, *Catechesi Tradendae*, Editorial A.O., Braga, 1982⁴

JOÃO PAULO II (15/04/1991), *Conhecer o Património do Cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica. Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública*, in *L'Osservatore Romano*, Ed. Semanal em Português, nº 16, 21/04/1991

NUNES, Tomaz Silva, *Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica*, in Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação, Ano 2, Maio-Agosto 2006, 5, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2006

POLICARPO, José da Cruz, “*A Peregrinação da Fé*”, *Carta Pastoral do Cardeal-Patriarca à Igreja de Lisboa por Ocasão da Abertura Diocesana do Ano da Fé*, Edição UCP, Lisboa, 2012

POLICARPO, José da Cruz, *Obras Escolhidas*, Vol. 7, Edição UCP, Lisboa, 2004

POLICARPO, José da Cruz, *Obras Escolhidas*, Vol. 10, Edição UCP, Lisboa, 2007

POLICARPO, José da Cruz, *Obras Escolhidas*, Vol. 11, Edição UCP, Lisboa, 2008

POLICARPO, José da Cruz, *Obras Escolhidas*, Vol. 12, Edição UCP, Lisboa, 2009

SANTOS, António, *O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional*, in Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação, Ano VII-VIII, Setembro 2011-Abril 2012, 21/22, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2012

OUTROS TEXTOS

ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill Interamericana de España, S.A.U., Espanha, 2008⁷

CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Escola Católica no limiar do terceiro milénio*, Lisboa, 1998

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1998

- FERREIRA, António Matos, ALMEIDA, João Miguel (Coordenação), *Religião e Cidadania – Protagonistas, Motivações e Dinâmicas Sociais no Contexto Ibérico*, Ed. Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2011
- HAERING, Bernhard, *Livres e Fiéis em Cristo, Teologia moral para sacerdotes e leigos*, Vol. I: *Teologia Moral Geral*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1984³
- LEANDRO, Maria Eugénia, *A Esperança no mundo de hoje*, in Brotéria, *Cristianismo e Cultura*, Vol. 161, Julho 2005
- LOPES, Fátima, *Evangelizar na Escola: comentário*, in Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação, Ano IX, Maio-Agosto 2013, 26, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2013
- LOPES, José Manuel, *A Educação na Companhia de Jesus-II*, in Brotéria, *Cristianismo e Cultura*, Vol. 162, Agosto-Setembro, 2005
- MOITA, Fernando, *A Missão do Professor de EMRC no contexto da escola atual*, in Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação, Ano IX, Maio-Agosto 2013, 26, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2013
- NEVES, Joaquim, *Jesus Cristo – História e Mistério*, Editorial Franciscana, Braga, 2000
- PAGOLA, José António, *Jesus uma abordagem histórica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2008
- SACRISTÁN, J. Gimeno, *Educar e Conviver na Cultura Global*, Ed. ASA, Porto, 2003
- TEDESCO, Juan Carlos, *O Novo Pacto Educativo, Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*, Ed. Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 1999

URBANO, Elisa, *A Evangelização em meio escolar*, in Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação, Ano IX, Maio-Agosto 2013, 26, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2013

BIBLIOGRAFIA INFORMÁTICA

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/amalia1.htm>, 3 Novembro 2012, 22h

<http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/print.pl?id=31822>, 3 Novembro 2012, 22h

http://moodle.esmavc.org/file.php/1/Documentos/Projeto_Educativo.pdf, 8 Junho 2012, 21h

ANEXOS

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 2 – Valores e Ética Cristã – Nível 4

Competências Específicas:

9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

1ª Aula – Lição nº 1

Sumário: Apresentação. Preenchimento da ficha do aluno. Dinâmica de grupo, cooperação, integração e autonomia dos alunos.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	90'	Recursos	Avaliação
Questionar-se sobre percurso que têm realizado até aqui, de modo a organizar-se um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética, humanista e cristã. (Comp. 9)	Definição de cooperação, integração e autonomia. Definição de estratégias para se alcançar os objectivos.	- O professor faz o acolhimento. - Os alunos preenchem uma ficha individual do aluno.	3'	Anexo 1.	Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula.
		- Os alunos sentam-se em volta de uma mesa, previamente preparada pelo professor e escrevem o sumário.	2'	Caderno e esferográfica.	
		- De seguida o professor coloca em cima da mesa várias imagens, gravuras, fotografias e um novelo de lã e explica a atividade.	5'	Imagens, gravuras, fotografias e um novelo de lã; Anexo 2.	Verificar se os alunos registam o sumário e se têm o material.
		- Os alunos escolhem uma das imagens com a qual mais se identificam, explicitando oralmente esta escolha e simultaneamente fazendo uma apresentação individual, falando um pouco de si. Depois de fazerem a sua partilha, passam o novelo de lã para outro colega e assim sucessivamente. Esta dinâmica é rotativa por todo o grupo. - O professor a partir do diálogo com os alunos explica os conteúdos e procura enquadrá-los dentro da Unidade Letiva que irá tratar durante o primeiro período. - No plenário com os alunos, o professor escreve no quadro as palavras que se sintonizam mais com cooperação, integração e autonomia. Por fim, explica o sentido e o resultado do novelo de lã, formando-se numa teia.	40'	Quadro e giz.	Observação direta: • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas;
		- Visualização de um excerto do filme: “Favores em Cadeia”.	20'	PC e projetor de vídeo; Anexo 3.	• Capacidade de exprimir opinião / autonomia;
		- Plenário de conclusão do filme.	10'		
		- Os alunos são distribuídos em grupos, para trabalharem a unidade lectiva, durante o período.	5'		• Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- Elaboração da síntese da aula.	5'	Caderno e esferográfica.	

Síntese: Somos mais felizes, partilhando os nossos valores e cooperando com os outros.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 2 – Valores e Ética Cristã – Nível 4

Competências Específicas:

3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo;
 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

2ª Aula – Lição nº 2

Sumário: Introdução à UL 2 “Valores e Ética Cristã”. Definição de Ética e Moral. As várias tipologias de valores. Apresentação de um documentário e trabalho de grupos.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	90'	Recursos	Avaliação
<p>Questionar-se sobre o sentido das palavras “ética” e “moral” e a sua relevância para a relação do indivíduo consigo próprio e com os outros. (Comp. 3)</p> <p>Interpretar produções culturais sobre diversos tipos de valores, de forma a organizar uma visão coerente do mundo, fundada numa visão humana e cristã da vida. (Comp. 9)</p>	<p>Definição de ética e moral.</p> <p>Definição de valor.</p> <p>Tipologias de valores:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Económicos; - Biológicos; - Intelectuais; - Sensíveis; - Da vontade; - Estéticos; - Sociais; - Ético-morais; - Religiosos 	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	<p>Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.</p> <p>Observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas; • Capacidade de exprimir opinião / autonomia; • Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- O professor faz a introdução à UL 2 “Valores e Ética Cristã”.	5'		
		- Visualização de um PowerPoint sobre Ética e Moral.	7'	PC e projetor de vídeo; Anexo 4.	
		- Questionar os alunos sobre os seus valores.	5'	Quadro e giz.	
		- De forma espontânea, os alunos apresentam os seus valores registando-os no quadro.			
		- Apresentação de um documentário sobre os valores de uma adolescente, como a cooperação, a integração e a autonomia (http://www.rtp.pt/blogs/programas/portugueses_extraordinarios/?k=Portugueses-Extraordinarios-de-2011-09-25.rtp&post=19487).	15'	PC e projetor de vídeo; Anexo 5.	
		- A turma, dividida em grupos, sai da sala de aula e questiona algumas pessoas, sobre quais os valores que consideram ser os mais importantes nas suas vidas.	15'	Caderno e esferográfica.	
		- Os alunos apresentam as respostas na sala de aula e analisam-nas com o professor.	8'		
		- O professor apresenta e explica as várias tipologias de valores.	10'	Quadro e giz.	
		- Os alunos fazem a ligação das várias tipologias, com as respostas recolhidas no trabalho fora da sala de aula e as suas próprias respostas.	7'		
		- Depois de uma breve reflexão sobre o trabalho desenvolvido, os alunos fazem a sua conclusão e apresentam novamente os seus valores.	8'		
		- O professor analisa se houve modificações na escolha dos valores por parte dos alunos e quais foram as alterações.			
		- Elaboração da síntese da aula.	5'	Caderno e esferográfica.	

Síntese: Todos os valores referem-se a um sujeito – o ser humano – todos os valores pertencem a duas classes fundamentais: a dos valores sensíveis e a dos valores espirituais. A cooperação ajuda à integração. Os valores expressam o grau de autonomia dos valores.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 2 – Valores e Ética Cristã – Nível 4

Competências Específicas:

3ª Aula – Lição nº 3

9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

Sumário: Hierarquia de valores. Dinâmica de grupo. Análise do texto “o dilema”. Partilha com os alunos sobre os seus dilemas.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	90'	Recursos	Avaliação
Organizar um universo de valores fundado numa visão humanista e cristã da vida. (Comp. 9)	Problematização da questão da hierarquia de valores.	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	<p>Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.</p> <p>Observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas; • Capacidade de exprimir opinião / autonomia; • Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- O professor apresenta e explica a hierarquia de valores.	10'	Quadro e giz.	
		- Depois de uma breve reflexão, os alunos constroem a sua hierarquia de valores, conforme as suas ideias e ideais.	5'		
		- Os alunos apresentam a sua hierarquia de valores e dialogam com o professor sobre as suas exposições.	15'	Quadro e giz.	
		- O professor coloca em cima de uma mesa previamente preparada, um conjunto de objectos e explica a dinâmica do trabalho.	5'	Anexo 6.	
		- Os alunos têm de imaginar que vão para uma ilha, durante um determinado período de tempo, sem terem qualquer referência sobre ela. Perante este cenário os alunos terão de escolher um objecto, dos que se encontram em cima da mesa (anexo 6), que achem importante levar com eles para a ilha.	25'		
		- Os alunos partilham com os colegas, a justificação das suas escolhas, relacionando-as com a sua hierarquia de valores, apresentadas anteriormente.			
		- Depois o professor pede a um aluno que leia um texto preparado pelo professor – “O dilema”, sobre uma situação concreta e real que os alunos são deparados diariamente, percebendo quais as atitudes dos alunos e os valores reais que eles apresentam perante esta realidade.	5'	Anexo 7.	
		- Em plenário, os alunos identificam o dilema presente no texto e dão a sua sugestão pessoal sobre uma solução para o dilema.	5'		
		- De seguida os alunos referem alguns dos dilemas com que se deparam diariamente e partilham-nos com os seus colegas, tentando encontrar uma solução para os seus dilemas.	10'		
		- Elaboração da síntese da aula.	5'	Caderno e esferográfica.	

Síntese: Cada um deve defender e honrar os seus valores, atribuindo diferentes ordens de grandeza, mas não deve impô-los a ninguém.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 2 – Valores e Ética Cristã – Nível 4

Competências Específicas:

4ª Aula – Lição nº 4

12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo;
 24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.

Sumário: Dinâmica de grupo à descoberta dos três grandes valores de uma pessoa – EU, TU no GRUPO e o OUTRO em DEUS.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	90'	Recursos	Avaliação
Mobilizar os valores da cooperação e da solidariedade na construção de bons relacionamentos e de enriquecimento mútuo. (Comp. 12)	A relação entre indivíduos, fundada nos valores: verdade, sinceridade, amizade, felicidade, egoísmo, justiça, solidariedade e liberdade.	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.
		- O professor apresenta e faz introdução ao tema da aula – Descobrir valores à minha volta.	10'	Quadro e giz.	
		- Apresentação de um ppt sobre os valores humanos (http://www.youtube.com/watch?v=yY-2HAyOH2w).	13'	PC e projetor de vídeo; Anexo 8.	
		- Breve diálogo sobre o ppt e os valores apresentados.	7'		
	A mensagem cristã, na vida e no dia-a-dia da pessoa.	- O professor apresenta uma dinâmica de forma a que os alunos descubram três grandes valores de uma pessoa. - A turma é convidada a sair da sala de aula, individualmente, à descoberta do primeiro valor. Os alunos têm de procurar um espelho, olhar de frente para ele e descobrir o primeiro valor (EU). Depois os alunos encontram-se no átrio da escola. - Em seguida os alunos partem em pares, à descoberta do segundo valor. O professor dá uma pista “ninguém é feliz sozinho” e em pares dialogam sobre o segundo valor (TU – GRUPO). De seguida os alunos encontram-se na capela. - É neste local, com toda a turma a descobrir o terceiro valor (O OUTRO – DEUS).	30'		Observação direta: • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas; • Capacidade de exprimir opinião / autonomia; • Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- Os alunos são convidados a recolher um pequeno azulejo que se encontra junto do altar com várias cores, escolhendo a que mais se identifica com ele. Encontra-se também, em cima do altar, uma mensagem num postal para os alunos escolherem a que mais gostam e a levarem consigo.	5'	Azulejos de várias cores e vários postais com mensagens; Anexo 9.	
		- Já na sala de aula, os alunos apresentam e partilham com os outros colegas as escolhas dos azulejos e das mensagens, bem como a descoberta dos três grandes valores que estruturam o indivíduo.	15'		
Interpretar mensagens cristãs, sobre orientações éticas fundamentais e reconhecer as suas implicações na vida quotidiana. (Comp. 24)		- Elaboração da síntese da aula.	5'	Caderno e esferográfica.	

Síntese: A importância de descobrir o que de mais importante há no EU, no TU – GRUPO e no OUTRO – DEUS. A mensagem cristã, como modelo da nossa vida.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 2 – Valores e Ética Cristã – Nível 4

Competências Específicas:

5ª Aula – Lição nº 5

9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã;
 12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

Sumário: Apresentação da plataforma Moodle de EMRC. Informações da atividade na biblioteca “apresentação do livro e conversa com a escritora Isabel da Motta”.
 Visionamento do filme “O grande peixe”.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	⌚ 90'	Recursos	Avaliação
Interpretar produções culturais sobre diversos tipos de valores, a partir de um quadro de interpretação ética, humanista e cristã. (Comp. 9)	Os valores escondidos em nós. Os medos e receios da nossa vida	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.
		- É apresentada a plataforma Moodle, da disciplina de EMRC, construída pelo professor, onde os alunos podem consultar diariamente informações importantes para os alunos de EMRC, bem como os materiais utilizados nas aulas, a planificação anual, o programa anual de atividades da disciplina e participar nos fóruns que estarão disponíveis.	20'	PC; Anexo 10.	
Relacionar-se com os outros, com base na cooperação e na construção de bons relacionamentos e de enriquecimento mútuo. (Comp. 12)	A participação do indivíduo em prol do grupo.	- O professor apresenta o cartaz aos alunos sobre a “apresentação do livro e conversa com a escritora Isabel da Motta”, e dá as últimas informações sobre esta atividade a realizar na biblioteca.	10'	Anexo 11.	Observação direta: • Interesse; • Atenção; • Acolhimento da realização de tarefas.
		- O professor entrega a cada aluno uma ficha para realizarem em casa, sobre o filme que irão ver de seguida.	5'	Ficha; Anexo 12.	
	A integração, autonomia e cooperação, como forma de união do grupo.	- Visionamento do filme “O grande peixe”.	45'	PC e projetor de vídeo; Anexo 13.	
		- Elaboração da síntese da aula.	5'	Caderno e esferográfica.	

Síntese: A importância de uma plataforma no meio escolar com acesso a todos os alunos e professores, divulgando e apresentando a disciplina de EMRC. “O grande peixe” – os medos e receios da nossa vida, os valores que existem em nós e estão escondidos.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 2 – Valores e Ética Cristã – Nível 4

Competências Específicas:

3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo;
 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

6ª Aula – Lição nº 6

Sumário: Os valores que nos rodeiam. Dinâmica de grupo, descobrindo valores em vários artigos.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	⌚ 90'	Recursos	Avaliação
<p>Questionar-se sobre a relação do indivíduo consigo próprio e com os outros, equacionando respostas aduadas aos valores cristãos. (Comp. 3)</p> <p>Interpretar criticamente episódios reais e factos sociais que evidenciem vários valores, construindo uma visão cristã da vida. (Comp. 9)</p>	Atitudes e comportamentos do indivíduo perante várias situações e contextos.	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	<p>Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.</p>
		- Avaliação em conjunto da atividade realizada na semana anterior “apresentação do livro e conversa com a escritora Isabel da Motta”.	5'		
		- O professor recolhe as fichas elaboradas em casa pelos alunos sobre o visionamento do filme na aula anterior.	2'		
		- Os alunos partilham com os colegas as conclusões, comentários e críticas ao filme visionado na última aula, bem como as suas respostas no TPC realizado.	13'		
		- Em plenário, os alunos são questionados sobre as atitudes e os valores que se apresentam no seu dia-a-dia, em várias situações e contextos. Os alunos agem da mesma forma, como cristãos, perante qualquer situação? Seja em casa, com a família, na escola, com os amigos, na rua, com desconhecidos?	15'	Quadro e giz.	
	Transmitir e divulgar notícias, com uma mensagem e visão cristã.	- Os alunos divididos em pequenos grupos, trabalham e analisam alguns artigos de jornais e revistas, que evidenciem valores.	15'	Caderno e esferográfica; Anexo 14.	<p>Observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas; • Capacidade de exprimir opinião / autonomia; • Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- De seguida, os alunos estruturam o artigo escolhido, transmitindo uma perspetiva cristã ao artigo, com os valores mais importantes para os alunos.	15'	Caderno e esferográfica.	
		- Os alunos apresentam e partilham com os outros grupos e colegas as alterações efetuados nos vários artigos, explicando o porquê.	10'		
		- O professor apresenta a conferência “Solidariedade e Voluntariado” a realizar-se na próxima semana, no Salão Nobre.	5'	Anexo 15.	
		- Elaboração da síntese da aula.	5'	Caderno e esferográfica.	

Síntese: A importância de transmitir valores ou divulgar notícias com uma perspetiva cristã.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 2 – Valores e Ética Cristã – Nível 4

Competências Específicas:

3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo;
 24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.

7ª Aula – Lição nº 7

Sumário: A dignidade da pessoa humana, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e análise de em texto da Encíclica “O Evangelho da Vida”. Debate em contexto de tribunal sobre a pena de morte.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	90'	Recursos	Avaliação
Mobilizar o princípio da dignidade da pessoa humana para a defesa de condições mais justas e fraternas, interpretando mensagens cristãs. (Comp. 3 e 24)	O evangelho da vida. Defender a dignidade humana até ao limite. Ser dotado de direitos e deveres.	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material. Observação direta: • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas; • Capacidade de exprimir opinião / autonomia; Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- O professor apresenta e faz introdução ao tema da aula – O dom inestimável da vida – a dignidade da pessoa humana.	10'	Quadro e giz.	
		- É pedido a um aluno que leia um excerto da Encíclica “O Evangelho da Vida” de João Paulo II, preparado pelo professor.	5'	Anexo 16.	
		- Em plenário, os alunos expressão as suas opiniões sobre o tema da aula - a dignidade da pessoa humana, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e o texto da Encíclica “O Evangelho da Vida”.	25'		
		- O professor apresenta uma dinâmica para os alunos poderem, de uma outra forma, expressarem as suas ideias e valores sobre o tema desenvolvido, numa situação em concreto, em contexto de tribunal. - A turma é dividida em três grupos e é escolhido ainda um juiz. O assunto levado a julgamento é a aplicação da pena de morte, com o seguinte problema: é legítimo o recurso à pena de morte? Os três grupos são divididos entre a defesa, a acusação e os jurados, que no final fazem uma proposta de veredito.	30'	A sala é previamente preparada para a dinâmica.	
		- Como TPC, os alunos divididos em três grupos, terão que elaborar um ppt, sobre o EU – indivíduo no encontro consigo próprio; o TU – como integração e cooperação do grupo / comunidade; o OUTRO – como procura da transcendência que nos transforma. A apresentação será na aula seguinte.	10'	Quadro e giz.	
		- Elaboração da síntese da aula.	5'	Caderno e esferográfica.	

Síntese: Os direitos e deveres dos cidadãos e a defesa dos direitos humanos, vistos com uma perspetiva cristã.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 2 – Valores e Ética Cristã – Nível 4

Competências Específicas:

8ª Aula – Lição nº 8

9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã;
 12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

Sumário: Apresentação dos trabalhos de grupo pelos alunos, sobre o EU, o TU e o OUTRO. Apresentação e sensibilização para a Campanha de Natal.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	⌚ 90'	Recursos	Avaliação
<p>Interpretar episódios históricos, reais e fatos sociais que evidenciem vários valores, construindo uma visão cristã da vida. (Comp. 9)</p> <p>Reconhecer no outro um TU no qual habita um EU plenamente digno que interpela à relação fraterna e solidária. (Comp. 12)</p>	A felicidade na relação com os outros: assumir valores éticos fundamentais.	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	<p>Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.</p> <p>Observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas; • Capacidade de exprimir opinião / autonomia; • Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- O professor introduz o tema da aula e contextualiza os trabalhos a apresentar pelos alunos.	10'	Quadro e giz.	
		- Os alunos apresentam os trabalhos elaborados em grupo (TPC), sobre o EU, o TU e o OUTRO.	45'	PC e projetor de vídeo;	
	A participação na construção da sociedade.	- Breve diálogo sobre os trabalhos apresentados pelos alunos e conclusão dos mesmos.	10'	Quadro e giz.	
		- Ainda sobre os valores e a Unidade Letiva, o professor faz o rescaldo da conferência da semana anterior (atividade do PAA – sobre a “Solidariedade e Voluntariado”).	5'	Anexo 17.	
	O outro como pessoa com quem eu me encontro; o outro que é um TU com quem me relaciono.	- O professor faz o lançamento e sensibilização para Campanha de Natal, apresentando dois pequenos vídeos sobre a Solidariedade e o Voluntariado: (http://www.youtube.com/watch?v=c9cpNUJCdLU); (http://www.youtube.com/watch?v=ID35EXkAHW0).	10'	PC e projetor de vídeo. Anexo 18.	
		- O professor apresenta e explica o TPC – trabalho de conclusão da Unidade Letiva.	3'	Anexo 19.	
	A solidariedade e voluntariado.	- Elaboração da síntese da aula.	2'		

Síntese: Três grandes valores que ajudam a construir e a estruturar a pessoa, no encontro consigo própria, com os outros e com Deus.
 A cooperação, como elemento fundamental na solidariedade e na ajuda aos outros.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 2 – Valores e Ética Cristã – Nível 4

Competências Específicas:

9ª Aula – Lição nº 9

3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo;

12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

Sumário: Histórias de vida, contadas pelos alunos. Elaboração de um ppt de divulgação e sensibilização da Campanha de Natal. Ficha de avaliação sumativa.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	⌚ 90'	Recursos	Avaliação
Interpretar histórias de vida, questionando o sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo. (Comp. 3)	Partilha de histórias de vida.	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.
		- Os alunos apresentam individualmente o TPC, respondendo às questões propostas e contando as suas histórias de vida.	10'		
		- Ainda no seguimento da aula passada, os alunos são convidados a trabalhar em grupos, elaborando um ppt, de divulgação e sensibilização para Campanha de Natal, para apresentarem às várias turmas da escola, durante a semana.	15'	PC.	
	Trabalho cooperativo. A solidariedade e interajuda como forma de ajuda aos mais necessitados	- O professor apresenta a conferência “Solidariedade em ação, viagens por África” a realizar-se na próxima semana no Salão Nobre da escola.	5'	Anexo 20.	Observação direta: • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas; • Capacidade de exprimir opinião / autonomia; • Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- O professor lembra a visita de estudo à Mesquita de Lisboa (atividade do PAA), também a realizar-se na próxima semana, entrega as fichas de inscrição e um desdobrável sobre o Islamismo e a Mesquita.	5'	Anexo 21.	
		- Elaboração da síntese da aula.	5'	Caderno e esferográfica.	
		- Ficha de avaliação sumativa.	45'	Anexo 22.	
Mobilizar os valores da cooperação, da solidariedade e da interajuda na construção de uma vida mais justas e feliz. (Comp. 12)					

Síntese: A importância e o valor de partilhar com os outros histórias de vida, para aprendermos uns com outros. A cooperação de todos para uma boa integração de todos os alunos na participação da Campanha de Natal.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 2 – Valores e Ética Cristã – Nível 4

Competências Específicas:

9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã;
 24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.

10ª Aula – Lição nº 10

Sumário: Visualização de um pequeno filme: “Tony Melendez” e o seu projeto de vida. Paulo descobre Cristo como novo projeto. Preparação da Missa de Natal.
 Correção da ficha de avaliação sumativa. Autoavaliação.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	90'	Recursos	Avaliação
Mobilizar valores éticos e estratégias de atuação com vista à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos. (Comp. 9)	A felicidade na relação com os outros: assumir valores éticos fundamentais.	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.
		- A partir da terceira pergunta do último TPC, sobre a construção do Projeto de Vida, o professor introduz o tema da aula – o valor da vida.	10'	Quadro e giz.	
		- Visualização de um pequeno filme: “Tony Melendez” e o seu projeto de vida (http://www.youtube.com/watch?v=lj_0_0By538).	7'	PC e projetor de vídeo; Anexo 23.	
		- Breve diálogo sobre o filme e os valores que regem o seu projeto de vida.	5'		
		- O professor questiona o conhecimento dos alunos sobre S. Paulo.	5'		
	O projeto de Paulo – a descoberta de Cristo como eixo orientador da vida.	- Visualização de um excerto do filme: “Paulo de todos os povos” (cena: a caminho de Damasco).	15'	PC e projetor de vídeo; Anexo 24.	Observação direta:
		- Juntamente com os alunos, o professor faz a conclusão do filme.	10'		
		- O professor apresenta a última atividade do PAA, do 1º período – Eucaristia de Natal, a realizar no penúltimo dia de aulas, para toda a Comunidade Escolar, no Salão Nobre da escola.	13'	Anexo 25.	
	A fé como fonte de felicidade.	- Ao apresentar e explicar o guião da Missa, o professor prepara com os alunos os últimos pormenores da celebração.			<ul style="list-style-type: none"> • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas; • Capacidade de exprimir opinião / autonomia; • Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- Correção da ficha de avaliação sumativa.	10'	Caderno e esferográfica.	
		- Autoavaliação.	5'		
		- Elaboração da síntese da aula.	5'	Caderno e esferográfica.	
Relacionar a fé em Deus como eixo central da vida pessoal com o agir feliz, otimista e empenhado na construção de relações humanizadoras e de sociedades mais justas. (Comp. 24)	O otimismo que se transmite na relação com os outros.				

Síntese: Na difícil tarefa de alcançar a felicidade é importante escolher os valores conducentes a essa felicidade. Ter fé e abraçar o Amor de Deus é transformá-lo em doação.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 4 – A civilização do amor – Nível 4

Competências Específicas:

4. Organizar uma visão coerente do mundo;
 24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.

1ª Aula – Lição nº 11

Sumário: Introdução à UL 4 “A civilização do amor”. Mensagem do Papa Bento XVI para o dia mundial da juventude e de João Paulo II para o dia mundial da paz.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	⌚ 90'	Recursos	Avaliação
<p>Interpretar produções culturais sobre a realização da humanidade enquanto EU, TU e NÓS. (Comp. 4)</p> <p>Interpretar mensagens cristãs, sobre orientações éticas fundamentais e reconhecer as suas implicações na vida quotidiana. (Comp. 24)</p>	A humanidade realiza-se no indivíduo (EU), na sua relação com o outro (TU) e na criação de laços de comunhão coletivos (NÓS).	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula.
		- O professor faz a introdução à UL 4 “A civilização do amor”.	15'		
		- Chuva de ideias: O professor pede aos alunos que atribuam um significado às palavras e expressões “civilização”, “amor” e “civilização do amor”.	10'	Quadro e giz.	Verificar se os alunos registam o sumário e se têm o material.
		- O professor pede a um aluno para ler um excerto da mensagem do dia mundial da juventude do Papa Bento XVI.	5'	Anexo 1.	Observação direta:
		- Em plenário, os alunos partilham as suas conclusões e opiniões da mensagem do Papa Bento XVI. - Os alunos são convidados a identificarem a mensagem com o seu quotidiano. O professor realça as práticas quotidianas destacadas pelos alunos e faz a ligação com a temática.	20'		<ul style="list-style-type: none"> • Interesse; • Atenção;
	A mensagem cristã, na vida e no dia-a-dia da pessoa.	- O professor apresenta e explica quatro aspetos preocupantes, mas fundamentais para uma boa construção da civilização do amor.	10'	Quadro e giz.	• Acolhimento da realização de tarefas;
		- O professor pede a outro aluno para ler um excerto da mensagem do dia mundial da paz do Papa João Paulo II.	5'	Anexo 2.	• Capacidade de exprimir opinião / autonomia;
		- Em plenário, os alunos partilham as suas conclusões e opiniões da mensagem do Papa João Paulo II.	10'		• Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- O professor lembra a visita de estudo à Sinagoga de Lisboa (atividade do PAA), a realizar-se na próxima semana, entrega as fichas de inscrição e um desdobrável sobre o Judaísmo e a Sinagoga.	5'	Anexo 3.	
		- Elaboração da síntese da aula.	5'	Caderno e esferográfica.	

Síntese: A civilização do amor – o ideal de um mundo novo, com que fomos criados à imagem e semelhança de Deus. O amor, a verdade, a liberdade e a justiça – os quatro pilares fundamentais para alcançar um aperfeiçoamento pessoal e uma convivência social mais humana.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 4 – A civilização do amor – Nível 4

Competências Específicas:

4. Organizar uma visão coerente do mundo;

12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

2ª Aula – Lição nº 13

Sumário: Novos desafios: cultura da vida, ética da solidariedade e princípio da subsidiariedade. Leitura e diálogo do excerto da Encíclica de Pio XI “*Quadragesimo Anno*”.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	90'	Recursos	Avaliação
<p>Reconhecer que a pertença a uma comunidade, cujos membros permanecem livres, e a participação na sua construção são elementos essenciais para a realização pessoal. (Comp. 4)</p> <p>Organizar um universo de valores que oriente a ação para a construção de comunidades autênticas, fundadas no diálogo, na cooperação, na solidariedade e no amor. (Comp. 12)</p>	O NÓS como comunidade, resultante do encontro entre pessoas que se reconhecem mutuamente livres.	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	<p>Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.</p> <p>Observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas; • Capacidade de exprimir opinião / autonomia; • Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- O professor apresenta e faz introdução ao tema da aula – Novos desafios: cultura da vida, ética da solidariedade e princípio da subsidiariedade.	15'	Quadro e giz.	
		- O professor pede aos alunos que individualmente façam uma reflexão e escrevam no caderno as ideias que concordam e discordam destes novos desafios apresentados, justificando as suas opiniões, tendo em conta a cooperação e solidariedade.	10'	Caderno e esferográfica.	
		- Em plenário, os alunos expressão as suas opiniões sobre a reflexão do trabalho anteriormente pedido pelo professor.	15'	Quadro e giz.	
	A comunidade baseada nos valores humanos: verdade e reconhecimento do valor humano do outro.	- O professor apresenta e distribui pelos alunos um texto de apresentação do MDV (Movimento de Defesa da Vida), com um pequeno testemunho de uma mãe.	25'	Anexo 4.	
		- A turma dividida em dois grupos é convidada a participar num debate sobre o testemunho desta mãe e as ações de voluntariado que possamos exercer dentro da nossa comunidade.			
		- O professor pede a um aluno para ler um excerto da Encíclica de Pio XI “ <i>Quadragesimo Anno</i> ”.	5'	Anexo 5.	
		- Em plenário, os alunos partilham as suas conclusões e opiniões da mensagem de Pio XI, sobre o princípio da subsidiariedade.	10		
		- Elaboração da síntese da aula.	5'	Caderno e esferográfica.	

Síntese: A vida humana, dom de Deus, exige ser integralmente respeitada e defendida. Reconhecer o papel essencial das pessoas, das famílias e dos diferentes grupos que compõe a sociedade civil. A participação de cada um é importante para o progresso humano e civilizacional. A subsidiariedade é um princípio que a Igreja reconhece como fundamental na construção de um mundo solidário em que a alteridade é fonte de comunhão.


EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 4 – A civilização do amor – Nível 4

Competências Específicas:

4. Organizar uma visão coerente do mundo.

3ª Aula – Lição nº 14

Sumário: Visita estudo à Sinagoga de Lisboa.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	 90'	Recursos	Avaliação
Identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Judaísmo, agindo no respeito pelos valores da tolerância e da liberdade, por forma a organizar uma visão coerente do mundo. (Comp. 4)		- Visita estudo à Sinagoga de Lisboa.	90'	Caderno e esferográfica. Anexo 6.	<p>Observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Respeito por opiniões diferentes / cooperação.

Síntese: A importância de conhecer e de aprofundar o conhecimento da religião Judaica. Aprofundamento de outra religião com base na tolerância.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 4 – A civilização do amor – Nível 4

Competências Específicas:

10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano;

12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

Sumário: Da civilização em crise à civilização do amor. Apresentação de uma curta metragem e trabalho individual com uma questão à comunidade educativa.

4ª Aula – Lição nº 15

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	90'	Recursos	Avaliação
Reconhecer no outro um TU no qual habita um EU plenamente digno que interpela à relação fraterna, solidária e cooperativa. (Comp. 10 e 12)	O outro como pessoa com quem eu me encontro; o outro que é um TU com quem me relaciono, respeito e confronto (não um objeto, mas uma pessoa); a abertura ao outro naquilo que ele é; a solidariedade e fraternidade, o amor e a amizade.	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.
		- O professor apresenta e faz introdução ao tema da aula – Da civilização em crise à civilização do amor.	15'		
		- Apresentação de uma curta metragem sobre o tema da aula (http://www.youtube.com/watch?v=YyZa4We5vfk).	15'	PC e projetor de vídeo; Anexo 7.	
		- Em plenário, os alunos expressão as suas opiniões sobre o tema da aula e comentam o vídeo apresentado.	20'	Quadro e giz.	Observação direta: • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas; • Capacidade de exprimir opinião / autonomia; • Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- Os alunos relatam situações públicas, particulares, vividas ou conhecidas por eles neste contexto, em que o amor e a solidariedade podem ultrapassar o egoísmo e a crise.			
		- A turma, individualmente, é convidada a escolher um espaço na escola, onde possa livremente escrever sobre as inquietações da sua vida, o amor e a amizade, a família e os amigos, a crise e os valores, o egoísmo e os interesses, a solidariedade e o voluntariado, o presente e o futuro.	15'	Folha branca e esferográfica.	
		- Antes de regressarem à sala de aula, questionam um aluno, funcionário ou professor sobre o que mais o/a preocupa hoje, que possa prejudicar gravemente o futuro?			
		- Os alunos apresentam as respostas na sala de aula e analisam-nas com o professor.	10'		
		- O professor propõe TPC – contato direto com um sem abrigo, fazer a sua história de vida.	3'		
		- Apresentação do jornal de EMRC da escola – “Em Sintonia”.	2'	Anexo 8.	
		- Elaboração da síntese da aula.	5'		

Síntese: O outro como ponto de encontro, diferente de mim. O amor, a amizade e a solidariedade, em tempos de crise vencem o egoísmo e a pobreza. As pessoas, num modo geral, são mais voluntárias e cooperam com a sociedade em tempos difíceis e de crise.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 4 – A civilização do amor – Nível 4

Competências Específicas:

10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano;
 12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

5ª Aula – Lição nº 23

Sumário: Construção da civilização do amor. O caminho do diálogo, o amor fraterno e o serviço ao próximo. A solidão.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	⌚ 90'	Recursos	Avaliação
<p>Organizar um universo de valores que oriente a ação para a construção de comunidades autênticas, fundadas no diálogo, na cooperação, na solidariedade e no amor. (Comp. 12)</p> <p>Mobilizar o valor do amor, da solidariedade e da justiça para orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano. (Comp. 10 e 12)</p>	<p>O diálogo como atitude fundamental na construção da civilização do amor / as relações interpessoais.</p>	- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	<p>Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.</p> <p>Observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas; • Capacidade de exprimir opinião / autonomia; • Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- O professor apresenta e faz introdução ao tema da aula – Construção da civilização do amor. O caminho do diálogo, o amor fraterno e o serviço ao próximo. A solidão.	15'	PC e projetor de vídeo; Anexo 9.	
		- O professor divide a turma em vários grupos e apresenta uma dinâmica de trabalho. Os materiais para trabalho diferem de grupo para grupo – um texto, uma música, um documento e um vídeo.	30'	Anexo 10.	
		- Os alunos têm de relacionar o que lhes foi apresentado com o tema da aula.			
	<p>As questões sociais e a construção de uma civilização planetária centrada no amor.</p> <p>O respeito pelos direitos dos outros / prática da justiça.</p>	- Os alunos apresentam em plenário, as suas conclusões, partilhando com os outros colegas o que mais despertou a atenção e a mensagem que recolhem dos materiais apresentados.	20'	Quadro e giz.	
		- O professor faz a conclusão e a avaliação dos trabalhos e comentários apresentados.	5'	Quadro e giz.	
		- Um grupo de alunos apresenta um trabalho desenvolvido por eles no âmbito desta UL, sobre a civilização em crise – a vida de um sem-abrigo.	10'	PC e projetor de vídeo.	
		- Elaboração da síntese da aula.	5'	Caderno e esferográfica.	

Síntese: O caminho do diálogo com o Outro numa construção da civilização do amor. A alegria de viver o amor fraterno – somos mais felizes em dar que em receber. A liberdade e o respeito pelos direitos dos outros. Ajudar o Outro a viver o drama da solidão.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 4 – A civilização do amor – Nível 4

6ª Aula – Lição nº 27

Sumário: Ficha de avaliação sumativa.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	⌚ 90'	Recursos	Avaliação
		- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.
		- Ficha de avaliação sumativa.	80'	Anexo 11.	Observação direta: • Acolhimento da realização de tarefas.
		- Apresentação do jornal de EMRC da escola – “Em Sintonia”.	5'	Anexo 12.	

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
PLANIFICAÇÃO DE AULAS – 11º Ano
Unidade Letiva 4 – A civilização do amor – Nível 4

7ª Aula – Lição nº 28

Sumário: Correção da ficha de avaliação sumativa. Autoavaliação.

Operacionalização de Competências	Conteúdos	Estratégias	🕒 90'	Recursos	Avaliação
		- O professor faz o acolhimento e apresenta o sumário.	5'	Caderno e esferográfica.	Verificar se os alunos entram ordenadamente na sala de aula, se registam o sumário e se têm o material.
		- O professor lembra e apresenta o III encontro inter-religioso (atividade do PAA), a realizar-se na próxima semana no Salão Nobre da escola.	10'	Anexo 13.	Observação direta:
		-Correção da ficha de avaliação sumativa.	50'		<ul style="list-style-type: none"> • Interesse; • Atenção; • Participação / integração; • Acolhimento da realização de tarefas; • Capacidade de exprimir opinião / autonomia; • Respeito por opiniões diferentes / cooperação.
		- Autoavaliação. - Diálogo com os alunos e avaliação conjunta sobre o ano letivo, as aulas e as atividades desenvolvidas na disciplina de EMRC.	25'		

A tua opinião é importante para melhorar a qualidade da Disciplina de EMRC na escola.
Deixa a tua opinião amiga e sincera. Obrigado pela tua colaboração.

I

Das questões que se seguem escolhe apenas as 2 que te parecerem mais importantes.

Na tua opinião, a Disciplina de EMRC deveria oferecer aos alunos:

1. Aulas mais interessantes
2. Falar de todas as religiões
3. Falar dos problemas que afligem os jovens
4. Apresentar sugestões para solucionar os problemas dos jovens
5. Propor intercâmbios com outros jovens
6. Propor visitas de estudo no país
7. Propor visitas de estudo ao estrangeiro
8. Realizar ações de solidariedade em instituições
9. Outros. Qual? _____
10. Outros. Qual? _____

II

Das questões que se seguem escolhe apenas as 2 que te parecerem mais importantes.

Na tua opinião, os alunos da ESMAVC não se inscrevem na Disciplina de EMRC porque:

1. São uma perda de tempo
2. O tempo é importante para as outras Disciplinas
3. O horário não permite que se matriculem
4. Os assuntos não interessam
5. As respostas para a vida estão na filosofia
6. A Igreja não tem nada que se meter na vida da escola e dos alunos
7. Não são apresentados projetos interessantes
8. Não conta para a média
9. Outros. Qual? _____
10. Outros. Qual? _____

III

Das questões que se seguem escolhe apenas as 2 que te parecerem mais importantes.

Na tua opinião, os alunos não se inscrevem porque o professor:

1. Não sabe falar com os alunos
2. Usa uma linguagem que não se entende
3. As propostas que apresenta não interessam
4. Quer que as ideias dele sejam as melhores
5. Só fala de Igreja
6. É antiquado
7. Está sempre a discordar das nossas opiniões
8. Não deixa fazer o que os alunos gostam mais
9. Não aceita as nossas propostas
10. Outros. Qual? _____
11. Outros. Qual? _____

IV

Das questões que se seguem escolhe apenas as 2 que te parecerem mais importantes.

Na tua opinião o professor de EMRC é aquele que:

1. Usa a linguagem dos alunos
2. Conhece os alunos pelo nome
3. Os alunos podem confiar nele
4. Sabe guardar os segredos dos alunos
5. As propostas dos alunos são sempre as mais importantes
6. Outros. Qual? _____
7. Outros. Qual? _____

Aluno	questão I										questão II										questão III											questão IV						
	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.
1	1				1							1				1							1		1						1			1				
2		1						1			1							1			1		1								1	1						
3	1						1								1		1								1			1			1				1			
4	1					1					1					1								1		1						1						
5		1		1								1						1												1			1					
6					1		1					1	1								1					1					1			1				
7					1		1										1	1				1	1									1	1					
8						1	1				1		1								1				1							1	1					
9		1	1									1	1																	1			1			1		
10					1		1				1			1									1		1							1	1					
11					1		1					1	1									1						1			1				1			
12		1						1						1				1							1	1					1			1				
13		1					1								1	1								1	1						1	1						
14	1						1				1	1									1		1									1	1					
15					1			1									1	1							1					1		1		1				
16					1			1									1	1			1	1											1	1				
17			1				1							1		1								1	1							1	1					
18					1		1						1					1					1		1							1	1					
19					1			1									1	1					1		1							1	1					
20		1					1				1		1										1		1						1		1					
21	1						1							1		1						1	1									1	1					
22						1	1							1		1														1						1		
23	1					1					1													1				1			1		1					
24	1		1											1	1									1						1			1					
25	1				1							1	1														1	1						1		1		
26			1					1					1					1					1		1								1	1				
27	1					1						1					1						1		1						1		1					
28		1	1										1					1					1			1						1	1					
29					1		1						1			1						1			1							1	1					
30	1	1										1					1						1		1						1		1					
31	1		1										1					1				1		1							1		1					

Aluno	questão I										questão II										questão III											questão IV							
	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	
32	1						1					1					1						1		1							1			1				
33	1		1								1						1						1		1							1			1				
34			1					1					1					1					1			1						1			1				
35	1					1									1			1							1	1						1			1				
36	1						1					1						1					1			1						1			1				
37						1	1				1			1								1			1							1	1						
38	1					1					1	1											1				1						1			1			
39			1			1								1			1						1		1							1			1				
40	1				1							1	1										1			1								1			1		
41	1				1							1	1													1		1						1	1				
42	1						1							1			1						1		1							1			1				
43	1	1									1					1							1		1							1			1				
44	1						1									1	1					1				1									1	1			
45	1							1					1					1				1	1										1	1					
46							1	1				1						1				1			1							1	1						
47					1		1										1	1				1			1							1	1						
48						1	1				1						1						1		1							1	1						
49					1		1								1			1							1			1				1	1						
50					1		1					1	1									1				1						1			1				
51	1							1					1				1								1			1				1			1				
52	1						1				1	1												1		1						1	1						
53			1			1					1					1									1				1			1			1				
54							1	1			1							1							1	1						1	1						
55	1						1				1				1								1			1						1			1				
56			1		1							1						1					1			1							1	1					
57					1			1				1					1							1		1						1				1			
total	25	9	11	1	18	11	27	12	0	0	16	19	17	9	5	11	14	23	0	0	10	11	25	2	33	14	2	5	4	3	2	34	26	38	6	6	1	0	
	Não conheço o professor																																						
	Nunca tive moral																																						



Eu

A minha família

Os meus gostos

As minhas avaliações

[illegible]

Anexo 19b

Parâmetros	Registos de avaliação - 1º Período	
Assiduidade/pontualidade		
Empenho/interesse		
Comportamento		
Valores e atitudes		
TPC		
Trabalho individual		
Participação aula		
Participação actividades		
Trabalho grupo		
Teste/ficha		

Parâmetros	Registos de avaliação - 2º Período	
Assiduidade/pontualidade		
Empenho/interesse		
Comportamento		
Valores e atitudes		
TPC		
Trabalho individual		
Participação aula		
Participação actividades		
Trabalho grupo		
Teste/ficha		

Parâmetros	Registos de avaliação - 3º Período	
Assiduidade/pontualidade		
Empenho/interesse		
Comportamento		
Valores e atitudes		
TPC		
Trabalho individual		
Participação aula		
Participação actividades		
Trabalho grupo		
Teste/ficha		

Observações:

Avaliação de EMRC por período						
Auto avaliação	1º período		2º período		3º período	
Avaliação	1º período		2º período		3º período	










	ética	
	moral	U Secundário
A diferença entre ÉTICA e MORAL		 Universidade Maria Amália Voz de Carvalho

DISTINÇÃO ENTRE ÉTICA E MORAL



Numa perspectiva filosófica, ética é distinta da moral, isto historicamente. As diferenças surgiram no quadro da filosofia cristã e teologia católica.

Ética = disciplina que se ocupa do comportamento humano à luz da razão natural

Moral = disciplina teológica que trata das normas do comportamento à luz da fé

Embora “pareça” que a distinção entre ambas não é obrigatória, a verdade é que se convencionou que se fizesse uma certa diferença entre as duas.

Assim a ética sobrepõe-se à moral nos seus fundamentos. Ela é como que o coração donde há-de emergir uma moral com fundamentos sólidos.

Neste sentido:

Ética = conjunto das acções consideradas boas

Moral = aquilo que se impõe como obrigatório, marcado por normas, obrigações e interdições, caracterizadas por uma exigência de universalidade

Se tivermos em conta a especificidade:
ética é a investigação crítica dos fenómenos morais, ou das normas morais de conduta.

Assim, “podemos” estabelecer que:

ÉTICA = reflexão sistemática sobre o agir humano de modo a descobrir o que é preciso fazer e o que é preciso evitar para se manter na linha do bem;

MORAL = conjunto de normas e regras de conduta que regem uma pessoa ou uma sociedade particular fundamentadas na ética.

FINALIDADE DA MORAL = descobrir aquilo que realiza verdadeiramente a pessoa, em todas as suas dimensões.

O ACTO MORAL = é expressão da pessoa livre e responsável. A vida moral apoia-se na responsabilidade humana; não há ação moral sem responsabilidade.

CONSCIÊNCIA MORAL =

- É o centro de referência e manifestação de valores;
- É o critério de avaliação das nossas ações;
- É a sede da nossa moralidade;
- É a norma interior para julgar o bem e o mal.

Anomia – pré-moral

dos 0-6 anos

- ✓ Ordem
- ✓ Instinto
- ✓ Sanções e controlos – prazer ou dor

Heteronomia – moral externa

dos 7/8 anos

- ✓ Imposições vindas de fora: da família, da escola, da sociedade
- ✓ Prémios ou castigos
- ✓ Medo

- ✓ **Socionomia** – moral externa/interna
dos 9-12 anos
 - ✓ É o grupo que influencia, com censuras e elogios
 - ✓ Regra de ouro “O que queres para ti, fá-lo aos outros”
- ✓ **Autonomia** – moral interna
dos 13 anos em diante
 - ✓ É do interior do sujeito
 - ✓ Tem a ver com a coerência/incoerência pessoal
 - ✓ Subjectividade
 - ✓ Liga-se mais às excepções do que à norma geral

DIMENSÕES



DA MORAL

ética

moral

UNIVERSAL: valores, direitos, preceitos humanos fundamentais, aceites “por todos”, mas nem sempre cumpridos.

Exemplo: Declaração Universal dos Direitos Humanos




ética

moral

PARTICULAR: normas e leis morais mais restritas, que dizem respeito a um grupo de pessoas.

Exemplos: leis sobre a igualdade no trabalho, regulamento interno de uma escola, direito ao bom nome, à educação, à alimentação e o direito a não ser pobre, entre outros.




ética

moral


SINGULAR: norma moral de cada pessoa segundo a sua consciência.

Exemplo: a minha atuação perante uma situação concreta pode ser diferente da atuação de outra pessoa perante a mesma situação



ética

moral



A sociedade de hoje, apesar de todos os seus aspectos positivos, apresenta um certo grau de **DESMORALIZAÇÃO** que se pode ver sob três aspectos distintos:

ética

moral

IMORALIDADE – há um aumento da possibilidade e/ou capacidade de fazer o mal

PERMISSIVIDADE – somos tolerantes e permissivos com tudo e todos. Comportamentos moralmente reprováveis há uns anos permaneciam em privado, hoje, tornam-se públicos.

AMORALIDADE – o consumo domina a sociedade, nega-se a moral, desumaniza-se a sociedade. «Se os outros fazem porque é que eu não posso fazer?»

Bem = ao que todos fazem

ética

moral

ética

moral

U 2

Secundário

Bibliografia

- ✓ Caderno do aluno UL 2
- ✓ <http://wikipedia.org>
- ✓ Google.pt



[http://www.rtp.pt/blogs/programas/portugueses_extraordinarios/
?k=Portugueses-Extraordinarios-de-2011-09-25.rtp&post=19487](http://www.rtp.pt/blogs/programas/portugueses_extraordinarios/?k=Portugueses-Extraordinarios-de-2011-09-25.rtp&post=19487)



O Dilema

Diariamente vivo com intensidade um dos grandes dilemas morais: dar ou não dar esmola?

Não há dia sem que, a caminho do trabalho, me peçam esmola. Não há dia em que não pense se ajo bem ao recusar, ao manter um silêncio de túmulo.

Jesus Cristo não recusaria. Que expedientes divisa a minha alma para impedir o gesto bondoso?

Em primeiro lugar o pragmatismo: se der constantemente, em breve estarei eu na rua necessitada de auxílio. Não parece fazer muito sentido, mas os ensinamentos cristãos vão precisamente no sentido desse despojar total de todos os pertences. Eu sinto a urgência desse abandono a latejar no coração. Sinto profundamente que devo dar a todos quantos me solicitam.

Em segundo lugar, surge a questão da justiça: muitas daquelas pessoas que se abandonam à mendicância têm a hipótese de um trabalho, têm a possibilidade de lutar pela sobrevivência através de meios mais construtivos e dignificantes. Por que razão terei eu de as sustentar, perigando com isso o bem sagrado da minha família e da minha própria vida? O coração continua a dizer-me que deverei dar.

Em terceiro e último lugar, o argumento do mau exemplo: permitir que alguns vivam da esmola (porque a esmola é dada indiferentemente a quem a pede) não conduzirá à sedução da vida fácil? Não estaremos nós, cristãos absortos na vontade divina, a criar um gigantesco problema social encorajando a dependência do trabalho alheio? E outra vez a voz fala cá dentro: Dá a quem te pedir. Que razões poderão existir que te impeçam de dar a quem pede? Não olhes à mão que se estende perante ti.

É assim todos os dias. No metro, quando vejo os cegos e as idosas que apelam à nossa bondade e caridade, transfiguro-me num concerto de vozes dissonantes. Não sei se o olhar me trai. Mas embora não contribua com metal para o seu viver, tento sempre encará-los de frente e sorrir-lhes em amor. Bastar-lhes-á isto? Tenho a maior das dúvidas, e continuo a pensar.

Joana [retirado do, blog *Jóia de Família*, 6 de Maio 2007]

<http://www.youtube.com/watch?v=yY-2HAYOH2w>

Valores Humanos



Disciplina: Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) - Windows Internet Explorer

http://moodle.esmavc.org/course/view.php

Google

Pesquisar

Leilão Facebook Ouvir música Amazon YouTube Previsão do tempo BBC News BBC Sports Jogos

Favoritos Culturas Juvenis (2) CULTURAS JUVENIS Reserva de hotel online re... Sites Sugeridos

Disciplina: Educação Moral e Religiosa Católica (E...

Página principal » EMRC

Nome de utilizador: Gonçalo Domingos (Sair)

Assumir o cargo de... Activar modo edição

PESSOAS

Participantes

ACTIVIDADES

Fóruns Recursos

PROCURAR NOS FÓRUMS

Executar

Pesquisa avançada

ADMINISTRAÇÃO

Activar modo edição

Configurações

Atribuir cargos

Notas

Grupos

Cópia de segurança

Restaurar

Importar

Reiniciar

Relatórios

Perguntas

Ficheiros

Anular a minha inscrição em EMRC

Educação Moral e Religiosa Católica

EMRC

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Começar um novo tema... (Ainda não foram publicadas notícias)

PRÓXIMOS EVENTOS

Não há eventos próximos

It so calendário... Novo evento...

ACTIVIDADE RECENTE

Actividade desde Terça, 27 Dezembro 2011, 20:51

Relatório completo de actividade recente...

Sem novidades desde o seu último acesso

MEGA CAMPANHA DE NATAL

“Sede generosos”

A ESMAVC vai contribuir com géneros alimentares e produtos de bebé, com toda a generosidade para as

Internet | Modo Protegido: Desactivado

PT 20:53 29-12-2011

Disciplina: Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) - Windows Internet Explorer

http://moodle.esmavc.org/course/view.php?id=563

Google

Pesquisar

Leilão Facebook Ouvir música Amazon YouTube Previsão do tempo BBC News BBC Sports Jogos

Favoritos Culturas Juvenis (2) CULTURAS JUVENIS Reserva de hotel online re... Sites Sugeridos

Disciplina: Educação Moral e Religiosa Católica (E...

Religiosa Católica (EMRC)

Geral Professores

Moodle para Professores

Plano Anual de Atividades

Programa de Educação para a Saúde (PES)

Recursos para professores

Todas as disciplinas...

1 Planificações

Planificação anual

Adicionar um recurso

Adicionar uma actividade

2 Plano Anual de Atividades

Plano anual de atividades

Adicionar um recurso

Adicionar uma actividade

3 Atividades

Apresentação do livro e conversa com a escritora Isabel da Mota

Conferência "Solidariedade e Voluntariado"

Adicionar um recurso

Adicionar uma actividade

4 Material das aulas

Filme "Favores em cadeia"

Portugueses extraordinários

Filme "Grande peixe"

Internet | Modo Protegido: Desactivado

PT 20:49 29-12-2011

PLANO ANUAL DE ACTIVIDADES DE EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Competências específicas:

3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo.
4. Organizar uma visão coerente do mundo.
9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética, humanista e cristã.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como factor de enriquecimento mútuo.
24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.

1º Período

Actividade	Objectivos – Operacionalização das competências	Calendarização e local
Conversa com a escritora Isabel da Motta	Questionar-se sobre a necessidade e interesses de leituras, equacionando resposta a partir de valores éticos humanistas e cristãos. (Comp. 3)	8 Novembro, 19h, biblioteca
Conferência – Solidariedade e Voluntariado	Organizar um universo de valores, fundadas na cooperação, na solidariedade e no amor. (Comp. 12)	22 Novembro, 11h45, salão nobre
Campanha de Natal	Mobilizar o valor do amor, da colaboração e da solidariedade com os membros da família humana em situações do quotidiano, aceitando as diferenças dos outros. (Comp. 12)	Novembro e Dezembro
Conferência – Solidariedade em acção, viagens por África	Organizar um universo de valores, fundadas na cooperação, na solidariedade e no amor. (Comp. 12)	13 Dezembro, 11h45, salão nobre
Visita de estudo à Mesquita de Lisboa	Identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Islamismo, agindo no respeito pelos valores da tolerância e da liberdade, por forma a organizar uma visão coerente do mundo. (Comp. 4)	14 Dezembro Mesquita
Eucaristia de Natal	Reconhecer as implicações da mensagem bíblica do nascimento de Jesus nas suas práticas de vida quotidiana, mobilizando o valor do acolhimento. (Comp. 24)	15 Dezembro, 12h, salão nobre

PLANO ANUAL DE ACTIVIDADES DE EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Competências específicas:

- 4. Organizar uma visão coerente do mundo.
- 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética, humanista e cristã.
- 10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.

2º Período

Actividade	Objectivos – Operacionalização das competências	Calendarização e local
Visita de estudo à Sinagoga de Lisboa	Identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Judaísmo, agindo no respeito pelos valores da tolerância e da liberdade, por forma a organizar uma visão coerente do mundo. (Comp. 4)	24 Janeiro, 10h30, Sinagoga
Conversas com a música – Carlos Alberto Moniz	Mobilizar os valores da música, do esforço para alcançar objectivos, da aquisição de cultura e saber desta arte. (Comp. 10)	7 Fevereiro, 11h45, biblioteca
Publicação do “Em Sintonia”	Organizar um universo de valores fundado numa visão humanista e cristã da vida, reflectir sobre temas pertinentes de EMRC, divulgando pela comunidade escolar a disciplina. (Comp. 9)	Março

PLANO ANUAL DE ACTIVIDADES DE EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA

Competências específicas:

- 4. Organizar uma visão coerente do mundo.
- 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética, humanista e cristã.

3º Período

Actividade	Objectivos – Operacionalização das competências	Calendarização e local
Publicação do “Em Sintonia”	Organizar um universo de valores fundado numa visão humanista e cristã da vida, reflectir sobre temas pertinentes de EMRC, divulgando pela comunidade escolar a disciplina. (Comp. 9)	Maio
III encontro inter-religioso	Organizar uma visão coerente do mundo, a partir do quadro ético das religiões e seu contributo no mundo de globalização. (Comp. 4)	5 Junho, 11h45 salão nobre

Destinado aos pais e a toda
a comunidade escolar

Biblioteca

Apresentação do livro e conversa com a escritora Isabel da Motta

Isabel-Victoria da Motta
**AS LONGAS APOQUENTAÇÕES
DE UMA MULHER SÓ
NUM INVERNO MUITO FRIO**

**Dia 8
Nov
2011
19h**

Organização:
Os Professores de EMRC

INSCRIÇÕES

Professor	Turma

Objetivos

- Despertar o prazer e a necessidade de hábitos de leitura em cada aluno;
- Promover a leitura e o sentimento de ler um livro;
- Equacionar respostas a partir de valores éticos humanistas e cristãos;
- Reflectir sobre o sentido de vida, na missão evangelizadora da pessoa;

Livros publicados pela autora

- As longas apoquentações de uma mulher num inverno muito frio
- A tua cara não me é estranha
- Podes imaginar as saudades que tenho tuas?
- Bateu asa, voltou
- A nice girl like me

Objetivos

- Despertar o prazer e a necessidade de hábitos de leitura em cada aluno;
- Promover a leitura e o sentimento de ler um livro;
- Equacionar respostas a partir de valores éticos humanistas e cristãos;

Reflectir sobre o sentido de vida, na missão evangelizadora da pessoa;

Livros publicados pela autora

- As longas apoquentações de uma mulher num inverno muito frio
- A tua cara não me é estranha
- Podes imaginar as saudades que tenho tuas?
- Bateu asa, voltou

A nice girl like me



"Na escola é possível educar os nossos jovens como parceiros activos na construção da sociedade. Com a sua criatividade, podem contribuir e ajudando a construir um mundo do trabalho mais compatível com a dignidade humana"

Programa de EMRC



"Na escola é possível educar os nossos jovens como parceiros activos na construção da sociedade. Com a sua criatividade, podem contribuir e ajudando a construir um mundo do trabalho mais compatível com a dignidade humana"

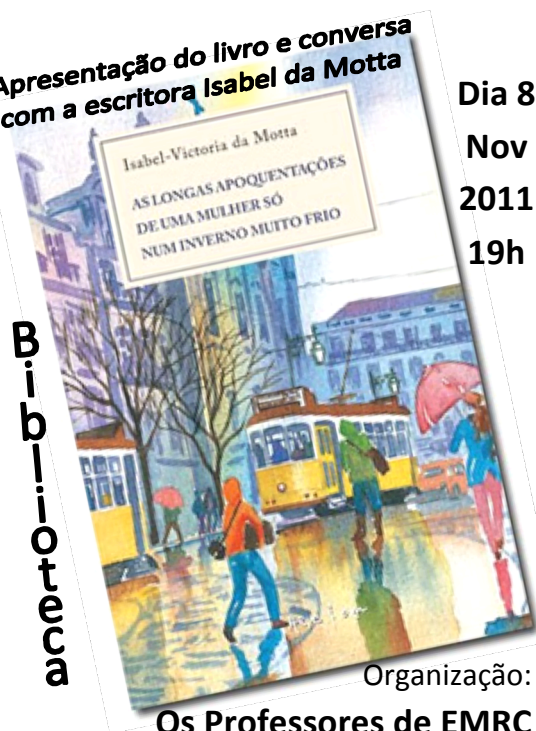
Programa de EMRC



Destinado aos pais e a toda a comunidade escolar

Apresentação do livro e conversa com a escritora Isabel da Motta

Biblioteca



**Dia 8
Nov
2011
19h**

Organização:
Os Professores de EMRC



Destinado aos pais e a toda a comunidade escolar

Apresentação do livro e conversa com a escritora Isabel da Motta

Biblioteca



**Dia 8
Nov
2011
19h**

Organização:
Os Professores de EMRC

Ficha de auto avaliação

Atividade: Apresentação do livro e conversa
com a escritora Isabel da Motta

- Consideras importante a vinda de escritores à escola?

Sim ☐ Não ☐

- Esta conversa na biblioteca enriqueceu a tua vida?

Sim ☐ Não ☐

- A biblioteca é um local apropriado para este tipo de
atividade?

Sim ☐ Não ☐

- Dá as tuas sugestões para melhorar este tipo de
atividade: _____

Obrigado
Os professores de EMRC

Ficha de auto avaliação

Atividade: Apresentação do livro e conversa
com a escritora Isabel da Motta

- Consideras importante a vinda de escritores à escola?

Sim ☐ Não ☐

- Esta conversa na biblioteca enriqueceu a tua vida?

Sim ☐ Não ☐

- A biblioteca é um local apropriado para este tipo de
atividade?

Sim ☐ Não ☐

- Dá as tuas sugestões para melhorar este tipo de
atividade: _____

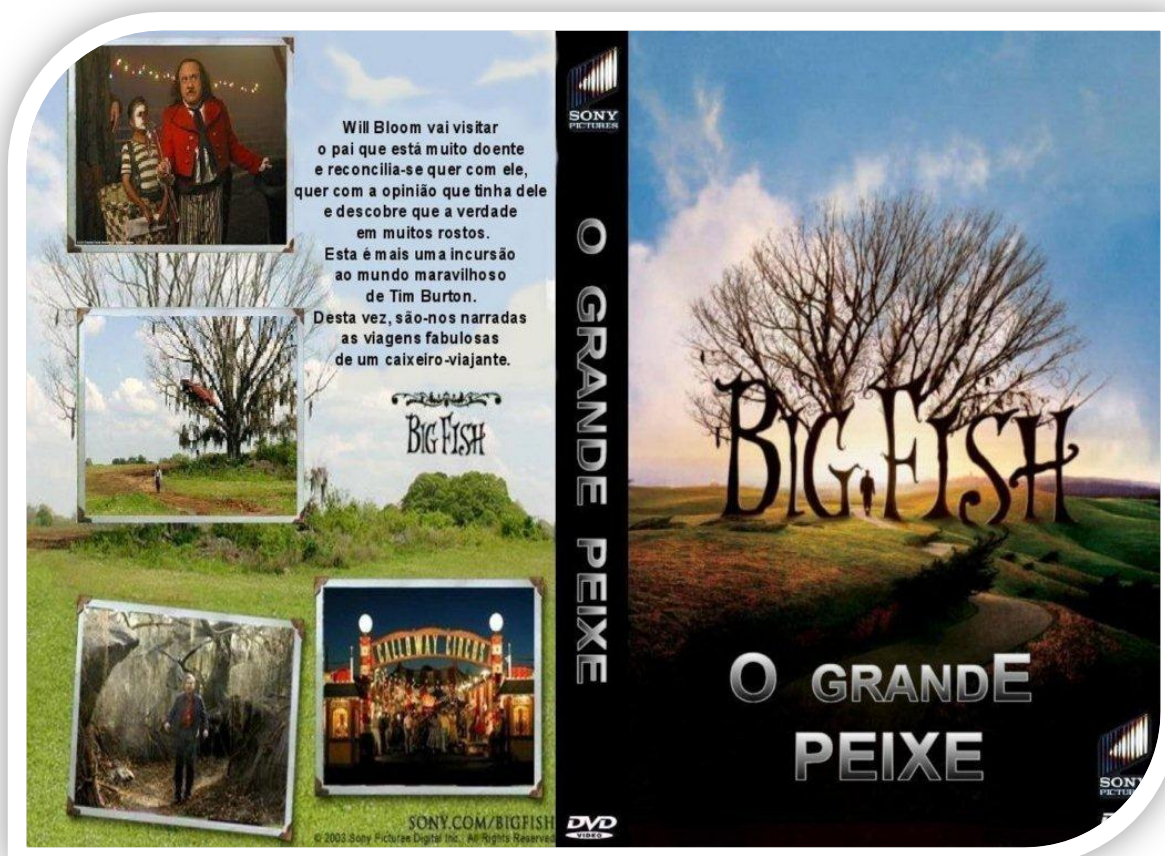
Obrigado
Os professores de EMRC

Visionamento do filme:

1. Introdução
2. Ficha técnica
3. Descodificação das personagens mais relevantes
4. Enredo da ação
5. Mensagem do filme
6. Grelha de operacionalização – o EU, o TU e os OUTROS

Grelha de operacionalização – o EU, o TU e os OUTROS	
Encontro do indivíduo consigo próprio	
Confrontos	
Comunhão e solidariedade	

7. Apreciação crítica – comentário sobre o filme





Solidariedade e Voluntariado



Debate
Dia 22 de Novembro – 11h45
Salão Nobre

Testemunhos de:

Eng. Luís Faria

Joaquim José Silva

Organização:
Os Professores de EMRC

INSCRIÇÕES

Professor	Turma



“O voluntariado é o conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas.”

Conselho nacional para a promoção do voluntariado



“O voluntariado é o conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas.”

Conselho nacional para a promoção do voluntariado



Solidariedade e Voluntariado



Debate

Dia 22 de Novembro – 11h45

Salão Nobre

Testemunhos de:

Eng. Luís Faria

Sr. Joaquim José Silva

Organização:

Os Professores de EMRC



Solidariedade e Voluntariado



Debate

Dia 22 de Novembro – 11h45

Salão Nobre

Testemunhos de:

Eng. Luís Faria

Sr. Joaquim José Silva

Organização:

Os Professores de EMRC

Objetivos

- Organizar um universo de valores, fundadas na cooperação, na solidariedade e no amor;
- Desenvolver ao nível dos alunos ações de voluntariado que os sensibilize para a proximidade;
- Promover o voluntariado como meio de partilha em comunidade;
- Sensibilizar a comunidade de inserção do voluntário para a necessidade de um trabalho gratuito e responsável;
- Propor o voluntariado como meio promocional da dignidade humana.

Objetivos

- Organizar um universo de valores, fundadas na cooperação, na solidariedade e no amor;
- Desenvolver ao nível dos alunos ações de voluntariado que os sensibilize para a proximidade;
- Promover o voluntariado como meio de partilha em comunidade;
- Sensibilizar a comunidade de inserção do voluntário para a necessidade de um trabalho gratuito e responsável;
- Propor o voluntariado como meio promocional da dignidade humana.

Engenheiro Luís Faria

- Detém funções de direção no *Grupo EDP*;
- Lidera o negócio de Serviços de Energia;
- Participou na implementação de um projeto energético no Campo de Refugiados de Kakuma (Quénia), com o *Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados*;
- Diretor do projeto de Acesso à Energia para o Desenvolvimento na *Fundação EDP*;
- Regularmente colabora com algumas organizações de carácter social.

Sr. Joaquim José Silva

- Responsável da Pastoral da Fraternidade da Paróquia de Peniche;
Representante da Pastoral dos Ciganos;
- Responsável da distribuição da alimentação do Banco Alimentar;
- Responsável da distribuição da alimentação do PCAAC;
- Autor de um presépio de reciclagem de barbies e ken.

Engenheiro Luís Faria

- Detém funções de direção no *Grupo EDP*;
- Lidera o negócio de Serviços de Energia;
- Participou na implementação de um projeto energético no Campo de Refugiados de Kakuma (Quénia), com o *Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados*;
- Diretor do projeto de Acesso à Energia para o Desenvolvimento na *Fundação EDP*;
- Regularmente colabora com algumas organizações de carácter social.

Sr. Joaquim José Silva

- Responsável da Pastoral da Fraternidade da Paróquia de Peniche;
Representante da Pastoral dos Ciganos;
- Responsável da distribuição da alimentação do Banco Alimentar;
- Responsável da distribuição da alimentação do PCAAC;
- Autor de um presépio de reciclagem de barbies e ken.

Ficha de auto avaliação

Atividade: Conferência “Solidariedade e Voluntariado”

- Consideras importante para a comunidade escolar, estes testemunhos?

Sim ☐ Não ☐

- Esta conferência enriqueceu a tua vida?

Sim ☐ Não ☐

- O Salão Nobre é um local apropriado para este tipo de atividade?

Sim ☐ Não ☐

- Dá as tuas sugestões para melhorar este tipo de atividade: _____

Obrigado
Os professores de EMRC

Ficha de auto avaliação

Atividade: Conferência “Solidariedade e Voluntariado”

- Consideras importante para a comunidade escolar, estes testemunhos?

Sim ☐ Não ☐

- Esta conferência enriqueceu a tua vida?

Sim ☐ Não ☐

- O Salão Nobre é um local apropriado para este tipo de atividade?

Sim ☐ Não ☐

- Dá as tuas sugestões para melhorar este tipo de atividade: _____

Obrigado
Os professores de EMRC

O EVANGELHO DA VIDA

O Evangelho da vida está no centro da mensagem de Jesus. Amorosamente acolhido cada dia pela Igreja, há-de ser fiel e corajosamente anunciado como boa nova aos homens de todos os tempos e culturas.

Na aurora da salvação, é proclamado como feliz notícia o nascimento de um menino: «Anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias, Senhor» (Lc 2, 10-11). O motivo imediato que faz irradiar esta «grande alegria» é, sem dúvida, o nascimento do Salvador; mas, no Natal, manifesta-se também o sentido pleno de todo o nascimento humano, pelo que a alegria messiânica se revela fundamento e plenitude da alegria por cada criança que nasce (cf. Jo 16, 21).

Ao apresentar o núcleo central da sua missão redentora, Jesus diz: «Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância» (Jo 10, 10). Ele fala daquela vida «nova» e «eterna» que consiste na comunhão com o Pai, à qual todo o homem é gratuitamente chamado no Filho, por obra do Espírito Santificador. Mas é precisamente em tal «vida» que todos os aspectos e momentos da vida do homem adquirem pleno significado.

João Paulo II, *Evangelium Vitae*

MEGA CAMPANHA DE NATAL

“Sede generosos”



A ESMAVC vai contribuir com
géneros alimentares e produtos de
bebé, com toda a generosidade para
as famílias de Peniche e Setúbal

* Entrega no PBX da escola *

MEGA CAMPANHA



DE NATAL

“Sede generosos”

A ESMAVC vai contribuir com géneros alimentares e produtos de bebé, com toda a generosidade para as famílias de Peniche e Setúbal

* Entrega no PBX da escola *

MEGA CAMPANHA DE NATAL



“Sede generosos”

A ESMAVC vai contribuir com géneros alimentares e produtos de bebé, com toda a generosidade para as famílias de Peniche e Setúbal

- Entrega no PBX da escola

Sensibilização para a Campanha de Natal

<http://www.youtube.com/watch?v=c9cpNUJCdLU>



<http://www.youtube.com/watch?v=ID35EXkAHW0>

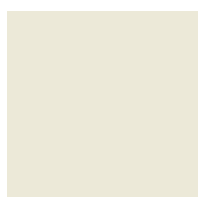


Entrevista

Valores na nossa história de vida

- 1 – Quais os valores que considera relevantes ou fundamentais no percurso da sua vida? Porquê?
- 2 – Na sua vida, com certeza que já teve alguma ocorrência relevante, em que os valores realçados anteriormente tiveram um papel fundamental nesse acontecimento, marcando a história da sua vida. Quer contar como foi?
- 3 – Nestes tempos difíceis e de crise, quais os valores que considera pertinentes, para os adolescentes e jovens superarem as dificuldades com que vivem no seu dia-a-dia, ajudando-os também a construir o seu Projeto de Vida?

Solidariedade em ação, viagens por África



Conferência

Dia 13 de Dezembro – 11h45

Salão Nobre

Testemunhos de:

Representante da Associação
Mãos Unidas P. Damião

Organização:

Os Professores de EMRC



Visita de estudo à Mesquita de Lisboa

Dia 14 de Dezembro – das 10h às 13h
Porta principal da escola

Contamos contigo!

Organização:
Os Professores de EMRC



Operacionalização de Competências	Conteúdos	Critérios gerais de avaliação	Nº	Cotação
Questionar-se sobre o sentido das palavras “ética” e “moral” e a sua relevância para a relação do indivíduo consigo próprio e com os outros.	Definição de ética e moral.	- Aplicação de conhecimentos.	1.1.	3 valores
		- Focalização nas ideias principais e domínio dos conceitos adquiridos.	1.2.	2,5 valores
Interpretar produções culturais sobre diversos tipos de valores, de forma a organizar uma visão coerente do mundo, fundada numa visão humana e cristã da vida. Organizar um universo de valores fundado numa visão humanista e cristã da vida.	Tipologias de valores. Hierarquia de valores.	- Aplicação de conhecimentos.	2.1.	2 valores
		- Focalização nas ideias principais e domínio dos conceitos adquiridos.	2.2.	2,5 valores
		- Espírito de criatividade e de síntese.	2.3.	3,5 valores
Interpretar criticamente episódios reais e factos sociais que evidenciem vários valores, construindo uma visão cristã da vida.	Notícias, com mensagem e visão cristã.	- Aplicação de conhecimentos.	3.1.	3 valores
		- Focalização nas ideias principais e domínio dos conceitos adquiridos. - Espírito de criatividade e de síntese.	3.2.	3,5 valores



Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho
Ficha de Avaliação Sumativa de EMRC
11º ano – Unidade Letiva 2 “Valores e Ética Cristã”

Lê com atenção todas as questões e procura responder com rigor, justificando as tuas respostas. Utiliza uma folha de teste para responderes, assinalando o número da pergunta.

Duração: 45 minutos

6 de dezembro de 2011

1. “O comportamento social é parte integrante de um longo processo de socialização. O ser humano aprende a agir segundo determinados valores e normas que emergem de um complexo processo de construção da consciência pessoal”.
 - 1.1. Define ética e moral.
 - 1.2. Refere os quatro princípios de moral.
2. “Os valores enquadram a existência individual e coletiva do ser humano. A história humana demonstra que os valores não têm existência autónoma; dependem, para se realizarem, de pessoas inteligentes que os (re)elaboram e lhes atribuem significados”.
 - 2.1. Descreve os vários valores que estudaste.
 - 2.2. Escolhe 3 valores que mencionaste na questão anterior e explica a importância deles na tua vida.
 - 2.3. Constrói uma hierarquia de valores e explica o porquê de dares mais importância a uns valores e menos a outros ou quais os que consideras prioritários e os valores que podem ser preteridos.
3. A escolha e o tratamento das notícias nem sempre são ditados por interesses éticos e deontológicos. O que impera, variadíssimas vezes, são os interesses políticos e económicos. Entram na lógica da competição: o objetivo é ser mais visto, mais ouvido, mais lido e, para isso, não é tanto a informação ou a qualidade da diversão que interessam.

“Jesus é o modelo e o paradigma da nossa comunicação. Para aqueles que estiverem comprometidos na comunicação social, quer como responsáveis pelas políticas, como comunicadores profissionais, como recetores, quer em qualquer outra função, a conclusão é óbvia: «Por isso, abandonai a mentira: cada um diga a verdade ao seu próximo, pois somos membros uns dos outros... Que nenhuma palavra inconveniente saia da vossa boca; ao contrário, se for necessário, dizei uma boa palavra, que seja capaz de edificar e fazer o bem aos que ouvem» (Ef 4, 25.29). O serviço à pessoa humana, a edificação da comunidade humana assente na solidariedade, na justiça e no amor, e o anúncio da verdade acerca da vida humana e da sua derradeira realização em Deus estavam, estão e permanecerão no cerne da ética nos *mass media*”.

- 3.1. Neste texto é apresentada a proposta cristã. Que valores assume esta proposta?
- 3.2. De que maneira pode esta ser concretizada pelos meios de comunicação social?

Bom trabalho!

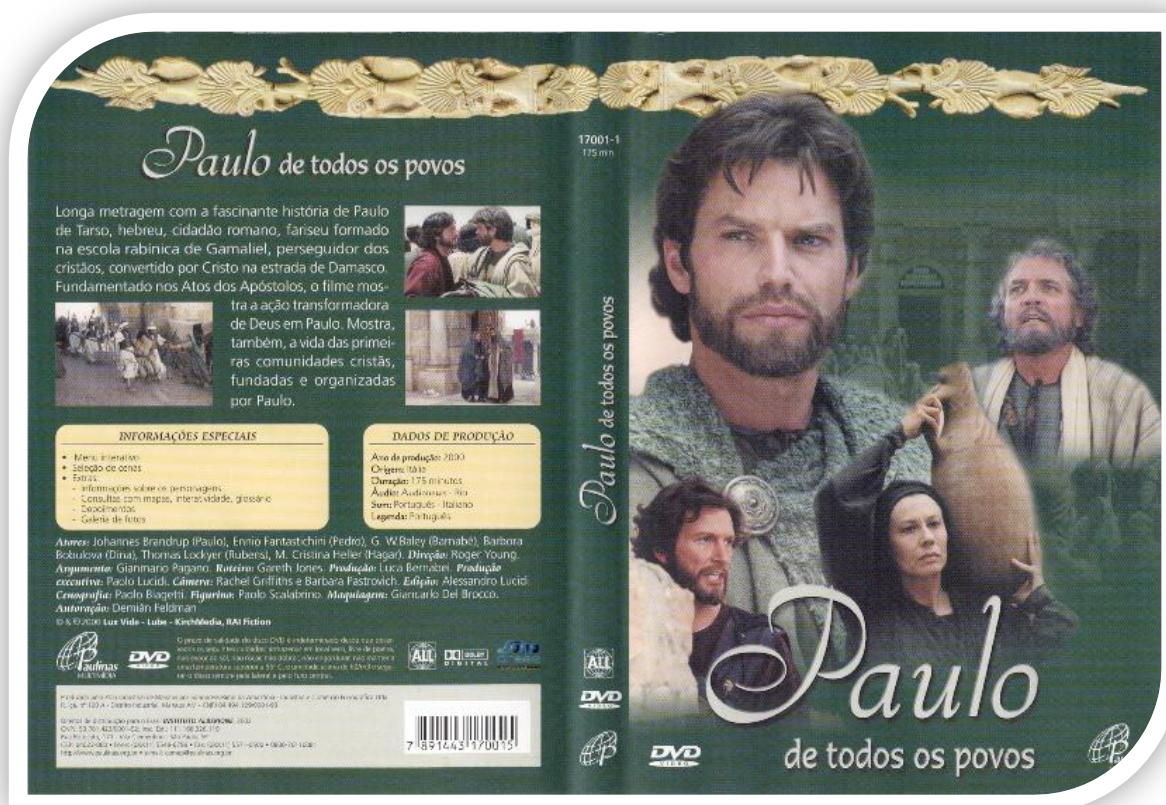
Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho
Grelha de correção da Ficha de Avaliação Sumativa de EMRC
11º ano – Unidade Letiva 2 “Valores e Ética Cristã”
2011 / 2012



Operacionalização de Competências	Identificação das questões	Tipo de questões	CrITÉrios de correção	Nº / Cotação
Questionar-se sobre o sentido das palavras “ética” e “moral” e a sua relevância para a relação do indivíduo consigo próprio e com os outros.	Ética e moral. _____	Resposta limitada. _____	Explicar o que é a ética e a moral. _____	1.1. = 3 valores
	Princípios de moral. _____	Resposta limitada. _____	Mencionar os quatro princípios de moral estudados. _____	1.2. = 2,5 valores
Interpretar produções culturais sobre diversos tipos de valores, de forma a organizar uma visão coerente do mundo, fundada numa visão humana e cristã da vida. Organizar um universo de valores fundado numa visão humanista e cristã da vida.	Valores. _____	Resposta limitada. _____	Referir os valores estudados. _____	2.1. = 2 valores
	Explicar a importância dos valores. _____	Resposta aberta com desenvolvimento. _____	Explicar o porquê da importância de determinados valores na sua vida. _____	2.2. = 2,5 valores
	Hierarquia de valores. _____	Resposta aberta com desenvolvimento. _____	A construção de uma hierarquia de valores e explicar o porquê da mesma. _____	2.3. = 3,5 valores
Interpretar criticamente episódios reais e factos sociais que evidenciem vários valores, construindo uma visão cristã da vida.	Proposta de valores cristãos. _____	Resposta limitada. _____	Identificar os valores de uma mensagem cristã. _____	3.1. = 3 valores
	Os meios de comunicação social. _____	Resposta aberta com desenvolvimento. _____	Como se pode utilizar estes valores nos meios de comunicação social. _____	3.2. = 3,5 valores

http://www.youtube.com/watch?v=lj_0_0By538





Celebração de Natal



**"Um Menino nasceu para nós,
um Filho nos foi dado".
(Is 9, 5)**

15 de Dezembro de 2011

MISSA DE NATAL



Dia 15 de Dezembro – 11h45
Salão Nobre

Comparece e traz um amigo!

Organização:
Os Professores de EMRC



ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Sacerdote: Fazei frutificar em nós, Senhor, os mistérios que celebramos, pelos quais, durante a nossa vida na terra, nos ensinai a amar os bens do Céu e a viver para os valores eternos. Por Nosso Senhor.

Todos: Amen.

RITOS DE CONCLUSÃO

Sacerdote: O Senhor esteja convosco.

Todos: Ele está no meio de nós.

BÊNÇÃO SOLENE

Sacerdote: Deus onipotente e misericordioso, que vos dá a graça de comemorar na fé a primeira vinda do Seu Filho Unigénito e de esperar confiadamente a Sua vinda gloriosa, vos ilumine e enriqueça com as Suas bênçãos na celebração dos mistérios do Advento.

Todos: Amen.

Sacerdote: Deus vos conserve, durante esta vida, firmes na fé, alegres na esperança e generosos na caridade.

Todos: Amen.

Sacerdote: A vós, que esperais, na alegria espiritual, o próximo nascimento do nosso Redentor conceda-vos Deus o prémio da vida eterna, quando Ele vier de novo na majestade da Sua glória.

Todos: Amen.

Sacerdote: Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.

Todos: Amen.

Sacerdote: Ide em Paz e o Senhor vos acompanhe.

Todos: Graças a Deus.

Celebração de Natal



**"Um Menino nasceu para nós,
um Filho nos foi dado".
(Is 9, 5)**

A encarnação do Filho de Deus é um acontecimento que se deu na história, mas ao mesmo tempo ultrapassa-a. Na noite do mundo, acende-se uma luz nova, que se deixa ver pelos olhos simples da fé, pelo coração manso e humilde de quem espera o Salvador. Se a verdade fosse apenas uma fórmula matemática, em certo sentido impor-se-ia por si mesma. Mas, se a Verdade é Amor, requer a fé, o «sim» do nosso coração.
Boas-festas de Natal para todos!

(BENTO XVI - 25 de Dezembro de 2010)



15 de Dezembro de 2011

ADMONIÇÃO DE ENTRADA

Estamos prestes a viver a maior loucura de que há memória: o Nosso Deus desce à Terra, para se fazer Homem como nós, para sentir o frio e o calor, a dor e a saúde, o luto e o nascimento, a doença, as traições e as amizades, a alegria e a tristeza. Apesar da vida às vezes nos parecer triste, Deus encarnado em Jesus mostra-nos que não há preto nem cinzento na tela da vida, há apenas as cores do Amor.

O Menino Jesus está no mundo, a viver connosco lado a lado, por isso neste Natal Ele volta a nascer para que todos percebamos que a vida não é só arranjar soluções para superar a crise, a Vida é viver o presente como se já estivéssemos na ETERNIDADE. Vivamos esta eucaristia na alegria que queremos ter na eternidade.

RITOS INICIAIS

Sacerdote: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: Amen.

Sacerdote: A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

Todos: Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

ACTO PENITENCIAL

Sacerdote: Irmãos: Para celebrarmos dignamente os santos mistérios, reconheçamos que somos pecadores. Confessemos os nossos pecados:

Todos: Confesso a Deus todo-poderoso e a vós, irmãos, que pequei muitas vezes por pensamentos e palavras, actos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa. E peço à Virgem Maria, aos Anjos e Santos, e a vós, irmãos, que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor.

Sacerdote: Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

Todos: Amen.

ORAÇÃO COLECTA

Sacerdote: Senhor, a consciência das nossas culpas entristece-nos e faz-nos sentir que somos servos indignos: dai-nos de novo a alegria e salvai-nos com a vinda do vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

Todos: Amen.



Todos: Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do Universo.

O céu e a terra proclamam a Vossa glória. Hossana nas alturas.

Bendito O que vem em nome do Senhor. Hossana nas alturas.

RITOS DA COMUNHÃO

Sacerdote: Fiéis aos ensinamentos do Salvador, ousamos dizer:

Todos: Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome; venha a nós o Vosso reino; seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação; mas livrai-nos do mal.

Sacerdote: Livrai-nos de todo o mal, Senhor, e dai ao mundo a paz em nossos dias, para que, ajudados pela vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e de toda a perturbação, enquanto esperamos a vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador.

Todos: Vosso é o reino e o poder e a glória para sempre.

Sacerdote: Senhor Jesus Cristo, que dissestes aos vossos Apóstolos:

Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz: não olheis aos nossos pecados mas à fé da vossa Igreja e dai-lhe a união e a paz, segundo a vossa vontade, Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.

Todos: Amen.

Sacerdote: A paz do Senhor esteja sempre convosco.

Todos: O amor de Cristo nos uniu.

Sacerdote: Saudai-vos na paz de Cristo.

(Todos se saúdam, num sinal de mútua paz e caridade.)

Todos:

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz.

Sacerdote: Felizes os convidados para a Ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

Todos: Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e serei salvo.

Sacerdote: Cristo, Redentor do mundo, despertai a vossa Igreja e dai-lhe luz, coragem e perseverança para Vos ser fiel até ao fim.

Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.

Todos: Amen.

LITURGIA EUCARÍSTICA

CORTEJO DE APRESENTAÇÃO DOS DONS

Pão: Damos-te, Menino Jesus, o trabalho da luta diária de todas as pessoas desta Comunidade Educativa, que todos saibamos doar-mo-nos uns aos outros totalmente.

Vinho: Entregamos-Te, Menino Jesus, todas as pessoas do mundo para que unidos a Ti sejamos cooperadores da Criação de Nosso Pai.

Livros: Nestes livros, Menino Jesus, está a nossa vida de estudante que Te entregamos para que ela seja para nossa glorificação.

Giz: Neste pau de giz, Menino Jesus, entregamos-Te o conhecimento e o trabalho dos professores, que ele seja motivo de glória para Ti.

Sacerdote: Orai, irmãos, para que o meu e o vosso sacrifício seja aceite por Deus Pai todo-poderoso.

Todos: Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício, para glória do Seu nome, para nosso bem e de toda a santa Igreja.

ORAÇÃO SOBRE AS OBLATAS

Sacerdote: Aceitai, Senhor, estes dons que recebemos da Vossa bondade e fazei que os sagrados mistérios que celebramos no tempo presente sejam para nós penhor de salvação eterna. Por Nosso Senhor.

Todos: Amen.

ORAÇÃO EUCARÍSTICA

Sacerdote: O Senhor esteja convosco.

Todos: Ele está no meio de nós.

Sacerdote: Corações ao alto.

Todos: O nosso coração está em Deus.

Sacerdote: Dêmos graças ao Senhor nosso Deus.

Todos: É nosso dever é nossa salvação.



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA

Is 54, 1-10

Leitura do Livro de Isaías

«Alegra-te, ó estéril, que não tiveste filhos, solta brados de alegria e de júbilo, tu que não sentistes as dores da maternidade. Porque são mais numerosos os filhos da abandonada do que os filhos da esposa», diz o Senhor. Alarga o espaço da tua tenda, sem olhar a despesas, estende sem medo as cortinas das tuas moradas; alonga as cordas, reforça as estacas, porque vais expandir-te para a direita e para a esquerda: a tua descendência conquistará as nações e povoará as cidades abandonadas. Não temas, porque não serás confundida, não te envergonhes, porque não serás humilhada. Esquecerás a vergonha da tua juventude e não mais recordarás o opróbrio da tua viuvez. O teu Criador, Jerusalém, será o teu Esposo e o seu nome é "Senhor do Universo". O teu Redentor será o Santo de Israel, que se chama "Deus de toda a terra". Como à mulher abandonada e de alma aflita, o Senhor volta a chamar-te: "A esposa da juventude poderá ser repudiada?" – diz o teu Deus. Por um momento abandonei-te, mas no meu grande amor volto a chamar-te. Num acesso de ira, escondi de ti a minha face, mas na minha misericórdia eterna tive compaixão de ti, – diz o Senhor, teu Redentor. Comigo sucede como no tempo de Noé, quando jurei que as águas do dilúvio não mais invadiriam a terra. Assim Eu juro não tornar a irritar-Me contra ti, não voltar a ameaçar-te. Ainda que sejam abaladas as montanhas e vacilem as colinas, a minha misericórdia não te abandonará, a minha aliança de paz não vacilará», – diz o Senhor, compadecido de ti. *Palavra do Senhor.*

Todos: Graças a Deus.

SALMO RESPONSORIAL

Sl 29 [30], 2.4-6.11-13

Refrão: Eu Vos louvarei, Senhor, porque me salvastes.

Eu Vos glorifico, Senhor, porque me salvastes e não deixastes que de mim se regozijassem os inimigos. Tirastes a minha alma da mansão dos mortos, vivificastes-me para não descer à cova.

Cantai salmos ao Senhor, vós os seus fiéis, e dai graças ao seu nome santo.

A sua ira dura apenas um momento e a sua benevolência a vida inteira. Ao cair da noite vêm as lágrimas e ao amanhecer volta a alegria.

Ouvi, Senhor, e tende compaixão de mim,
Senhor, sede Vós o meu auxílio.
Vós convertestes em júbilo o meu pranto:
Senhor meu Deus, eu Vos louvarei eternamente.

ACLAMAÇÃO ANTES DO EVANGELHO

Lc 3, 4.6

Refrão: Aleluia

Preparai os caminhos do Senhor;
endireitai as suas veredas e toda a criatura verá a salvação de Deus.

EVANGELHO

Lc 7, 24-30

Sacerdote: O Senhor esteja convosco.

Todos: Ele está no meio de nós.

Sacerdote: Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Todos: Glória a Vós, Senhor.

Quando os mensageiros de João Baptista se retiraram, Jesus começou a falar dele à multidão: «Que fostes ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento? Mas que fostes ver? Um homem vestido com roupas finas? Os que vestem com luxo e vivem regaladamente encontram-se nos palácios dos reis. Que fostes ver então? Um profeta? Sim – Eu vo-lo digo – e mais do que profeta. É aquele de quem está escrito: "Vou enviar à tua frente o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de ti. "Eu vos digo que, entre os nascidos de mulher; não há nenhum maior do que João; mas o mais pequeno no Reino de Deus é maior do que ele.» Todo o povo que O escutou, incluindo os publicanos, proclamaram a justiça de Deus, recebendo o baptismo de João. Mas os fariseus e os doutores da Lei, que não quiseram receber o baptismo, anularam para si próprios o desígnio de Deus.

Palavra da Salvação.

Todos: Glória a Vós, Senhor.

HOMILIA

ORAÇÃO UNIVERSAL

Sacerdote: Irmãs e Irmãos:

Num só coração e numa só alma, elevemos para Cristo as nossas súplicas pelas necessidades da Igreja e do mundo, dizendo, com toda a confiança.

– *Vinde, Senhor, e não tardeis.*

Todos: Vinde, Senhor, e não tardeis.



1. Pelo Papa Bento XVI, pelos bispos, presbíteros, diáconos e fiéis, para que contemplem no Menino de Belém Aquele que fez de nós filhos de Deus, oremos, irmãos.

Todos: Vinde, Senhor, e não tardeis.

2. Pelos que fazem as leis ou as aprovam, para que aprendam à luz deste Natal a defender e a promover a vida humana, oremos, irmãos.

Todos: Vinde, Senhor, e não tardeis.

3. Pelas crianças que perderam os seus pais, para que encontrem a seu lado quem as ame e lhes fale do Menino e do Natal, oremos, irmãos.

Todos: Vinde, Senhor, e não tardeis.

4. Pelos que neste dia estão tristes e sozinhos, para que reconheçam em Jesus, o Salvador, e O adorem como verdadeiro Deus, oremos, irmãos.

Todos: Vinde, Senhor, e não tardeis.

5. Pelas famílias, para que sejam mensageiras de Jesus Menino, que nasceu de Maria, a Virgem Mãe, oremos, irmãos.

Todos: Vinde, Senhor, e não tardeis.

6. Pela nossa escola, pelos seus dirigentes, professores e alunos, para que tenham como modelo Jesus, o Mestre, oremos, irmãos.

Todos: Vinde, Senhor, e não tardeis.

7. Por todos os professores, para que tenham Maria como exemplo de educadora e saibam encaminhar os alunos para a Luz do BEM, oremos, irmãos.

Todos: Vinde, Senhor, e não tardeis.

8. Pelas intenções que cada um traz no seu coração, para que o Menino Jesus os escute e os ajude, oremos, irmãos.

Todos: Vinde, Senhor, e não tardeis.

Índice

Introdução	3
Capítulo I – Prática de Ensino	5
1. Caraterização da escola	5
2. Caraterização da turma e escolha das competências a trabalhar	7
3. Interesses e gostos dos alunos: a motivação para a aprendizagem	9
4. A Educação e o Ensino – uma perspetiva sobre os valores subjacentes ao comportamento dos alunos	16
5. A Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica e os desafios de integração no Ensino Secundário	20
Capítulo II – Conhecimento, cidadania, integração e corresponsabilidade	26
1. Escola, formadora para a cidadania	26
1.1. A escola lugar de integração	28
1.2. A comunidade escolar, lugar de cooperação	29
1.3. A escola, lugar de autonomia	31
2. Jesus Cristo: modelo de integração, chama e integra na missão	33
2.1. Jesus Cristo chama	34
2.2. Jesus Cristo integra	37
3. Os discípulos corresponsáveis na missão de Jesus Cristo	40
3.1. Jesus caminha com os discípulos	41
3.2. Jesus Cristo envia em missão	42
Capítulo III – Motivar para aprender	46
1. Motivar para a aprendizagem em Educação Moral e Religiosa Católica	46
2. Aprender com os alunos: como vêm a Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica	48
3. Aprender com o testemunho do professor de Educação Moral e Religiosa Católica	50
4. A Prática de Ensino Supervisionada	53
5. As aulas de Educação Moral e Religiosa Católica e o futuro dos alunos	65
Conclusão	67
Bibliografia	70
Anexos	74